DAVID
LISBOA

F4388

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,

D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 14—6 de Setembro de 1890

## SUMMARIO

10 3065
29/10

SUICIDIOS POR TOLICE — CARACTERES DO *struggle* MODERNO: NA VIDA NÃO HA LOGAR PARA OS TYPOS INTERMEDIOS! — ELIMINAÇÃO DOS VENCIDOS PELO ALCOOL, PELO DEBOCHE E PELA MORTE SUBITA — LISBOA, POLVO DE PORTUGAL — AS MIGRAÇÕES PROVINCIANAS E A DECADENCIA AGRICOLA — O BRAZILEIRO D'AGORA, E SUA TENDENCIA PARA SE FIXAR NOS CENTROS DE PRAZER — GUERRA DE RAÇAS, E PHYSIONOMIA HISTORICA DOS COMBATENTES — A ARISTOCRACIA AUTHENTICA E A ARISTOCRACIA DO PÉ FRESCO — UM DITO DO MARQUEZ DE PENALVA

— O SNR. VISCONDE QUER ALMOÇAR! — BILHETE D'UMA RECEM-CONDESSA Á SUA COSTUREIRA — OS QUE FICAM PELO CAMINHO, ARREBENTADOS — CAUSAS FINAES DE TUDO — KERMESSES D'ALGÉS E CINTRA — A CARIDADE-*sport*, SEGUIDA DA INFLUENCIA DE VENDER SORTES, NO *flirt*. MÃES, NOIVAS E FILHAS — TRES LIBRAS PARA FUNDAR UM HOSPITAL — REUNIÃO DA *sociedade anti-escravista*, E DA *badauderie* DOS SEUS SOCIOS FUNDADORES — INDIFFERENÇA PELA ESCRAVATURA BRANCA, E POSTURA LYRICA PERANTE AS DESGRAÇAS DO PRETO ANONYMO — O HOMEM DA MINHA TERRA — DEFINIÇÃO DO TALENTO DO SNR. HINTZE, POR VIA D'UMA ANEDOCTA — OS TRES ARMELINS.

*31 d'Agosto.*

Ao martyrologio dos que se suicidam por drama, vem acrescentar-se o d'aquelles que se suicidam por tolice. O que mais complica em Portugal o infortunio, é a fatalidade de quasi todos os desgraçados serem tolos. Antigamente, quando o coração d'um homem ainda batia por um ideal alevantado, apenas eram conhecidas tres ou quatro grandes razões capazes de leval-o a abandonar voluntariamente a existencia; e tão poucas vezes succedia travarem essas razões a felicidade do pobre diabo, que raro adregava ter de se voltar a cabeça ao estrondo d'um tiro esmigalhando o craneo d'um vencido.

Agora na vida acabou-se o logar pr'os typos intermedios, e o justo meio termo entre o homem audacioso e o homem paciente, deixou de fazer maioria entre as populações que luctam pr'a comer. Os homens partiram-se em dois grandes formigueiros raciocinantes—os victoriosos, que fingindo acatar os direitos communs, só realmente vivem, como os grandes carnivoros, á lei da força brutal: e os vencidos, raça inferior que serve de presa ao devorismo dos primeiros, e que desmoleculada pouco a pouco, mercê da chimica social que não consente inercias espectantes, irá rareando da hecatombe dos grandes centros, té se perder, como certos indios d'America, nos recessos dos mundos mortos, onde algum jardim zoologico mandará caçar depois os exemplares mais pictorescos.

A lei d'absorpção que mete os pequenos estados na circumscripção politica dos grandes, que sacrifica as nacionalidades exangues ao egoismo das nacionalidades plethoricas e bem armadas, não é senão o caso amplificado do mesmo signo cruel, que põe na vida individual o patrão rico a explorar o operario pobre, o deputado a illudir a bôa-fé do

rustico eleitor, o grande burocrata a assignar com o seu nome, a obra do pequeno amanuense, o padre a engordar d'enterros, e o general emfim a arrogar-se victorias que só foram ganhas pela valentia do soldado.

N'esta injustiça pois de premios e destinos, emquanto o triumpho centuplica a audacia dos fortes, vae a timidez acachapando cada vez mais, a inania dos vencidos, de cujas liquidações finaes são testemunha as vendas d'alcool, as estatisticas hospitalares de loucos e cardiacos, os casos da morte subita, a prostituição e a miseria, *(b)* que tudo isto decuplica em Portugal d'anno pr'a anno — arcanjos d'estre-

---

*(b)* A estatistica de 1888 accusa a retensão de 382, 426 piteireiros, nos calabouços das nossas cidades e grandes villas do continente, onde a organisação da policia é regular. Só a capital forneceu á sua parte 6:340, entre capturados pela policia civil e guarda municipal. O numero de licenças pedidas em Lisboa, para a abertura de novas tabernas, elevou-se a 637, no anno de 89. Os suicidios foram, no districto de Lisboa, cerca de 390, entre frustrados e desfechando pela morte — mais 216 do que no anno anterior — e os casos conhecidos de morte subita, elevaram-se á jocunda somma de 3:472, nas cidades de Lisboa e Porto, e suas immediações.

Foram autoados em Lisboa por transgressão de postu-

minio, revertendo-nos consoladoramente ao estrume d'onde nunca deveramos ter brotado!

Por não ter dados que me permittam descrever, com scientifico rigor, os tramites d'esta lucta entre fracos e fortes, entre timidos e audaciosos, nas differentes areas da provincia, onde ella deve dar-se, como em Lisboa — divergindo em cada uma, está claro, conforme a natureza e a intensidade das causas e dos effeitos—circumscreverei o meu estudo particularmente á capital, onde mercê das migrações que a provincia quotidianamente ahi despeja, se póde dizer que está hoje condensada a vida

---

ras municipaes, 19:341 individuos, que deixaram na Bôa Hora 40:019$300 réis. Houve 2,358 prisões por offensas á moral, e 6,009 por mendicancia e vadiagem.

O livro das mulheres perdidas archivou 6:014 nomes—*mais 1:118 do que em 87!* D'aquelle numero, passante de dois terços era povo, creadas de servir, costureiras, cigarreiras, filhas de pequenos empregados, e 854 mulheres d'especie ovarina, que passa pela mais honesta e laboriosa da gente pobre de Lisboa. Em compensação, a capital de tantos bebedos, de tantos mortos, de tantos obscenos, de tantas prostitutas, teve apenas que registrar 146 desastres occorridos no trabalho!

do paiz. Essas migrações, escuso d'accentuar, são evidentes. A febre de civilisação que as estradas e os caminhos de ferro levaram á provincia, encontraram as populações n'uma crise de miseria insolvavel, vinda da decadencia agricola, que é em todos os pontos de Portugal absoluta, e crearam n'essas ingennas familias, até então aferrados á tradicção territorial e aos ideaes de vida primitiva, necessidades, para que os seus bolsilhos não estavam feitos, e para que os seus campos não produziam costeio sufficiente.

Os mais ricos entregaram as terras a administrações mercenarias, e vieram para Lisboa queimar os ultimos cartuchos, em carruagens, especulações de fundos, syndicatos e intrigas politicas. Os remediados, arrefecida a paixão do fóco, quebrado o elo que prendia, pelo amor do lucro, o filho do proprietario ao quinteiro em que os antepassados medraram, descaminharam os herdeiros por profissões scientificas e emprego-manias, que fizeram d'elles tristissimos sabios, prolematicos estadistas, e ambiciosos sornas e desillustres. Finalmente, os subalternos, que vivem das duas primeiras classes, acossados pela fome, vendo as suas po-

bres vinhas phylloxeradas, os seus soutos murchos, os seus olivaes ferrugentos, as industrias locaes sem procura, em ruinas a aldeia, lá debandaram tambem por sua vez, vindo os mais timidos trabalhar por serventes e carpinteiros, nas obras da cidade, e liquidando os mais ambiciosos, a casa paterna, para desertarem da patria, caminho do Brazil e das republicas florescentes do Equador.

A expansão pois que na capital se nota, ha dez annos, não provém tanto d'um desenvolvimento de riqueza, como d'um trasbordo de fugitivos que perderam o siso, e se enfastiaram de vegetar sem proveito, no remanso das suas quintas devastadas.

Lisboa é uma cidade que se está doirando com os restos da riqueza de trinta ou quarenta cidades: uma feira das vaidades que se enfeita com os desmazellos de quatro ou cinco mil fortunas ruraes comidas de hypotheca. Mesmo o Brazil, a quem nós devemos tanto, e que é ainda hoje a unica florescente colonia portugueza—porque nos dá, sem despeza, e beneficia o paiz com o melhor de trinta ou quarenta mil contos annuaes—o Brazil, quando outr'ora nos mandava, em commendadores

millionarios, os pobres colonos que para lá iam trocar por moeda os nobilissimos esforços do seu braço—ha trinta annos ainda—em vez de fazer parar esses beneficos obreiros nas capitaes de prazer, em vez de lhes engolphar os thesouros nas grandes especulações a que os governos dão ala, com previlegios infames e garantias de juro, recambiava-os, ingenuos e nostalgicos, aos seus campanarios d'origem, onde a agricultura lhes merecia zelos, ternuras, sacrificios, em termos d'elles haverem sido para muitas terras do norte e do meio dia, os successores dos antigos frades, os zeladores da ordem e da prosperidade publica, o espirito de progresso: e municipios, bancos, e juntas de parochia, ao mesmo tempo!

Leia-se agora o registro das centenas d'edificações a construir nas ruas de Lisboa; mais de metade pertence a brazileiros. Mas em compensação, não ha na provincia uma unica tentativa de restauração viticula, um ensaio de cultura nova, uma empreza d'arroteio e transformação de terras baldias, uma grande rouparia ou uma granja modelo, a que esses argentarios tenham querido entregar o seu dinheiro.

Ainda a nossa capital lucraria com aboletar nos seus bairros, este afluxo de gozadores e de necessitados, que atráz disse, se por ventura a mór parte trouxesse dos seus lares, o aferro incondicional do trabalho, o espirito d'ordem, o sentimento d'economia, e os habitos certos, e os affectos familiares, que na provincia teem quasi todos. Uma tal invasão corrigiria ao menos Lisboa, que é ainda hoje a mais desleixada, a mais porca, e a mais artificial de todas as capitaes do universo. Mas vae que a passagem d'essa gente, dos seus logarejos nataes, para um acampamento promiscuo, como este, d'á beira Tejo — esta passagem que em principio só lhe deslumbra saloiamente os olhos — depois fére-os no peito, entra a contaminal-os de todos os vicios e de todos os fastios da vida alfacinha, desencaminha-os da sobriedade primeva, para os esgotos do gozo dia a dia, e completa afinal a sua obra, quando lisboetisados os ricos em janotas, e os pobres em fadistas, acaba de lhes tirar o pouco que elles traziam de bom, das suas terras.

Postas estas premissas, vejamos entre que camadas de população lisboeta, sociologicamente distinctas, se trava a guerra de raças que atraz disse. É evidente que tendo essa guerra por fundamento o antagonismo entre os elementos da vida antiga, e os elementos da vida nova, a pugna explosirá todas as vezes que esses elementos se interceptem o caminho, os velhos para defender seus fóros e tradicções, os novos para consquistar, pela força da audacia sem escrupulos, o logar dos velhos. Na classe aristocratica, na politica, na burocracia, no commercio, entre a industria, entre o povo, desde que os dois grupos antagonicos se afrontam, é inevitavel o choque, e a peleja certa; e ou se suba ou se desça na escala social, a attitude dos dois grupos belligerantes é identica. Quero dizer. Do lado dos sectarios do que impropriamente, á falta de termo, chamarei antigo regimen, um aferro incondiccional pelas coisas estabelecidas, respeito cego á lei, um orgulho pelo direito de nascimento e d'eleição, actividades ronceiras mas prudentes, ideias curtas mas firmes, o horror de aventura, um ideal politico auctoritario, a estima da riqueza adquirida de vagar, e

lá bem no fundo das consciencias, a vaga convicção de que o paiz é uma conesia hereditaria e impartilhavel com os que vieram depois d'elles. Estas douctrinas, o grupo dos aventureiros novos regeita-as, e para annullal-as todos os recursos lhe servem, e todos os campos de batalha lhe são faceis. Como d'esta banda não ha interesses que defender, e pelo contrario tudo a conquistar, os combatentes escaramuçam á lei de mercenarios, negando tudo, excepto o direito de saque apóz a guerra, prégando que a immobilidade das coisas deprava os homens, e que só das renovações sociaes violentas podem sahir para as nações, validos e triumphantes amanhãs. Eis o que faz o rechaço d'interesses e d'idéas que actualmente vae pelas talhadas d'esse sorvado fructo que se chama a população de Portugal, e da qual Lisboa nos offerece á vista tão condensados specimens.

Comece-se pela aristocracia. A gennina consta d'uma duzia ou duzia e meia de familias d'onde a coròa tira o seu pessoal familiar, e que quasi não recebe, não priva, nem

vive senão comsigo propria, regeitando se é rica, como os Fronteiras e os Palmellas, tudo quanto cheire a nobreza d'enxertia e d'armazem, e recluindo-se, se pobre, n'algum canto ignorado, onde passa a vida a evitar os paralellos humilhantes e os contagios vulgares, educando os filhos em officiaes do exercito, e as meninas em irmãs da caridade, como no velho tempo. É uma classe distincta, um pouco banal vista por dentro, mas enthronisada *quand même,* n'uma altura d'orgulho que a defende contra os ferózes cercos da sua antagonista, a aristocracia do milhão, a aristocracia do pé fresco; e que mau grado as capitulações a que é forçada n'uma ou n'outra familia, por falta de viveres, ainda agora dá typos de certo effeito palaciano e decoral. Todos conhecem a resposta do velho Penalva, a um Armstrong que folheava deante d'elle um livro de linhagens.

—Póde dizer-me, marquez, onde encontrar n'este livro, os antepassados da minha esposa?

—Os antepassados de sua esposa . . *mm, mm* . . . sim, ella devia ter antepassados, sua esposa. . . Olhe, procure o amigo isso, no segundo volume.

—Mas disseram-me que a obra tinha um só!

—Por isso mesmo, por isso mesmo!

Garrada a esta nobreza de sangue, e que se o não tem puro por cruzamentos, ao menos o tem por intransigencia de conducta, ha uma outra nobreza saburrosa, filhas de fidalgos casadas com filhos de tendeiros—espertalhões sem patria galardoados com titulos que representam a subserviencia dos reis e dos governos perante a usura dos agiotas que lhes taparam as faltas de dinheiro—proprietarios boçaes a quem a Avenida esferveu o sangue de cavadores, e que julgaram ter liquidado os cálos das mãos, no dia em que sahiram *biscondes* ou *varões* do proprio apellido: uma nobreza de dubios e de tolos, de presumpçosos e de typos emfim, na qual todos os esforços miram esta ideia deshonesta, apagar a origem, e destruir um passado incommodo por qualquer titulo. A um recem-titular que eu visitei, na manhã seguinte ao dia em que a munificencia real o aviscondalhára, ouvi dizer para o creado:

—O snr. visconde quer almoçar, e se durante o almoço do snr. visconde, alguem pro-

curar o snr. visconde, diga que o snr. visconde não recebe.

—Sim, senhor Guimarães, torna o creado.

—Guimarães?! Upa! Upa!

Um praticante de Restello perguntava-lhe:

—O' patrão, o duque de Cadaval tambem teve botica, com'a gente?

E ninguem esqueceu ainda o bilhete d'aquella mulher de banqueiro á modista, quando o marido subiu a titular «minha amiga, venha esta tarde sem falta tomar-me medida d'um vestido de condessa...»

Entre si, estas duas aristocracias detestam-se, a authentica por desprezo, e por ciume, a outra. Do lado da authentica não se perdôa uma só das circumstancias moraes que possam pôr em cheque, a falsa. É a recusa systhematica de partilhar com ella as festas de beneficencia, de a admittir aos seus cenaculos intimos, de a intrometter nos cargos da côrte, de frequentar com ella os sitios de villegiatura e de prazer... Lá onde a altivez d'uma duqueza kereditaria póde arranhar o madamismo d'uma baroneza episodica eventual, o

conflicto é certo, e a comedia em todo o ponto inimitavel.

Uma familia recem-titulada casou ha poucos annos uma das suas filhas, com o filho d'um dos nossos grandes negociantes de fazendas, effectuando-se a benção nupcial no palacio d'um titular que residia fronteiro á casa do noivo, e cuja esposa commentava d'est'arte a cerimonia. «Desde a casa d'elles, até a minha capella, vinha adeante um creado, desenrolando um tapete, para o cortejo passar, e atraz ia outro, enrolando o tapete, depois do cortejo ter passado. Ah, foi bonito! o tapete ficou como novo, e agora ainda o podem vender, no armazem . . .»

Tanto o papel social d'esta tropa fandanga é deleterio, que a aristocracia e a burguezia fecham-lhe as portas, embora ella de vez em quando lhe metta hombros, e penetre á força nos salões onde ninguem lhes offerecera um *fauteuil* d'intimidade. Alguma vez as festas que ella dá, estonteam no seu orgulho a nobreza authentica, o lado feminino sobretudo, que apezar do *rang* nem sempre tem podido evitar um calafrio de ciume beliscado. Entanto essas exhibições, que os reporters descrevem

com a mioleira ainda azuada do Champagne, e cujo secreto intuito apaga o que n'ellas podesse haver de delicado, essas exhibições, morto o clarão do ultimo lustre, só deixam empóz si um vago fetido de feira e baile publico, a explosão d'alguma nova tractada, ou os proclames d'algum aparatoso casamento.

A lucta que traz esta especie d'especuladores e de *parvenus* n'uma continua febre de se fazerem logar nos salões escrupulosos, é uma coisa tão complicada e tão dura, tão paciente e tão sutil, que se faria um volume só com os *pour-parlers* que d'ella correm, em geito de se provar que para certos ricos, o *struggle* é bem mais cruel do que para certos pobres. Todos os processos são achados bons para a conquista d'essa almejada e nunca plenamente conseguida intimidade: kermesses e hospitaes de meninos orphãos, arvores do Natal e procissões nos claustros dos conventos, beneficencia e subscripção nacional, regatas e tiro aos pombos... — e sempre, de cada vez que seis fidalgas de sangue azul fazem um passo para uma bella obra, logo seiscentas outras, de calcanhar rachado, advem co'a bolsa aberta, prestes a arruinarem as casas de banco

dos maridos, comtanto que possam mostrar, da marqueza ou da duqueza, um *petit billet* para os seus chás. Ha tempos, começou a rainha a reunir em Belem algumas pessoas mais proximas: immediatamente empenhos ás centenas, de *pannados* e de *pannadas,* sollicitando entrada—sendo o picante, que esses empenhos não miravam tanto a honra da recepção real, como o desejo d'aproveital-a em gazua para forçar as portas d'umas tantas casas ainda implacavelmente aferrolhadas.

Seria um inventario fastidiosissimo a historiação, ponto por ponto, d'esta batalha de guerrilhas havida nas differentes camadas da sociedade portugueza, e que, quer se peleje nas altas, quer nas baixas classes, tem sempre por causa remota o mesmo choque de principios que atraz paz, e por determinante sempre o mesmo jogo de ciumes e d'interesses que especifiquei para a familia aristocratica. Tão perceptivel esta lucta é, que me dispenso de a detalhar por episodios. Quem na quizer por exemplo vêr latejar na politica, pergunte aos velhos parlamentares do tempo de

Sá da Bandeira, o que pensam dos impetos do snr. Navarro, e das manhas jezuiticas do snr. Lopo Vaz. Quem na quizer sentir no exercito, consulte o snr. Duval Telles a respeito das qualidades militares do snr. José Paulino. Quem na quizer sentir na sciencia, alcance que o snr. José Julio lhe dê a sua opinião sobre o dr. Lourenço. Quem na quizer sentir no alto capitalismo, falle ao snr. Seixas dos processos de fortuna do snr. Burnay. Por toda a banda enfim onde duas creaturas se afrontem, esse antagonismo resalta, entre o velho e o novo, entre o hontem e o amanhã, sendo impossivel dizer se ao cabo de tanto trabalhar, ficará vencedor alguem capaz d'imprimir caracter no Portugal futuro, e de garantir á sociedade portugueza uma existencia autonoma, a despeito das vicissitudes e dos pessimismos circumdantes. Entretanto esta batalha seria talvez fertil, como renovação d'energias indomitas, se mercê de debilidade congenta do sangue, ou contrahida pela educação, metade dos soldados não ficassem rebentados, sem baptismo de guerra sequer, na escarpa do primeiro falude a vencer, de bayoneta em riste, e mochilla ás costas. Como se todos tivessem nascido para

destinos de principes, o menor contratempo desillude esses inermes, e os faz desertar da marcha forçada em — póz da fortuna traiçoeira. À preguiça que lhes deu o clima, juntam o fatalismo sorna que a tradicção historica lhes deu, e a cobardia physica, vinda da dependencia estrangeira e da esmolante miseria em que Portugal tem vivido, desde o senhor D. João IV. Nenhum paiz possue, sob este ponto de vista, mais automatos. A iniciativa particular escandalisa a nossa inercia. Qualquer vontade medianamente energica nos faz medo. E d'aqui dois males graves. O primeiro é aguardarmos toda a vida, por um fundo sebastianico de raça, esse protector mysterioso que n'uma manhã de nevoa ha-de vir pôr-nos a mêza, arranjar-nos o emprego, mobilar-nos a casa, casar-nos rico, e que não vindo nunca, constantemente nos impede de ganhar a vida por um trabalho solido e hygienico. O segundo é estarmos aptos a soffrer constantemente o jugo d'um subalterno audaz que qualquer golpe de mão leve ao pinaculo, e que uma vez sagrado chefe, chicoteie a seu gosto a caterva de humildes pulhas que nós somos. Estes dois males ponte-vistam a historia de todas as nossas miserias e de todas as

nossas subserviencias, internas ou externas, quaesquer sejam, e vão-nos approximando com uma acceleração vertiginosa, do terrivel dia em que enfeudaremos por completo, futuro e casas, ao devorismo da primeira potencia forte que nos queira.

E o que mais confrange, é esta abdicação, no Estado como no individuo, ser feita d'indolencia estupida, de desgoverno insolito, de falta de brio civico. Não nos cerceia a miseria filha d'um estancamento completo de recursos: cerceia-nos o desleixo, derivante d'um descaminho de força, e d'uma applicação viciada de predilecções e faculdades. A maioria das nossas populações é feita d'esses typos intermedios, espectantes, passivos, em que lhes fallei no começo d'estas notas, que os fortes pisam e manietam ao seu carro, e para que não ha logar na vida agitante dos nossos dias. O resultado é este: em cima, o paiz gozado por dez ou doze charlatães, de parceria com dez ou doze bandidos, o todo fazendo permuttações d'infamias e jiga-jogas de negociatas, que lhes permittam aguentarem-se alguns mezes mais no tombadilho: em baixo a massa avulsa, morrinhenta, sordida, sem força, des-

illudida de tudo, irrespeitosa de tudo, insultando-se como os bebedos, soffrendo o azorrague como os cães, vendo passar as affrontas indifferente, e deixando-se cahir alfim no proprio vomito, onde a lethargia a açovaca, té que uma chicotada nova a faça outra vez estrebuchar!

Ponde na inferioridade antropologica do negro, a sordidez dos arabes do Cairo, que o inglez só aproveita como engraixadores, e tereis realisado o typo commum das nossas gerações contemporaneas, onde se perdeu tudo quanto faz do homem, não já uma machina pensante, mas um instrumento automatico de trabalho. Foi a educação? Seria. Mas é principalmente a carie peculiar das raças que liquidam. Ha noventa annos que isto vinha principiado. Nós somos bem os filhos d'esses rufiões que puxaram o carro de D. João VI, e para quem Pedro IV, de bordo do chaveco inglez *Congress,* cercado d'inglezes bebedos que lhe chamavam *portugueze dog,* por entre os acordes do *Rule Britannia*, enviou esta proclamação caracteristica «não me obrigueis a libertar-vos á paulada.»

Uma ou outra vêz, n'este agonisar de na-

cionalidade que o mesmo bacillus róe té á medulla, lá vem a visita da saude aclarar um instante o coma publico: vêem-se então multidões migrar das suas terras, mais por tedio do que por fome, pedirem naturalisação a paizes estrangeiros, desertarem da bandeira que já não é para ellas o symbolo de nenhuma gloria, mas um sudario d'infamia confessa: e nas cidades, a canalha d'inermes, arrastada pelo remorso ao tribunal das suas instantaneas consciencias, debater-se entre ephemeros protestos de vida nova, p'ra que já não ha fé, nem illusões, nem probidade, e prestes amollecer na chufa, indo servir de pasto ao desprezo da Europa, de que nós somos ao mesmo tempo a syphilis e a latrina. É d'esses entreactos que as estatisticas recolhem então aos 380:000 bebados errantes, ás 20:000 vesanias obscenas, exhibindo polluções ignobeis pelos cantos, aos 400 suicidas futeis, estilhaçando os craneos por namoros infelizes e por botas rotas, e ás 6:000 prostituições de raparigas enfim, na mór parte arrancadas ás antigas classes de trabalho.

De sorte que o salve-se quem poder, não deve exprimir-se no momento actual, por este

grito: *quem nos livra dos inglezes!* mas por este outro—quem nos livra de nós mesmos!

*3 de Setembro.*

Kermesses no jardim d'Algés, e no terreiro dos Pisões, em Cintra, todas as quintas-feiras e domingos. As senhoras da alta, cuja philantropica boa fé reverte a bons designios, nos intervallos que a vida elegante lhes deixa para pensar nos pobres, parece haverem tomado predilecção por estas exhibições de beneficencia, e previsto o partido a tirar d'um *toilette* fresco, posto ao serviço d'uma intenção compadecida. Duas vezes por semana, ás tardes, quando a velligiatura d'aquellas duas estancias da socéga burocratica, envergado o veston de flanella, e o vestido de surah bordado por baixo com flôres aquaticas e emblemas de regata, converge em ranchos aos logares de passeio, a digerir os *croquettes* do hotel, é para as gentis vendedoras de sortes, todo um regalo d'evidencia e de vangloria feminina. Travestir-se em mulherinha de capellis-

ta, só pelo prazer de sustentar o albergue dos meninos cegos: que evangelisação suprema da bondade e da moral christãs!

Trocar por papelinhos enrolados, o vintem da esmola publica, alli bem á vista dos reporters e dos noivos: que interpretação sem par na arte de fazer bem! Como é romanesco continuar S. Francisco de Paula, sob uma tenda de lona, ao som da *Portugueza,* e com diamantes de cem libras nas orelhas! E o prazer virginal das que conseguem fazer sahir um paliterio de porcellana, a um saloio que se achega com um tostão na ponta de dois dedos—

—Oh senhora, passe p'ra cá cinco sortes... agora não m'intruge!—d'essas maiores.

A alta comedia do coquettismo, que todas representam ao balcão da barraca, em Reichembergs consummadas, e que rejuvenesce as mães, ao tempo que dá realço á gentileza pallida das filhas, bastaria a um psychologo minusculo, para a factura d'um livro raro de confidencias sobre a variabilidade e a estranheza d'isso que tem por nome, *eterno feminino.* Nunca como hoje, a moral de Jesus serviu de disfarce a mais innocentes falcatruas,

no ponto em que a religião e a modista se [illegible] o braço para a mesma conspiração de [illegible] e mundanismo.

Por ventura alguma vez succederá, que ao venderem sortes para os pobres, muitas d'essas encantadoras kermesseiras pensem menos nos pobres, do que em si proprias.

—Caridade bem entendida, dizia o rifão... e para bastantes rezulta tornarem-se os meninos cegos em Santantoninhos cazadoiros; a pontos que á força de venderem sortes brancas, uma ou outra se decide a dar-se alfim ao tostão d'algum comprador mais aprumado. Depois, essa philantropia em barracas de lona, ao som das *colondrinas de amor,* é um sport tão barato! Com um par de jarras das Caldas, e algumas tardes de venda na kermesse, qualquer princezinha morena ou loira, das grandes familias, se arrisca a ganhar pela caridade, o reino do ceu, e pelas locaes mundanas do Luiz da Costa e do Alberto Braga, uma celebreirasinha terrena, das mais guapas. É celeste e economico. Maridos e papás exultam d'esta pratica da philantropia a preços modicos. E mesmo que as prendas não saiam, que a musica não chame, que a gaveta não pingue, e

que a situação dos meninos cegos não melhore, ao fim de dias e dias de kermesse, sempre uma d'essas elegantes benemeritas póde dizer ás suas amigas, alongando o momo do labio, em pinta de copas:

—Ah, vocês divertiram-se, mas eu! Todo o tempo da villegiatura a vender sortes. Mas valeu bem a pena! Imagina tu, apurámos treze mil réis. E com isto, não é verdade? já se funda um hospital...

*4 de Setembro.*

Lá reuniu outra vez a sociedade anti-escravista, e como no principio, poderia alguem pensar que os phillantropos agremiados á vóz do snr. infante D. Affonso, antes de se decidirem a impedir o commercio d'escravos na costa oriental do continente africano, restringissem o seu raio de visão até outras escravaturas mais perto, e que sendo brancas e decorridas nas proprias bochechas da civilisação, lograssem tocar de preferencia a fibra humanitaria d'aquelles nunca assaz sensiveis puritanos.

Não succedeu assim porém, e haveremos que pasmar das gigantescas lalutas da nova sociedade, que com duzentos ou trezentos socios, alfacinhas todos, e sabendo a geographia do João Felix na perfeição, se propõe fazer guerra ás carregações de negreiros zanzibaritas, medeante o capital das quotas mensaes (cruzado por cabeça), e uma entrada extraordinaria no tempo dos banhos, sem pagamento de joia.

Seja-nos então permittido supplicar a Deus para que com a sociedade anti-escravista não venha a succeder o mesmo do que com a sociedade protectora dos animaes — benemerita e estimada entre os seus protegidos, a ponto de não haver cão que se não atire ás canellas do primeiro socio que reconheça na rua; e tão querida dos cavallos de carroça, que nenhum protector contia a estes animaesinhos o transporte das suas mobilias, nas epochas de villegiatura, sem passar pelo desgosto de as vêr em fanicos, n'alguma estrada dos arrabaldes.

Estou a ver a postura lyrica dos membros da nova sociedade, perante as miserias d'um preto que elles nunca viram mais gordo, e

não posso deixar de me rir quando a compáro á rispidez com que alguns tractam os seus creados e subalternos, e á absoluta indifferença com que todos vão consentindo n'essa escravatura de portas adentro, que os traficantes d'emigrantes exercem em pleno dia, em todas as povoações de Portugal.

Que farcista está sendo entre nós esta entidade que se chama o homem publico! e como todos os seus actos obedecem a um toque de tambor e a um pregão sonoro de barraca de feira! A caridade de sua mão esquerda, é não só conhecida da direita (ao contrario do que o Evangelho recommenda) mas de todas as mãos e pés do bairro em que essa mão deixou cahir o pataco da commiseração, na bandeija de prata *repoussée* que a ministra ou a rainha lhe estenderam. Fazem o bem, não pelo bem, mas como preço d'um coupon que lhes é descontado depois, em moeda de metal sonante, ou de vaidade.

Estes anti-escravistas lembram-me os faias, que espancam as mulheres ligitimas, e andam pelas tascas lamentando á guitarra as tribulações da Severa. Diabos me levem se a maior parte d'estes anjos da caridade do preto, não

regateia dez reis no preço das camisas, á engommadeira pobre e carregada de filhos!

São pouco mais ou menos como um desavergonhado que eu conheci na minha terra, grande egoista, abastado, e que deixava o irmão quazi cachetico, pedir esmola de porta em porta. Todas as tardes, á chegada do correio, ia o mariolão de casa em casa, com o *Noticias* na unha, o ar desorientado, a lagrima latente, a voz n'um gorgolejo de soluços: e afrontando os amigos, os conhecidos, os simples indifferentes, deixava-se cahir esmagado de dôr, n'uma cadeira.

—Ah, meus amigos! que desgraça, que grandecissima desgraça!

—Que foi? Querem vêr que lhe morreu o mano, coitadinho?!

—É aquelle pobre imperador d'Allemanha! o Frederico! que por modos não dá esperanças nenhumas de vida...

*5 de Setembro.*

—O snr. Hintze Ribeiro: especie de cretino cego, cujos oculos a politica tomou por or-

gãos visuaes. A quando estudante, como um dos seus intimos, que voltava d'Italia, se entretivesse a discretear sobre se a inclinação da torre de Pisa seria proposital, ou devida a qualquer abalo de terra, o grande homem interrompeu-o, dizendo:

—A um abalo de terra, sem duvida! Olhe as pyramides do Egypto...

—Armelim Junior, escriptor vulgarisante, e conforme elle mesmo declara, humanitario, dando a lume um livro de *Tabaco e d'alcool*, põe-lhe na frente esta dedicatoria ao seu similar Luciano Cordeiro

*«ao Bayard das lettras patrias»*

e est'outra ao prestimoso Costa Godolphim

*«ao dos mais original economistas portuguezes...»*

Está a gente a vêr como estas pécoras se fazem logar na capella mór, umas ás outras, d'onde melhor possam mostrar as mamas aos freguezes. Eh, mulhersinhas! Fóra d'ahi, que

empulgam os tapetes. Não vêem isto? a fazerem-se *plongeons,* como duquezas. Ora os coiros!

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 15 — 13 de Setembro de 1890

## SUMMARIO

## A espoliação portugueza n'Africa

(PAMPHLETO AOS FRACOS)

*9 de Setembro.*

Com o tratado anglo-portuguez de 20 d'agosto, que dois imbecis subscreveram sob as vistas de lord Salisbury, nas condições de nem sequer salvarem para o paiz, uma apparencia de vantagem, embora graphica e platonica, ultimam as grandes potencias a realisação d'um ideal, que desde o começo do seculo vinha formulado pelos seus economistas e politicos —qual o de se destruir a primitividade simples do negro com os esplendores facticios da vida velha, e de se talar a Africa de ponta a ponta, a pretexto de civilisação, com os famintos que perturbariam na Europa o sybaritismo dos ricos, e com os excessos de pro-

ducção para que já começavam a escacear mercados, na restante parte solida do globo. Esse mysterioso recesso de bestas selvagens, ás portas da Europa, inacessivel quazi por espaço de quatro seculos á curiosidade d'outros audazes que não fossemos nós, só logrou esthesiar a cubiça das nações expansivas, quando os mais continentes se acharam impantes da sua colonisação e da sua actividade. Emquanto no resto do mundo houve continentes onde lançar fundamentos de civilisações mercenarias, terras onde semear pão p'rá Europa egoista, florestas de que lhe construir navios e casas, minas d'onde lhe saccar o oiro que faz moeda, portos onde fundar cidades, raças que supprimir e subjeitar á crueldade branca e tenaz do *homem superior*, a Africa permaneceu fechada ás invasões dos povos maritimos modernos, té que a sciencia interferiu a luz dos seus dictames no sentido de rasgar aos olhos d'esses povos, os lendarios pavores que envolviam o incommensuravel territorio, para offerecer-lh'o como ultimo celeiro e como ultimo acampamento. A expedição de Bonaparte ao Egypto, d'onde sahiram as explorações subsequentes da Abyssinia, do Soldão occidental e me-

ridional, e mais recentemente, da abertura do canal de Suez: a occupação ingleza do Cabo (1815) feita á custa do estreminio completo de duas raças aborigines, a cafre e a hottentote: a conquista d'Argelia pela França (1830) que custou a vida a milhões d'arabes, seus antiquissimos possuidores; as explorações francezas da Senegambia: as tentativas colonisantes da Inglaterra no Golpho de Guiné, onde o missionario Saker tinha fundado desde 1858, a estação Victoria, nas faldas vulcanicas do Cameroun; e as tentativas colonisantes allemãs, tateadas ás furtadellas, desde 1851, na provincia d'Adamaua e ribas do alto Benué, com o auxilio d'algumas feitorias hamburguezas, etc., etc., eis as primeiras tentativas serias das grandes nações á partilha d'Africa (é claro que elimino a occupação portugueza, que esta, além d'antiga e fundada em descoberta, foi a unica que pôz a Europa no rastro na sua nova presa). tentativas quazi todas circumscriptas á costa, ou sequer avançando sem methodo, n'um meio hostil, entre populaças hostis, quando já nós viviamos e procreavamos em toda a parte d'Africa, e quando já os nossos negreiros e sertanejos faziam da lingua portugueza, uma lin-

gua geral, no interior, indo de costa a costa, sem receio dos massacres ou dos pantanos.

Só nos ultimos quarenta annos, depois dos missionarios e traficantes propalarem a opulencia interior da terra negra, é que o mercantilismo da Europa, batido pelas crises financiaes que todos conhecem, cahiu em expedir-lhe um pessoal scientifico, e em lançar com methodo as grandes linhas d'uma exploração formal e productiva. N'essas expedições ia um pouco de tudo: o missionario adeante curava os enfermos e dava collares de missanga ás raparigas; seguia-se o engenheiro que estudava os caminhos, o geologo que perscrutava os terrenos, o botanico que recolhia as plantas, o agente commercial que suggeria necessidades novas aos indigenas, e ia estudando a possibilidade de futuros mercados; e finalmente o enviado politico, que achando o regulo bebedo, a mulher contente, e o povo cheio de langas novas, fazia aceitar a esses pobres diabos o patronato incondicional da nação que o destacára até alli.

Mas assim como no dominio costeiro d'Africa fomos nós os primeiros senhores, e houve

que nos pòr fóra, quem se quiz installar depois, assim nas travessias do interior, a cada passo, francezes, inglezes e allemães, comnosco topavam, já aceitando agazalho e guias portuguezes, já seguindo as caravanas dos nossos sertanejos, passando os reinos mais ferozes sob as dobras da nossa bandeira, illudindo as desconfianças dos regulos com interpretes que lhes fallavam a nossa lingua — e por mais longes terras que percorressem, qualquer o raio do quadrante por que seguissem, sempre ruinas de fortes nossos, d'igrejas nossas, sensalas nossas, padrões de posse nossos — por toda a parte o nosso genio, a nossa lingua, a nossa physionomia antiga, e a nossa audacia! Para aquelles aventureiros orgulhosos, a principio, o vestigio europeu do nosso passado, é como um adeus de mão hospitaleira, dizendo-lhes que entrem, e comam, e prosigam socegados. Mas as primeiras agruras vencidas, perdido o medo, esse aspecto da nossa grandeza moral, unico fetiche a que o selvagem d'Africa accende lampada, torna-se-lhes n'uma especie d'obsessão antipathica, n'um fermento d'inveja rancorosa, e desespera-os, e vira-os pouco a pouco contra nós. É a rasão porque o tão

miseravel quanto afortunado Stanley falla de nós extatico, a principio, para nos achar depois um povo de negreiros e barbaros dissolutos, e porque Cameron, Brazza, e o proprio Livingstone, tão amanteticos aquando fruindo os beneficios da nossa influencia colonial, destrellam a nos morder como mastins, apenas logram saccar da quasi subserviente boa fé das nossas auctoridades do ultramar, quanto lhes póde servir nas suas para nós traiçoeiras travessias. Ao inglez sobretudo, estas coisas irritam-lhe a vaidade, porque nós somos o seu remorso vivo, a Irlanda tropical que elle persegue e rouba desde o reinado d'Affonso V, e porque o nosso abatimento ao fim de quatro seculos de ciladas, de hypocrisias e de traições, é obra sua.

De longa data os seus corsarios seguiram a rota dos nossos galeões, á caça de terras que nós descobriamos, e que por mal guarnecidas, elles muitas vezes assaltavam. Quando das costas, os nossos pelouros varriam a injuria da pirataria arvorada em fonte de receita official da rainha Elizabeth, a ladroagem bretã fazia-nos esperas nos mares, batendo os galeões que vinham da India, e alardeando pu-

blicamente estas infamias, com envaidecimentos de quem celebra feitos prestigiosos. *(a)* Enfraquecida a metropole, a autonomia extincta em 1640, por factores similares dos que nos estão cavando a sepultura, o inglez acha o nosso imperio colonial á sua espera, e ahi se installa, como hoje está fazendo ao que até'gora conseguira escapar das suas reprezalias. Na India como na America, na Oceania como na Africa, o seu papel consistiu quasi

---

*(a)* «..... reforçou-se o côrso, e legalisou-se a pirataria n'estas costas pela protecção official da grande Izabel. E quando em 1580 o colosso portuguez baqueou, enfraquecendo-se e esfacelando-se nas mãos da Hespanha, a caça e a céva no commercio e navegação nacionaes, tomaram o aspecto furioso d'uma guerra de morte. Assim cahiram os galeões da India, e com elles a riqueza e a sciencia da navegação do oriente, nas mãos dos Fenner, Foster, Whiddon, Dracke, Bird, Newton, Cumberland, Grenwill, Flycke, Frobisher, Howard, e outros, que desde 1581 a 1591, sepultaram nas ondas a marinha portugueza. Conta Linschoten que só no anno de 1589, de mais de duzentos navios que então recolhiam a Portugal ou á Hespanha, apenas quatorze ou quinze escaparam ao furor das ondas, ou ás armas dos inimigos..... Esta opposição, se por um lado os demorava, por outro os enriquecia, porque os obstaculos que desviaram os inglezes da India,

exclusivamente em espiar-nos os passos, e em se apropriar da casa feita. Quando nos viu bem despreziveis de fraqueza, deu-nos hypocritamente o braço, como faz um herdeiro avulso ao sopezar o ultimo alento vital d'um velho millionario. Assim, cuidando que elle nos amparava, protegendo essa tolice enorme da Restauração de 1640, o que fizemos foi perder pela segunda vez occasião de sermos

---

eram largamente recompensados pelas riquezas que arrancavam aos portuguezes. Este proveito era tão real, tão seguros eram os lucros, que se o negocio dependesse da sua escolha, a Inglaterra, diz um escriptor britannico (Hackluyt) teria de boa vontade renunciado á vantagem de formar estabelecimentos na India, contanto que lhe fosse conservada a de saquear os navios portuguezes, cuja tomadia se avantajava a todos os lucros do commercio.

E continuou saqueando-nos até 1595, anno em que a concorrencia da Hollanda, que mandara ao oriente a frota de Jehans de Molenaar, por ventura determinou a rainha Izabel a enviar á China barcos inglezes. Entretanto mandavam-se e mantinham-se espiões muito habeis, que partiram mais d'uma vez nos proprios navios portuguezes, para observar o estado do nosso poderio e a disposição dos mares . . . . . »

*(O snr. Carlos de Mello,* **Os inglezes na Africa austral**, pag. 8.)

fortes, embora d'outrem, e cahirmos para sempre nas suas garras d'albatróz, aceitando o martyrio de quotidianamente lhe abrirmos as nossas arterias, porque elle beba á farta o sangue estrangeiro de que se nutre. Então como hoje, o seu processo commosco, não tergiversa um momento do desprezo sardonico que um carrasco vicioso deve á victima, e da carniceira *chantage* com que um ladrão de montanha tracta um viajante. É sempre no intuito de manter commosco *cordeaes relações d'amisade*, que essa desprezivel canalha ingleza nos põe a faca aos peitos. Sempre por nos dar mais um penhor da sua ternura como antiga alliada, que ella se decide a nos roubar annualmente uma colonia. Ameaça-nos a rir, cava a nossa ruina com o ar de lhe ficarmos inda por cima agradecidos.

E eis que chegada a hora de partilhar definitivamente a Africa, a Africa de que nós eramos não já um senhorio, mas politicamente uma dependencia, a Africa que nós maritimamente tinhamos circumscripto, descoberto, sulcado, occupado, civilisado, a Africa, sonho colonial da Europa moderna, ha 400 annos nossa, todas as nações maritimas sentadas de

roda do mappa, tallham a seu gosto o dominio que melhor condiz ás suas pretendidas aptidões civilisantes—a Italia como a França, a Belgica como a Allemanha—e quasi todas ampliando á custa das nossas, as suas occupações! Só por mercê de *amisade* tri-secular da ladra que o protege, Portugal tem d'assistir immovel a este pasto de feras, consentindo o leilão do seu patrimonio historico, e subjeitando o que lhe fica a um regimen de subserviencia, que o proprio negro repelliria de si com indignação!

Porque é de saber que n'esta partilha d'Africa, Portugal expia não só os desmazellos e os erros da sua incapacidade colonial, como tambem paga em terras e dominios, as indemnisações impostas á Inglaterra pelas demais potencias, que desde 1883 lhe teem refreado as soffreguidões africanistas. A nossa infamissima alliada é como estas megeras que espancadas pelos homens, cevam nas creanças a raiva de se não poderem vingar de quem nas agrediu. Em quatro palavras direi do modo porque as suas *victorias* diplomaticas na par-

filha d'Africa, lhe azinumaram o rancor contra a nossa pequenez. Aquellas *victorias* explicam de feito o caracter d'um paiz sem dignidade, manhoso e mau, usurario e poltrão, que tendo como raiz historica o latrocinio, em vèz d'occultar estes atavismos psychicos d'origem, galanea ao contrario na cultura d'elles, mandando-os publicar pela bocca dos seus philosophos, e traduzir em milhões, pelos golpes de mão dos seus politicos. Todos se recordam talvez da questão dos Camarões, desfechada em 83, entre a Inglaterra e a Allemanha. Os Camarões são um territorio d'Africa occidental, no fundo do golfo da Guiné, onde os inglezes tinham estabelecimentos desde 1858.

Ali estava a estação Victoria, hoje allemã, fundada pelo missionario Saker, e d'onde sahiram dezenas e dezenas d'esses fanaticos escocezes, que conforme lhes serve, accumulam simultaneamente as profissões mais antagonicas, desde pregadores até escravistas e caixeiros viajantes, e aos quaes a Inglaterra deve a bem dizer toda a sua occupação na terra d'Africa. No paiz jacente, um dos mais ferteis e admiraveis do mundo, a influencia britannica fôra definitivamente lançada desde 1880, n'um raio

de muitas milhas, graças á viagem do consul Hevett, officialmente investido da missão de passear a bandeira nacional por toda aquella zona, e de distribuir cartas de protectorado aos chefes barbaros que assim viessem reclamar. Vae, quando o perimetro da nova possessão britannica estava sendo demarcado, os mastros erguidos nos limites do campo, os postos militares assentes, eis que a Allemanha chega e intima á Inglaterra o despejo do paiz, allegando titulos á provincia d'Adamaua, ao rio dos Camarões, e a grande porção de terras circumvisinhas. Até á data da reclamação, a Allemanha apenas contava n'aquelles sitios, feitorias de casas hamburguezas, d'alguma monta, mas isoladas. Isso entretanto não fez fraquejar a exigencia de Bismarck, que no mesmo anno, estando as negociações inda pendentes, expediu para o paiz em litigio um funccionario encarregado de negociar protectorados com os indigenas subjeitos aos inglezes, ultimando a demonstração no anno seguinte, com a missão do dr. Nachtigal (1884) cujas instrucções agora visavam não já somente a annexação d'Adamaua á Allemanha, como tambem o paiz de «Togo», todo o litoral medeante

entre o delta do Niger e o Gabão, na bahia de Biafra, e assim o vastissimo districto d'Angra Pequena, ao sul de Mossamedes, entre o Cabo Frio e o rio Orange, n'um precurso de duzentas leguas sobre o mappa.

Estas instrucções foram cumpridas strictamente, e em cada ponto onde o pavilhão germanico era arvorado, accorria o protesto do consul britannico—sempre *trop tard!* Os resultados da expedição Nachtigal foram conhecidos na Europa em agosto de 1884, epocha em que o inglez se esfalfava em reclamar para Berlim, exigindo não com *ultimatuns* grosseiros, mas por palacianas formulas de cobardia, a restituição das terras que a Allemanha lhe usurpára. Exigencias baldadas, como as nossas! Bismarck respondia sempre que a Allemanha já notificára aos governos a occupação da bahia de Biafra e d'Angra Pequena, e que o pavilhão do seu paiz, uma vèz erguido, não se arreava nunca. Tudo quanto a Inglaterra conseguiu, foi uma famosa zona de respeito ao deredor da estação Victoria, nos Camarões, semelhante á que nos pôz de roda do Zumbo, e um pequenino quadrado de terra na costa d'Angra, onde ficaram encravados os estabe-

lecimentos inglezes de Walfish-Bay, de pouca monta. Tudo o mais ficou germanico, e aqui está o trecho do despacho em que lord Granville se esparralha, em nome da Inglaterra batida, aos pés do chanceller «... quando o governo de S. M., laborando um projecto sustado antes de conhecer o interesse que prendia a Allemanha, á costa occidental d'Africa, julgou conveniente collocar sob a sua soberania ou protecção, os territorios d'entre a bahia d'Ambas e os limites da colonia de Lagos, *por certo que elle não tinha a menor intenção ou desejo de se interpôr ou perturbar a extensão*, e o **legitimo acrescimo** das acquisições allemãs nos Camarões. O governo de S. M. declara-se pois mais uma vêz disposto a regular por um arranjo local, as fronteiras dos dois estabelecimentos, e *prestar-se-hia ao exame da questão no sentido d'um espirito, o mais amigavel e conciliador.*»

*O espirito conciliador* da Inglaterra levou-a pois a soffrer da Allemanha, na Africa occidental, um rude cheque, com o sorriso amarello e o espinhaço curvo dos vis animaes que só cadaveres estaçalham.

Vamos vêr agora como ella, na costa orien-

tal, não teve mais coragem. Em 14 d'abril de 1880, tres allemães energicos fundaram em Berlim uma sociedade de colonisação, approximadamente pelos moldes e intuitos da famosa *Sociedade Colonial Allemã*, a que Bismarck déra, desde 82, poderes descricionarios. A terra namorada para campo d'explorações, estendia-se dos limites norte de Zanzibar, té ao Nyanza, e aos campos vagos que d'ahi por deante a sociedade podesse ir occupando. Partiram em setembro d'esse anno. O chefe era o dr. Peters, tendo por immediatos, Juhlke, homem activo, e o conde Pfeil, cujos estudos d'*africander* já muito antes tinham alcançado notoriedade. Internados em Zanzibar, mau grado as difficuldades impostas pela Inglaterra, protectora do sultão, em alguns mezes conseguiam colher vassalagem dos chefes das provincias norte, tributarias do sultanato, tomando quatro, quero dizer, 150:000 kilometros quadrados d'area, para o senhorio da Allemanha imperial. Peters veio logo a Berlim referendar os tratados dos chefes (era no dia seguinte á assignatura do acto geral da conferencia do Congo) e tornou a Zanzibar munido de credencias, onde o imperador Guilherme conferia ao

seu enviado auctorisação para estender a soberania allemã a todos os territorios que a sociedade possuia, ou viesse a possuir, na Africa oriental. Esses territorios tomavam de mez para mez, dimensões extraordinarias, e como os dominios do sultão não tinham para o interior, demarcação digna de credito, a Allemanha reduziu-os, por uma combinação diplomatica complicada, a uma estreita facha de dezoitos leguas de largo, com as ilhas jacentes á costa, revindicando o resto. Ora esse resto é desconforme. Sultanato de Witou, costa dos Somalis, *interland* zanzibarita indo da fóz do Rovuma ao Nyanza, ao Nyassa, ao Tanganyka e á cordilheira de Kilimandjaro, isto é duas Allemanhas inteiras, tudo isto que a Inglaterra *protegia*, tudo a Allemanha annexou a si tranquillamente! A 6 de março de 1885, nota de Bismarck a lord Granville, communicando-lhe o protectorado allemão das quatro provincias a oeste de Zanzibar, e reclamando para ellas «as vantagens assignadas aos territorios inclusos nos limites da bacia convencional do Congo, pelo capitulo III do acto geral, relativo á neutralidade.» Era pela segunda vêz, uma provocação em termos firmes, resoluta, como

que distrahidamente lançada, e a esmagar por isso mesmo o orgulho inglez a toda a altura. Uma nação generosa levantaria a luva para tirar desforra violenta. Mas a Inglaterra não se bate. E lord Granville, uma especie de Hintze Ribeiro inglez, na proza d'escarros engulidos que o medo dá aos diplomatas derrotados «... que o maior desejo do governo de S. M. era evitar conflictos d'interesses, como o que se teria dado na questão d'Angra Pequena, se a Inglaterra não tem corrido a apanigual-o.»

Poucos annos volvidos sobre os factos narrados, a Africa tornou-se, já disse, o grande campo de feira da futura actividade colonisante da Europa, e não resta d'ella hoje um palmo de terra fertil, onde uma potencia colonial não tenha posto a sua insignia. Platós centraes, costas, montanhas, rios, lagoas, tudo a febricitante cubiça de tres ou quatro nações repartiu entre si furiosamente, pelos recentes tratados diplomaticos,—as fortes esgatanhando as fortes, com as patas sobre o peito das mais fracas, as manhosas deixando ás simples a guarda dos bocados que ora não podem abarcar, e jungindo-as a si de pés e mãos, té ao

dia em que alijadas de móres encargos, livremente possam apropinquar-se então esses depositos. Assim a Allemanha, que ha dez annos não tinha uma pollegada de terreno fóra da Europa, depressa ganhou o tempo perdido. Talhou para si na Africa oriental e central, entre o Oceano indico e os lagos interiores, um magnifico imperio. É senhora do caminho dos grandes lagos, e as futuras Indias africanas pertencem-lhe.

A Inglaterra, installada no Egypto, que não abandonará, adjudicou-se o immenso vale do Nilo, desde a nascente até á foz, desde Ouganda até ao Mediterraneo. Tem Zanzibar. Domina em toda a Africa austral. Vae despojar Portugal de todas as suas possessões de este a oeste, e lançar mão ao Zambeze. O Congo, estado independente sob a soberania do rei dos belgas, parece destinado a cahir tambem na mão da Allemanha. Deixarão a Italia, já installada em Massouah, apoderar-se da Abyssinia quando poder; Marrocos e Tripoli são territorios reservados. Um convem á Hespanha, outro á Italia. A França, essa penetrou no continente africano por quatro pontos: a Argelia, o Senegal, a costa da Guiné e Gabão.

E quanto a Portugal, pelo tratado de 20 d'agosto, fica sendo uma feitoria de reserva, como o estado do Congo, como o Transwal, como Zanzibar, como a republica d'Orange, até que a Inglaterra apanhando as collegas a braços c'as primeiras fadigas da sua nova existencia ultramarina, encontre ensejo para nos correr de Moçambique e d'Angola, a pontapés.

A obra africana está pois lançada em vastos alicerces, e menos de seis annos bastaram ao lançamento dos titans que a vão escorar. A ineciativa é formidavel, e pergunta-se hoje de quantos seculos teria avançado a florescencia da America, se uma conferencia de Berlim tivesse podido presidir aos seus destinos! Sem perscrutar agora se a civilisação europea será proficua ao negro, ou se elle haverá que ser aniquilado, como o indigena da Australia e da America, sob o egoismo feroz dos invasores, é evidente que a partilha d'Africa entre as potencias deslocará o centro de gravidade dos interesses do mundo, para este imporio novo, em guiza de o tornar palco d'uma acção collectiva estonteadora de pujança in-

dustrial e financeira. E alfim pergunta-se: sahirá d'isto a redempção d'um continente e d'uma raça? É problematico. Mas quando sahisse, a apotheose d'uma tão bella obra não deixaria nunca de vir polluida na origem, pela brutalidade insolita dos arbitros, que só se julgaram satisfeitos no dia em que negando a Portugal aptidões civilisantes, lhe cercearam territorios, sem respeito aos postulados do direito, e lhe equipararam a soberania de potencia ás que regulam os barbaros da Matabellia, da republica d'Orange, e do Zanzibar.

A nenhum portuguez cega tanto o orgulho patrio, que no fundo da sua consciencia se não tenha sentido merecedor d'este castigo, já pela baixa de nivel que a dissoluta monarchia determinou, de 1640 para cá, no espirito da nação, já pelo advento das sciencias e artes d'applicação com que outras nações transformaram a face do mundo, emquanto o nosso genio parava, e a tyrannia ou o soborno regios abriam as veias ao que nos restava ainda d'energia. A grande verdade é nós sermos hoje n'Africa um estorvo para toda a gente. O nosso passado humilha, pela avulsa loucura e pela falta de plano utilitario, o caracter de

nações que como a Inglaterra e a Allemanha só comprehendem a audacia filha d'um calculo, e a heroicidade como receita para saquear um povo, ou lançar mão ás bagagens d'um exercito. O nosso desinteresse enoja-os, a nossa fraqueza tenta-lhes a cubiça; e persuadidos de que o nosso papel historico termina, do que tractam é de nos tomarem o logar. E hemos que ser expulsos breve! É uma coisa jurada na maçonaria das explorações que talam a Africa, nos paragraphos secretos dos convenios havidos nas capitaes europeas, sob a egide de reis e chancelleres, nas assembleas das parcerias inglezas e allemães, com direitos d'estado, por toda a parte enfim onde um saxonio e um teutão minazes, assistem n'Africa, ao espreguiçar d'um portuguez.

De sorte que seria muito, aguardar que o talento dos nossos estadistas conseguisse varrer do futuro a catastrophe terminal, prenunciada, visto como disse um delegado belga na conferencia de Berlim «quem pretende favorecer uma inercia particular, em detrimento do desenvolvimento geral, fere-se a si mesmo, e condemna-se a morrer de morte vil.» Quan-

do muito, a nossa acção diplomatica, o que poderia fazer era relegar para mais tarde a expiação, crear um *modus vivendi*, sem subserviencias nem prosapias, em termos de que o paiz não podendo já estarrecer o mundo por grandes feitos, se limitasse a lhe captar a sympathia, á força de dignidade sabia e de labor. O que acontece, sabemol-o todos, e para se ter a medida do tratado anglo-portuguez de 20 d'agosto, basta dizer que o snr. Hintze Ribeiro e o snr. Barjona de Freitas, acceitaram de lord Salisbury um documento que este foi copiar, nas suas linhas maximas, ao convenio que o sultão de Zanzibar arruinado, acceitou da *British East Africain Association*, cafila d'uzurarios reunida para fazer dinheiro dos deboxes do tyranno, tomando-lhe de penhor os seus estados. Como é presumivel que pouca gente creia no meu dito, vou traduzir d'Emile Banning, *(b)* o que se refere ao tal convenio. Hão-de gostar. «Alguns mezes depois da transação havida com a Allemanha, os promotores da expedição de soccorro dirigida por Stanley, fundaram, sob o titulo *The British*

---

*(b)* *Le partage politique de l'Afrique*, pag. 56.

*East Africain Association,* uma companhia destinada a rivalisar com a allemã. Esta sociedade, cujos primeiros lineamentos appareceram n'um despacho de lord Granville, em maio de 1885, tomára por base um tratado de cessão que Johnstone concluia a 27 de septembro de 1884, com os chefes do paiz de Kilimandjaro, tratado enviado por elle ao presidente da camara do commercio de Manchester. Munida d'este titulo, e desenvencilhada de toda e qualquer complicação com a Allemanha, por accordo de 29 d'outubro de 1886, a nova companhia decidiu logo assegurar-se livre accesso ao Oceano Indico. Em maio de 1887 alcançou do sultão uma concessão importante. Em virtude do acto assignado entre a Inglaterra e a Allemanha, este principe ficava senhor, desde o Rovuma até ao Tana, d'uma facha de terra costeira, de 18 leguas de profundidade. A sua auctoridade, exercida em condições pouco efficazes, podia em certas circumstancias tornar-se n'um verdadeiro obstaculo. A companhia pois, que fez? Substituiu-se ao sultão, por contracto de 24 de maio de 1887! Pelo prazo de 50 annos, ella encarrega-se, em nome e sob o pavilhão de S. A., da inteira administração

dos seus dominios. A sociedade póde fazer leis e regulamentos, estabelecer impostos, organisar a força publica, crear tribunaes, provêr sobre a navegação... Nomeia agentes, como juizes, tracta com os chefes indigenas, dispõe das terras, fortes e edificios publicos, tem a administração dos portos, fixa as tarifas alfandegarias, assim como outras taxas (salvo direitos adquiridos por terceira potencia) e recolhe as rendas, com obrigação de lançar no thesouro do sultão o excedente total dos direitos d'entrada actuaes, com mais 50 % do producto das novas taxas. A companhia adquire previlegios exclusivos para a venda ou locação de terras, pesquiza ou exploração de minas e florestas, construcções d'estradas, canaes, caminhos de ferro, etc., reservando-se a faculdade de prohibir a importação de certas mercadorias, como armas, munições de guerra e licores embriagantes. Passados os cincoenta annos da concessão, o sultão ou seus herdeiros podem, *mediante sentença d'arbitros*, retomar os estabelecimentos que havia entregue á companhia.»

A area d'acção da companhia ingleza, estendia-se entre Wanga e o Kipini. E como tão

exorbitantes concessões escandalisaram a companhia colonial allemã, inimiga d'aquella, foi o sultão coagido a ceder á primeira, os privilegios da segunda, nos territorios ainda livres, isto é, n'uma facha costeira de 18 kilometros, que medeia entre Tungue e a Wanga: e assim ficou todo o Zanzibar, ilhas excepto, acorrentado ao dominio d'europeus!

Queiram agora pôr a par os dois convenios, o do sultão Bargash com as duas companhias coloniaes (que pouco tardará sejam investidas de soberanos poderes, pelos governos das nacionalidades respectivas, e no limite das concessões havidas do tyranno), e o do sultão Bragança com o governo inglez: e digam-me depois se ambos elles não são concebidos no mesmo espirito absorvente, e dictados do mesmo fundo de desprezo absoluto.

Em Moçambique como em Zanzibar, é o inglez quem dicta a viação, com engenheiros seus, e um praso d'espera que nem chega para o transporte do material: é o inglez quem estipula a fórma de percepção e a cifra dos impostos, quem impõe as differentes liberdades de commercio, d'ensino e de reli-

gião, e quem finalmente, sobre o territorio sem fim por nós possuido ha quatro seculos, circumscreve, n'uma orla d'areia, com a ponta do seu chicote, a especie de quintalorio que apenas nos quer reconhecer.

Com a differença que para Zanzibar o convenio tem vantagens, pelo menos correspondentes aos encargos esmagadores que o tratado de 20 d'agosto nos acarreta.

Lá o sultão recebe dos arrendatarios do seu paiz, uma quantia annual mais que bastante ao costeio da sua pessoa, guarda e bens. Não faz estradas, não paga exercitos, não organisa policia, nem pensa em edificios publicos. Deixa correr. Em Moçambique, nós pagaremos tudo, faremos tudo, só para a Inglaterra enthezourar. Somos portanto vinte vezes mais espoliados do que esse sultanato barbaro, que é a bestiaria do negro na vermina contaminadora do arabe. Este o tratado nas suas consequencias immediatas, cuja explanação já demos n'outro numero. Para a apreciação das consequencias remotas, traduzirei o que o *Times* escreveu quando em 87 chegou a Londres noticia das concessões da *British East Africain Association*.

É illucidante, e escusa a gente de prozar inedito a respeito da obra Barjona-Fife e Ribeiro de Metewen. «... as consequencias politicas e commerciaes d'estas transações são evidentemente o chamamento de mais uma vasta região á corôa ingleza. Findo o praso dos cincoenta annos, a que não é temerario assignar prorogação illimitada, a soberania do sultão terá cessado de se exercer directamente sobre o continente africano, e ficará reduzida quando muito ás ilhas, té ao dia em que a Inglaterra se lembre de lh'as tirar.»

De certo. A liga da civilisação para a conquista do continente negro, expulsa-nos de si, e da mesma cornada enrodilha-nos com os estados bestiaes que fazem nodoa. É necessario, diz ella, que a regeneração do selvagem d'Africa não tenha por obstaculo o selvagem da Europa, que nós somos. É em nome da humanidade que a Inglaterra pede aos estados a nossa ruina, e os estados acquiescem, convencidos de que mesmo prestando-se a locupletal-a co'a nossa herança, servem com isto o bem da humanidade.

Para que da acção solidaria das grandes potencias sahisse uma occupação formal de toda a Africa, houve que perfurar as trevas do incommensuravel continente, como se perfuram os tuneis, attacando simultaneamente da periferia para o centro, e vice-versa, por fórma a encontrarem-se os dois partidos d'obreiros, n'um certo ponto. A Europa já occupava a bordadura maritima. D'uma banda a França, a Inglaterra, a Hespanha, a Italia, cingiam pelo norte, por este e por oeste, o desconforme plaino sudanez. D'outra banda a Allemanha, a Inglaterra e Portugal curavam d'atacar a peninsula africo-austral d'ao sul Zambeze. Faltava um centro d'acção para onde fazer convergir na pera africana, o gorgulho civilisação que se lhe collára á superficie.

Esse centro foi o estado livre do Congo, outra potencia feita de restos que nos roubaram a França, a Allemanha e a Inglaterra, conluiadas, e juntar-se-lhe-ha agora, com o tratado de 20 d'agosto, o imperio que a Inglaterra nos sequestra, paiz fabuloso, uma segunda Australia, ou seja em numeros redondos 200:000 kilometros de terras sobre que exerciamos auctoridade e occupação effectiva,

com mais 130:000 d'esfera d'influencia. Para a Inglaterra, a posse d'este imperio é uma questão de vida ou de morte, porque todo o seu empenho é contrabalançar a expansão allemã, que será prodigiosa e irresistivel, principalmente passando o Congo belga (questão d'alguns annos) ao escrinio imperial. Quem procurar no mappa lybico as possessões francezas, italianas e hespanholas, facil verá que a colonisação africana do sul e do meio-dia, verdadeira séde do grande emporio que se prepara, expulso Portugal das duas costas, pertence de futuro á Inglaterra e á Allemanha. Será uma lucta extraordinaria e gigantesca, acirrando sob o clima torrido, as rivalidades d'esses dois povos hegemonicos. E não nos illudamos um instante: dez annos bastaram para o inglez e o allemão nos desapossarem da terra negra, pelo menos nas zonas que por agora mais quadram ás suas installações fundamentaes. Pois bem! não passarão cinco que elles nos não tenham desapossado tambem do amor do indigena, sendo-lhes facil desde esse dia correr-nos a pontapés de toda a banda. O plano colonial das duas potencias é tão vasto, tão poderosamente escorado, tão logico,

tantas cabeças solidas o cultivam, tão fortes braços lhe lançam os inicios, tamanhos fervores o pregam como cruzada santa, ás populaças sedentas, que pelo que nos diz respeito, só um gabinete diplomatico genial como o de Bismarck, fazendo mover um povo de trabalhadores com a tenacidade escoceza e teutã, fundidas n'uma, poderiam salvar-nos da vergonhosa retirada que o principio do seculo XX nos reserva em Africa.—E esse gabinete, não esqueçamos, é o do snr. José Luciano ou o do snr. Serpa Pimentel, e esse povo é a preguiça, o desmazello, a indifferença cinica em pessoa!

Especialmente o plano inglez, é uma obra sazonada por seculos d'estudos, de combinações diplomaticas, gastos sem conta, sacrificios. Foi necessario mascaral-o de dedicações humanitarias, fingir horror pela escravatura e pela barbaria, provocar conferencias, refundir o direito internacional de *fond-en-comble*. E quando elle se desenha em toda a sua vastidão de colosso nascente, quando elle brota do medonho ossuario dos nossos exploradores e dos nossos missionarios, que ninguem conhece, apto a deslocar a fome ingleza para longe da sua ilha nevoenta, quando elle se antolha aos

economistas da Gran-Bretanha como um sorvedoiro inedito de producção industrial, imaginaria alguem que seriamos nós, povo de somno, bisborrias sem resistencia nem vontade, que entravariamos a marcha do elefante inglez carregado d'espingardas, de capas de borracha, e de fardos d'algodão? Louca estulticia! É vêr logo na origem das discussões luso-inglezas, a natureza dos motivos que as duas partes alegam á posse dos territorios litigiados. A Inglaterra quer a Mashona e o Chire pelo futuro de ahi derramar commercio, fundar cidades, e fazer homens activos. Portugal quer a Mashona e o Chire, principalmente porque alli pelejaram os seus heroes do seculo XVI e XVII, isto é, pelo passado. Por isso affirmei que nós somos n'Africa um estorvo a toda a gente, e que improgressivos e orgulhosos, hemos que ser pontapisados pela brutalidade dos nossos competidores. A sentença está lavrada, o acordo feito entre as potencias, e foi a Inglaterra, nossa amiga, quem desde longo tempo se offereceu para carrasco. Basta vêr os tratados. Em 86, como Andrade Corvo e o pequeno Bocage delimitavam em Paris, com os delegados francezes, as fronteiras do Congo luso-francez,

prestou-se Portugal a reconhecer a soberania da Republica sobre os territorios da Fouta-Djallon, destinados a ligar o Senegal aos rios do sul. Pedia-se-lhe em troca acquiescencia para os limites do imperio trans-continental que tinhamos em vista, e vem pouco mais ou menos no *mappa côr de roza*. (c) A França consentiu em não perturbar com tomadias ou protectorados, essa immensa região de nossa reserva; salvaguardava porem os direitos de terceiras potencias (que não existiam) e quando se tractou de juntar ao texto do tratado a descripção exacta dos limites do imperio que sonhavamos, e a carta representativa d'este, re-

---

(c) Eis os limites, mencionados em nota official que foi annexada, em dezembro de 85, ao protocolo IV do tratado Rialle-Corvo: « . . . ao norte, o paralello de Noqui, até á sua intersecção com o rio Cuango; logo o Cuango até á sua origem, e a partir d'esta, a linha que separa a bacia do Congo, da do Zambeze, até ao encontro d'este ultimo com o paralello do confluente do Lujenda com o Rovuma. Ao sul, o paralello do Cabo Frio, prolongado á fronteira occidental dos Matabelles; em seguida esta mesma fronteira, até ao curso do rio dos Crocodillos; o curso d'este até á confluencia do Pafori; e a partir d'este ponto, a fronteira actual das possessões portuguezas e da republica do Transwal.»

cusou-se terminantemente a fazel-o, porque já o ministro inglez minára o terreno das negociações, recordando á Republica, que o seu protectorado em Madagascar inda não tivéra o reconhecimento das potencias. Em balde os nossos delegados supplicaram, alegando o precedente da conferencia de Berlim ter fixado os limites do Congo belga, sobre uma carta que servira de base ás convenções entre as potencias, e aquelle. Tudo foi em vão.

Approximava-se a hora da Inglaterra fazer na questão africana, o grande jogo, que desde as explorações de David e Carlos Livingstone preoccupavam o *Foreign-Office*. *A obra dos lagos* prosperava: estações civilisadoras, sem aspecto occupante, e com o simples ar de feitorias isoladas, picavam já Blantyre, os bordos do alto Chire, e a riba occidental do Nyassa.

Aventureiros do Cabo, atravez os campos d'oiro do Transwal, contaminavam por outro lado a Matabellia, velozmente, passando armas a Lubengula, incitando-o á conquista dos Mashonas, e a correrias nos prazos portuguezes de Zumbo, de Manica e de Sofála. *(d)* E no

---

*(d)* N'uma communicação feita pelo snr. engenheiro

norte como no sul d'aquelle immenso plano, feito da região dos lagos sommada ao *interland* d'Angola e de Moçambique, a alma da propaganda anti-portugueza que lá zimbrava aos ouvidos do negro, o demonio do odio que dizia a esse inferior, affeito a não pisar nos desertos, a sombra sequer da nossa bandeira — *insurge-te! desobedece-lhe, mata-o!*—revestia sempre o mesmo typo: o do missionario escocez, fanatico feroz, tyranno intransigente, misturando ao terror de Deus, o delirio do alcool, e

J. Machado á Sociedade de Geographia, e publicada por esta sob o titulo de *Fornecimento d'armas aos Matabelles*, narra-se que pelas alturas de 1888 (epocha em que a Inglaterra se declarou protectora dos Matabelles, e formulou pretensões á Mashona, que Lubengula dizia pretencer-lhe) agentes inglezes vindos do Cabo, em grande numero, obtiveram do Lubengula permissão d'explorar os jazigos mineiros das terras sul dos seus estados. Estes homens, vindos como particulares á exploração dos campos d'oiro, bem depressa se reconheceu serem agentes do governo britannico, como se verá. A concessão dos jazigos auriferos fôra comprada ao Lubengula por 1:000 carabinas Martini-Henry, e cerca de 3:000 cartuchos. Este armamento entrou na Matabellia pela colonia do Natal, o que importava a violação do bloqueio que a propria Inglaterra provocára, com o apoio da Allemanha, de Portugal e de

a retalhadura do chicote. Pois se a Inglaterra mirava em ir por terrenos seus, do Cabo ao Nyassa, se ella n'esses terrenos estava lançando, a poder de traições e vilanias, os germens d'uma definitiva occupação, como não procuraria com supremo afinco evitar que as potencias nos reconhecessem as linhas norte e sul do imperio trans-continental com que sonhavamos? A recusa que Andrade Corvo houve de França, no respeitante ás delimitações d'esse dominio, a Allemanha nol-a fez ouvir pelas mesmas palavras, quando em dezembro de 1886, iden-

---

Zanzibar, no proprio anno de 1888, para combater o trafico, e a importação d'armamento, seu principal auxiliar. O facto era por tal fórma insolito e infamante, que um Merriman, membro do parlamento inglez do Natal, interpellou o governo, por inquirir da sua veracidade. A principio, o presidente do conselho, sir Gordon Sprigg, respondera negando, mas como Merriman teimasse, ao dia seguinte, o homem confessou toda a verdade. De feito 1:000 carabinas, com 3:000 cartuchos, vindas d'Inglaterra com destino ao Lubengula, haviam transitado pela colonia do Cabo. As auctoridades inglezas só haviam consentido em deixal-as ir ao seu destino, em presença da reclamação d'um tal Sydney Shippard, administrador da Betchuanaland britannica, *funccionario nomeado pelo governo da metropole, e só para com esse governo responsavel.*

tica questão lhe foi proposta, pelo ministro dos estrangeiros Barros Gomes.

A fronteira d'éste, pedida pelo governo portuguez para o nosso imperio contracosteiro, era como todos sabem, uma linha que partindo da foz do Rovuma, seguia o parallello correspondente, cortando o Nyassa, e indo até aos confins d'Angola. O governo allemão porém só admittia a linha até á margem oriental do lago: detinha-o o mesmo pensamento reservado da França: a Inglaterra segredara-lhe talvez os seus projectos, recordara-lhe talvez as suas condescendencias na questão d'Angra Pequena, em 1884, na bahia dos Camarões, em 1885, e no acordo relativo á delimitação de Zanzibar, em outubro de 1886—dois mezes antes—acordo que preparou da influencia allemã n'Africa austral, como explicámos.

Eis a razão porque eu escrevi atraz, que as derrotas da diplomacia britannica, ante os poderosos, mais lhe azumavam o rancor contra a nossa pequenez, e que Portugal estava condemnado a pagar com dominios e ter-

ras, as indemnisações que á sua alliada impunham essas derrotas. Com as transigencias feitas á expansão colonial da França e da Allemanha, a Inglaterra compra, a preço de inegualaveis vergonhas, embora! o silencio d'essas grandes nações perante a formidavel extorsão que nos prepara. O mundo assistirá á exhautoração mais escruciante que se terá visto, depois da chacina da Polonia; e na hora terrivel em que os cannibaes se lançarem a nós, nenhuma mão se erguerá para dizer basta! ao nosso algoz. Seremos escorchados em nome dos mais cáros interesses da humanidade, annexados por incapazes de figurar no festim das nações civilisadas, e por tal fórma a Inglaterra nos colloca em face do mundo, que o nosso desapparecimento não surprehenderá nem provocará lamentos de ninguem. De feito, a nossa expulsão d'Africa, realisada com homens differentes dos que ahi temos, poderia já não digo evitar-se, mas ser recuada até um prazo illimitado, podendo ser que os tramites da lucta empregada para fugir á morte, chamasse sobre nós o apoio das nações neo-romanticas, como a França, que está sempre ao lado dos que pelejam por um ideal, embora inexe-

quivel. Mas é que essa expulsão se está dando com todas as agravantes de desprezivel inepcia, de cobardia provada, d'incapacidade authentica, e de sardonica puflice, de que nenhuma chancellaria da Europa tomará conta, sem achar o castigo inda inferior ás nossas culpas.

Basta lêr as peças do Livro Branco recen-publicado (e inda as mais graves não vieram a lume) para acquiescer no irremessivel fim de Portugal. Na conducção das negociações africanistas do paiz com a Inglaterra, o papel dos nossos é uma serie d'inepcias sem vislumbre de brio ou d'esperteza: a attitude britannica, uma fustigada continua d'ordens imperiosas, misturada d'ameaças e de chascos. Na revisão dos processos diplomaticos que a Gran-Bretanha houve que debater co'as nações interessadas na partilha d'Africa, uma coisa sobretudo choca o observador, e vem a ser o profundo traço que demarca — para a direita, a sua maneira de tratar co'as nações que lhe merecem conceito, já pela respeitabilidade, já pela força — para a esquerda, a sua intransigente crueldade, a despeito do direito das gentes, a despeito dos convenios anteriores, a despeito de tudo, para com as nacões que ella

julga necessario expungir da grande obra. Assim por exemplo, os tratados inglezes com a Allemanha, com a Italia, e com a França, são peças claras e simples, reduzidas a meia duzia d'artigos largos, reciprocos, concisos, d'onde a suspeita é varrida em toda a linha, e d'onde a equidade ressumbra em formulas d'uma lealdade quazi primitiva. Os contratantes ahi estão á vontade, pactuam entre eguaes, sabedores das forças que de cada lado guardam a stricta observancia dos convenios. Leiamse após os tratados da Inglaterra com os *potentados indigenas*, como ella lhes chama, querendo pela palavra dizer antes, selvagens. Sabe o leitor ao menos quem são taes potentados?

É a republica d'Orange, é o Transwal, é a Matabellia, é Zanzibar—e somos nós. Todos os convenios feitos pelos inglezes com estas quatro victimas promettidas da sua gula, são identicos d'injuria, traiçoeiros d'essencia, cortados de caminhos falsos, tendentes ao preparo de lhes inglezarem lentamente os territorios, *(e)* e de lhes arruinarem as finanças, pe-

---

*(e)* —Pelo tratado de 24 de maio de 1887, Zanzibar não poderá vêr-se livre do convenio feito com a *Bri-*

los angustiosos encargos que lhes exigem, a pretexto da suppressão de trafico, de civilisação e de progresso: até que ultimada a obra, a mina aberta, esses estados façam bancaro-

---

*tish East Africain Association,* senão recorrendo a um tribunal arbitral, o que é o mesmo que dizer, nunca.

Outrosim, o sultão se obrigou a não ceder dos territorios que as potencias lhe reconheceram, *sem previo consentimento da Inglaterra,* ou da Allemanha, conforme a zona em que o caso se der.

— Pelo tratado de 5 de junho de 1888, o rei dos Matabelles não poderá alienar territorios seus, ou de sua influencia, *sem previo consentimento da Inglaterra.*

— Pelo tratado de 27 de fevereiro de 1884, o Transwall não fará tratados, nem poderá tomar compromissos com potencia alguma, a republica d'Orange excepto, *sem previo consentimento da Inglaterra.*

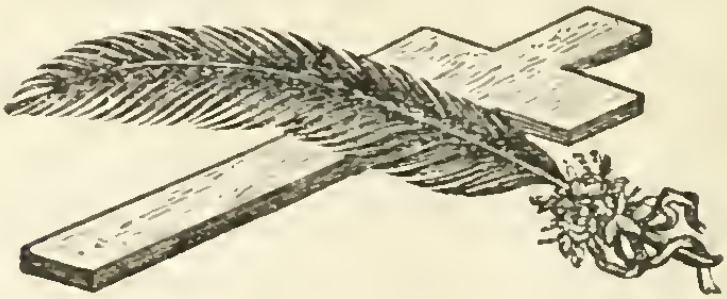
— Pelo tratado de 20 d'agosto de 1890, Portugal sobre perder 350:000 kilometros de terras suas, não poderá alienar uma pollegada das que lhe ficam, *sem previo consentimento da Inglaterra.* Este tratado além d'isso, pelas infamias que encerra no respeitante ao porto franco do Chinde, ao caminho de ferro do Pungue, á intervenção do tribunal arbitral em toda e qualquer questão que se levante, á limitação das taxas sobre mercadorias, etc., etc., é duzentas vêzes mais humilhante para nós, paiz civilisado, do que são os outros, para as nações selvagens com quem foram acordados. D'onde rezulta sermos nós a barbaria d'Africa, que mais desprezo inspira á Gran-Bretanha!

ta, e a anarchia sobrevenha, para a Inglaterra então se apoderar d'elles, como fez no Egypto, em nome da humanidade, e a salvaguarda das... garantias europeas.

Para concluir.

A situação politica produzida em Africa pela acção symetrica dos grandes estados europeus, realisa uma ideia que desde 1876 vinha gestada, e que ora surge como solução futura do mais inquietante problema colonial do nosso tempo. «Cada um dos principaes povos maritimos se installou na região que melhor convinha aos seus interesses e meios d'acção; cada um preenche a sua missão social, espalha germens de cultura, e cria fócos de propaganda, convergentes todos a um ideal commum de civilisação. Mesmo designio, mesmas tendencias, dominam as ineciativas particulares, subordinando-as a um fim superior.» De commum acordo, declaram as potencias pela bocca da Inglaterra, sermos nós o entrave principal na *philantropica* partilha do sul d'Africa, sendo este titulo ominoso o argumento dictador da escorraçada que vão dar-

nos. Pergunta-se pois: apesar de conhecido o fim que hemos de ter, apesar de nos vermos sós e desarmados contra as ambições da Inglaterra, apesar de nos sabermos incapazes d'um papel historico proficuo no futuro do mundo, hemos d'alienar por isso, sem fracasso, o patrimonio ganho pela nossa actividade dos seculos anteriores? O tratado de 29 d'agosto, que apressa a obra d'absorpção britannica, meditada, deve aceitar-se como primeira sortida da civilisação triumphante, no vilipendio da nossa barbaria? Por Deus, não deve! e o chacinar até ao ultimo dos rufiões que o sanccionarem, é obrigação de que nenhum portuguez póde abdicar n'este momento. Opponhamos-lhe pois com todas as forças. A formula de protesto está creada: *abaixo o tratado, succeda o que succeder!*



CAMILLO CASTELLO BRANCO

# AMOR DE PERDIÇÃO

(MEMORIAS D'UMA FAMILIA)

## EDIÇÃO MONUMENTAL

*Em homenagem ao eminente Romancista Portuguez*

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ENRIQUECIDA COM A COLLABORAÇÃO DOS NOTAVEIS HOMENS DE LETTRAS:
MANUEL PINHEIRO CHAGAS, RAMALHO ORTIGÃO E THEOPHILO BRAGA
E ILLUSTRADA COM SEIS DESENHOS DE PAGINA EXPRESSAMENTE EXECUTADOS
PELOS NOSSOS LAUREADOS ACADEMICOS
J. J. DE SOUZA PINTO, CAETANO MOREIRA DA COSTA LIMA
E JOSÉ D'ALMEIDA E SILVA
E A IMPRESSÃO DAS ILLUSTRAÇÕES EM PHOTOTYPIA CONFIADA Á IMPORTANTE
E REPUTADA CASA DE L. ROUILÉ, DE PARIS

UMA das mais vivas e prestigiosas figuras da moderna litteratura europeia é CAMILLO CASTELLO BRANCO. Natureza profundamente emocional, propondo todos os seus problemas em collisões de sentimento, allia á mais alta cultura da linguagem, que

ainda appareceu em escriptor portuguez, o sentimento fulgurante de um vivo protesto contra a decadencia que nos vae avassallando, aos poucos, na arte e nos costumes contemporaneos. Absorvido n'uma forte elaboração esthetica e fugindo ás tentações da politica, que tantas boas-vontades tem anniquilado, refugiou-se no seu trabalho de homem de lettras, como Robinson na sua ilha. Dentro d'esse baluarte inexpugnavel, elle tem continuamente erguido os seus typos tradicionaes, essas altas e marmoreas figuras esculpturaes, escolhidas entre uma fidalguia decadente, que vae gradualmente desapparecendo, substituida pela aristocracia do dinheiro, e os typos energicos e virís dos homens rudes e sãos, de quem ainda é permittido esperar um dique á corrente que passa. É por isso que a obra de CAMILLO é uma das mais patrioticas, sem perder comtudo esse caracter a um tempo tão litterario e tão pitoresco, que sobremodo avulta na sua linguagem; o observador attento encontra n'aquelle estylo inimitavel, n'aquellas descripções encantadoras, n'aquellas paysagens vibrantes de realidade, a riquissima seiva provincial, que é um dos mais elevados apanagios deste privilegiado do talento.

As nações que merecem sobre modo esse nome são aquellas que vinculam em monumentos eternos a lembrança dos seus grandes homens; e o maior monumento que se póde erguer a um escriptor do merecimento de CAMILLO é a consagração nacio-

nal da sua obra. Por isso, emprehendemos A EDIÇÃO MONUMENTAL DO AMOR DE PERDIÇÃO, a obra mais caracteristica por certo d'esse admiravel e glorioso obreiro da civilisação portugueza. N'esta homenagem verdadeiramente nacional nos auxiliam alguns dos mais illustres escriptores do nosso paiz; e é assim que n'um mesmo livro se encontram ao lado de CAMILLO CASTELLO BRANCO os nomes de MANOEL PINHEIRO CHAGAS, *o brilhante espirito evidenciado em tantas obras tão justamente celebradas*, RAMALHO ORTIGÃO, *o lucidissimo critico das* FARPAS, *estylista refulgente, o colorista de poderoso e singular relevo* e THEOPHILO BRAGA, *o poeta que evocou a vida historica das sociedades mortas, o arrojado creador da* HISTORIA *da litteratura portugueza.*

Os trabalhos com que tão notaveis escriptores honram a nossa edição, são os seguintes:

I—*Contorno biographico de Camillo Castello Branco*—M. Pinheiro Chagas.

II—*O seu ambiente social—A sua esthetica—A sua critica—A sua forma litteraria—O seu temperamento artistico*—Ramalho Ortigão.

III—*O romance como forma definitiva da arte moderna*—Theophilo Braga.

A dramatisação da obra prima de CAMILLO compendia lances tragicos de tal culminancia que a nossa edição seria muito incompleta, mesmo com as colla-

borações poderosas, cuja summula desenvolvemos, se não chamassemos a tomar parte n'ella alguns dos mais genuinos representantes da Arte nacional e estrangeira; e é assim que no AMOR DE PERDIÇÃO se juntam os nomes laureados de J. J. de Souza Pinto, Caetano Moreira da Costa Lima e José d'Almeida e Silva, de par com a importante e reputada casa de L. Rouilé, de Paris, cujo nome é garantia segura do modo superior como serão reproduzidos em phototypias os bellos quadros, que o romance de CAMILLO inspirou a tão insignes e gloriosos artistas.

As magnificas illustrações que enriquecem esta monumental edição, são as seguintes:

*J. J. DE SOUSA PINTO* I—Retrato de Camillo Castello Branco.
II—O assassinato do ferrador João da Cruz.

*CAETANO MOREIRA* III—Simão partindo os cantaros, na desordem do chafariz.
IV—O morgado de Castro Daire, Balthasar Coutinho, é assassinado por Simão.
V—Morte de Simão, a bordo do navio que o levava ao degredo.

*J. D'ALMEIDA E SILVA* VI—Morte de Thereza, no convento de Monchique.

—

## EDIÇÃO MONUMENTAL

a primeira de quantas até hoje se tem feito no nosso paiz

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 16 — 27 de Setembro de 1890

## SUMMARIO

AS RESPONSABILIDADES DA IMPRENSA, E SEU PAPEL CONTRARIO Á MISSÃO QUE LHE COMPETE —DIFFAMAÇÃO POR VIA DE JORNAES—IMPOSSIBILIDADE POR BANDA DOS DIFFAMADOS, DE PEDIR CONTAS AOS DIFFAMADORES — O QUE É A REDACÇÃO D'UM JORNAL LISBONENSE—O REPORTER, BESTA DE CARGA DO JORNAL: SUA PYSIOLOGIA, CULTURA, E IMPORTANCIA MORAL — DE COMO ELLE PROCEDE PARA ENCHER COLUMNAS, E DO PERFEITO CYNISMO DO SEU PONTO DE VISTA COMO INFORMADOR—CASAMENTO SIMULADO: UMA COMBORÇA TORNADA A VIRGEM PELOS FA-

VORES DA *reportage*—REPORTERS ENTREVISTEIROS, E ANTIPATHIA PUBLICA POR ESTES PERSONAGENS—A CAMPANHA DE DESCREDITO CONTRA O IMPERADOR DO BRAZIL E O CONDE D'EU—O CASO DA BIBLIOTHECA, E CONSEQUENCIAS D'UMA POUCO SERIA INFORMAÇÃO—REPORTERS-GATUNOS, E NECESSIDADE DE OS CORRER DA IMPRENSA QUANTO ANTES—ATTENTADOS AO PUDOR: SUAS DETERMINANTES HYGIENICAS E MENTAES—CACHEXIA PRECOCE DO MACHO, E SENSUALIDADE PRECOCE DA FEMEA—A CREANÇA LISBOETA É UMA VELHINHA DE MAMA—EDUCAÇÃO NAS OFFICINAS E NOS COLLEGIOS—AS CAÇADORAS DE CREANÇAS: A DESAVERGONHADA DO ARSENAL, A VELHA DAS OLARIAS, E MÃES QUE PROSTITUEM PEQUENAS DE QUATRO ANNOS—NECESSIDADES DE REFAZER A RAÇA, A CIDADE E AS INSTITUIÇÕES. CONCLUSÃO.

*20 de Setembro.*

Grande numero de jornaes, cedendo a um furor d'informação mais aticado pelo amor do lucro, do que investido de propositos justiceiros, apenas foi produzida ha quinze dias a denuncia d'estupro em que se inculpava um official superior do nosso exercito, não duvidou estampar o nome d'esse official com todas as lettras, sem mór devassa previa á veracidade da gravissima infamia que uma tal publicidade ia lançar na corporação. Não posso dizer a quem compita a responsabilidade remota do vergonhoso papel que quazi toda a imprensa de Lisboa desempenhou n'este episodio, diffamando publicamente um homem, que 62 annos de probidade deviam garantir contra

a suspeita do crime—gratuita, pelo menos até á data do apparecimento das primeiras noticias —assim como tambem me não cabe discutir se os funccionarios de justiça encarregados de fazer luz n'estes sinistros dramas, devem assim de prompto divulgal-os aos jornaes, sabido como a opinião retem p'ra logo os nomes conspurcados, sem nunca mais indagar se o vilipendio é ligitimo, ou não passou d'um boato, que a justiça desfez pouco depois.

Acareando entretanto as noticias em que os differentes jornaes de Lisboa se occuparam no mesmo dia, do **monstruoso crime**!!!, facil se descobria em todos, redacção identica, ferindo os mesmos pontos, e por tal forma accentuando o caracter de *chapa*, que era impossivel não advir nas duas seguintes conclusões:

—que era o mesmo individuo, evidentemente interessado na accusação, quem passava aos jornaes copia do mesmo artigo, que todos publicaram, sem escrupulo de se fazerem orgãos d'alguma secreta *conjura* contra o indigitado desflorador.

—Ou então seria o mesmo desleixo, o mesmo abuso de força jornalistica, affeita a

esmagar reputações a esmo, quem, transcrevendo as noticias lidas em collegas, *le cœur leger et souriant,* fazia resvalar a missão da imprensa a um gabinete negro de calumnia, e a obra do jornalista delir-se, em pasquinagens cobardes d'energumenos.

Ora, qualquer dos casos a dar-se, a depressão moral do jornalismo portuguez é coiza assente, e urgiria remodelar os processos de fazer jornal, por maneira a pedir responsabilidade aos escriptores pelo que escrevem, e a subordinar a factura geral de cada numero de periodico, ao visto do redactor principal, unico fiador perante o individuo, ou perante a serie, de todas as doutrinas insertas n'elle. O que ainda assim faz conservar algum prestigio a certas redacções, é ignorar-se o cahos em que ellas vivem, e da qualidade dos elementos em quem ellas delegam a parte mais delicada dos seus inqueritos jornalisticos.

É deploravel! Tirante a redacção politica, onde se agrega o melhor do pessoal de cada coio d'imprensa, o resto, salvo excepções rarissimas, é uma piolharia d'irresponsaveis que fazem vida d'aguardar emprego, e emquanto

esperam, jantam e ceiam d'andar pela cidade a disputarem-se uns aos outros os escandalos ocorridos, a vêr qual no dia seguinte os dará mais picantes de nomes e detalhes. A falta d'uma ingerencia superior nos actos d'estes trota-partes-de-policia (que não póde haver em redacções gratuitas, cheias de *deficits,* em que a politica absorve todo o labor dos cerebros lucidos, como unica coisa digna de culto) deixa as restantes secções do jornal á mercê das ankiloses moraes e mentaes do pessoal inferior, para em breve tornal-o n'uma especie de porto franco de tolices, d'inexactidões e de denuncias. Esta exclusiva attenção dada pelos redactores principaes á defesa ou á escalada d'um governo, e esta tomadia do jornal pelos plumitivos somenos, tornaram a imprensa de Lisboa n'uma instituição quasi odiosa para o publico, que se arreceia da sua espionagem, e por outro lado a não acata como tribunal moralisante. Durante quinze annos, a pessoa que escreve estas linhas laborou pelas secções litterarias e theatraes das folhas diarias, podendo ahi analysar á vontade a anarchia interior de cada uma. Na mór parte das vezes, a unica influencia que o redactor em chefe tem

sobre o quadro dos seus collaboradores, consiste n'uma adaptação mais ou menos bem parodiada, da linguagem que elle emprega nos artigos do fundo. Ou se um *mot-d'ordre* assiste á factura da folha, á guiza de plano philosophico, as lettras que o formulam deixam ambiguamente á desorientação dos subalternos, a escolha dos meios com que levar a cabo a commettida.

Percorram-se os jornaes que actualmente correm por Lisboa. Quasi todos poderiam extremar-se p'ra dois campos: o dos que dão p'ra baixo, e o dos que não querem escandalisar o assignante. O dos vergalhos, e o dos meliflnos. No fundo porém, é a mesma furiosa lucta pela vida, sem escrupulo nos meios de fazer leitores, e apenas jogando com baralhos de cartas differentes. E aqui detenho-me. Onde escrevi baralhos de cartas, peço que leiam baralhos de *reporters*.

O que é o reporter? O caixeiro de fóra, do jornal. Um receptor e um transmissor de casos, sem outra missão além de os inquirir

imparcialmente no local onde elles se produzem, e de os trazer a julgar perante o criterio do corpo de redacção.

Pela subalternidade do officio, e pela classe vaga e incompleta d'individuos d'onde entre nós o reporter é tirado, presupõe-se que este funccionario não exceda um nivel de cultura abaixo do mediano, nem na mór parte dos casos possa gabar-se d'um dom de penetração pór hi além. Porque entendamo'-nos n'isto: o reporter portuguez não corresponde nitidamente ao reporter do jornalismo lá de fóra. Sae dos *declassés* que ás escolas regeitaram, e dos typos frustes que se quizeram eximir ás profissões francamente laboriosas e correntes. Não é um homem de lettras, e por outro lado falta-lhe educação que o transforme n'um critico incisivo dos acontecimentos que desfillam; e litteratiço falho, artigoleiro sem predicados de moralista, a posição especial que elle se fez no jornalismo, onde ninguem tem consciencia das responsabilidades do seu papel, permitte-lhe o gozo d'immunidades de que elle abusa, e dá margem a exhorbitancias profissionaes de que elle se vangloria. O facto d'elle trabalhar muito e ganhar pouco, cons-

titue a redacção no dever de lhe deixar passar os dislates e os excessos. O redactor principal, entregue á politica, é uma raridade percorrer o que elle escreve. Os immediatos, reservando-se certas especialidades, descarregam-lhe sobre as costas todo o labor de que deveriam desempenhar-se. E é o reporter afinal quem faz o jornal, senhor do campo, sabendo-se indispensavel, e exigindo em largueza d'opiniões, o que a empreza lhe não póde dar em libras sterlinas. Que admira então que tirante certas secções do periodico, o resto seja um apontoado d'inconsequencias, de perfidias, de baixezas e de calumnias? Do que se trata é d'encher o numero, custe o que custar.

Em tal dia por exemplo, as partes de policia vem magrissimas: apenas sete prisões por bebedeira, e tres facadas! O bombeiro encarregado de fornecer incendios, não apparece. As ruas não teem drama. Não sahiu ainda a ordem do exercito. O informador *mundano* não trouxe bailes nem casamentos. Não se mata ninguem; as mulheres casadas não se deixam surprehender com os amantes... Esta só pelo diabo! Mas o peor é que o assignante não espera, quer escandalos, nomes conhecidos, *primeurs*. N'es-

tas alturas é o reporter quem salva a situação.

Diz por exemplo a parte de policia «Preso F. (nome todo, morada, estado, quantos filhos e profissão) por embriaguez e disturbios, na Rua Nova da Palma, ás 7 horas da noite. Conduzido á esquadra, resistiu, etc., etc.»

Confessemos que para entretenga do leitor despreoccupado, esta simples noticia extractada do cadastro bastaria, riscando-lhe, claro está, o nome e a morada do preso, que nada acrescentam ao drama, e por outro lado podem prejudicar gravemente uma familia. Mas ao reporter nem já a simpleza rude da parte policial basta ao furor de novidades que o escanzella. Quer mais theatral, quer mais typico, e julgar-se-hia deshonrado não tirando d'essa pobre narração de rua, um grande drama em tres columnas cortadas d'exageros e falsidades. Assim, o pobre diabo d'operario que se embriagou n'uma hora d'ocio, passa logo a figurar no cabeçalho da noticia, com o titulo d'*Alcoolico furioso,* e esvurmados os antecedentes do homem, o reporter inventa-lhe habitos orgiacos e excessos de bebedeira inveterados, diz que elle bate na mulher, que

não trabalha, que é um conhecido frequentador de calaboiços; segue-se depois a scena da prisão — «dizem-nos amigos nossos, que F... pretendia lançar-se sobre uma dama muito conhecida na alta sociedade de Lisboa, brandindo uma faca de ponta e móla, de que é esgrimista confesso, acorrendo então o guarda 198, da 3.ª, que digamol-o aqui muito á puridade, fez bom serviço».

Vinte e quatro horas corridas sobre a noticia do jornal, esse bebedo d'uma hora, que ganhava a vida em operario modesto, por entre a estima da sua officina e do seu bairro, esse bebedo d'uma hora acorda para a rua onde reside, para a fabrica onde trabalha, para o mercieiro e para o padeiro que lhe fiam, um incorregivel sem garantias, safado e completamente perdido no conceito de toda a gente. A phantasia ou a coscovilhice odiosa do reporter tomaram a reputação do miseravel, como um trapo, escornando-a, e transmuttando em perpetua infamia o que realmente não ia além d'uma estravagancia inoffensiva. Eis

ahi geralmente o papel da imprensa noticiosa, na policia dos costumes: vêr pela rama, sacrificar a verdade á nota pictoresca, inventar sendo preciso, calumniar, mentir, sem remorso pelos prejuizos causados, nem maior medo aos desforços exigidos pelas victimas. Quotidianamente os jornaes vem cheios d'estas torpezas, nomes por inteiro, moradas com a designação do andar e do lado, e descripções da familia e da casa, computo dos teres e dos habitos intimos, cinco ou seis creaturas aviltadas ás vezes em dez ou vinte linhas, e tudo isto pelo simples pretexto d'encher espaço, de fazer palpitante, e de vender o genero ao freguez rapidamente.

Ha proximamente dez annos, uns estroinões deram-se o desfastio de macaquear, n'uma casa de prazer qualquer, um casamento. Um fez de padre, outro de noivo, havia padrinhos, convidados, e a noiva—que zorra! —appareceu de flôres de larangeira. Dada a benção nupcial pelo celebrante, n'um latim que tresandava diabolicamente a pouca vergonha, foram todos banquetear-se a cahir para um restaurant fóra de portas. Entre o magote havia, parece, ingenuos que tinham tomado

o caso muito ao serio, cahindo com presentes, e que ao verem-se ludibriados, em vez de rir, foram levar o caso ao commissario. Agora vereis os estardalhaços das gazetas!

As mais conspicuas, por exaltar a monstruosidade do seductor, desataram a pintar a noiva como uma d'estas ethereas meninas, que a ideia só do macho faria evaporar para as alturas. Impressionou-me o caso, e da primeira vez que topo o artigoleiro mais afervorado ás virgindades *ante,* da noiva, inquiro d'elle se era certo o que da desditosa princeza se dizia. E insisto—ella antes do casamento, era realmente uma virgem, ó aquelle?

O homem com uma piscadella d'olho, redarguiu:

—Para enterrarmos o grandecissimo patife, era necessario que o fosse. Entretanto que eu saiba, virgem só ella está de quem lhe não der quatro corôas.

—Mas então as flôres de larangeira do toucado...

—Sim, confesso, o que ella devia levar eram laranjas.

Á virgindade refeita pelo jornalismo a esta reinadia, correspondem centenas de desflora-

ções com que os jornaes desacreditam annualmente raparigas honestas, publicando noticias de raptos, e dando curso a toda a especie de denuncias contra o pudor d'inermes creaturas.

Este o reporter na sua feição mais quotidiana de chronista, que não é sempre aquella que os de maior prosapia preferem, sendo mesmo vulgar que alguns não vejam duvida em se atirar a funcções de mais alto pincho. Aqui mencionei sem querer o *entrevisteiro*. O entrevisteiro é o reporter em diplomata, o homem encarregado de subjeitar a um questionario, os heroes do dia, e d'inferir das respostas obtidas, um certo numero de quesitos fulgurantes. Para o desempenho d'estas altas funcções, carece o reporter de ter figura, um certo aplomb de homem batido, monosyllabos profundos, e mais que tudo apparencias de boa sociedade. Mesmo porém que elle possua qualidades para sahir-se bem das scenas de comedia-drama que o officio exige, nem por isso deixa de ser para o publico um personagem infinitamente antipathico, entre o policia à paisana e o official de deligencias, assim como só com trabalho consegue evitar a reputação duvidosa que implicitamente anda ligada áquelle mister.

La fóra o entrevisteiro chega a ser quasi um typo perigoso, importuno, que se faz apresentar sem dizer quem é, que se insinua como amigo, que lisongea os fracos dos personagens com quem falla, e que uma vez certo d'elles, por uma parlenda habil, subentendida, zigzagueante por todos os escusos d'um problema ou d'um caracter, lhes consegue extrahir por confidencia, tudo quanto os interessados a sangue frio desejariam ou deveriam sequestrar á publicidade. Todos se lembram das calumnias publicadas pelos entrevisteiros francezes, a respeito da imperatriz Victoria e de Bismarck, a quando foi da doença de Frederico II, na villa Zirio. O explorador Stanley, á volta d'Africa, perguntado pelo dono do hotel francez a que descera, se receberia alguem que o procurasse, exclamou — Tudo, menos reporters!

Perguntem ao imperador do Brazil e ao conde d'Eu, os martyrios soffridos com os entrevisteiros portuguezes, desde o desembarque, até á sua sahida do paiz, e dos prejuizos materiaes e moraes que lhes causaram as indiscrições e dislates d'aquelles senhores, não só junto do governo provisorio, como tambem

perante a opinião que no Brazil lhes tinha ficado favoravel.

Entre nós, seja dito, a importancia publicante do entrevisteiro, é menos viva, dada a mediocre estófa de quasi todos. A sagacidade no nosso jornalismo medio é uma coiza pelo menos tão geba como o seu *toilette;* e toda a vida me lembrarei d'aquelle entrevisteiro portuense, que começava o artigo sobre um falsario celebre: «Apezar do que os medicos hoje em dia nos contam acerca do hypnotismo e da suggestão, não creio que exista isto a que certos fatalistas chamam, a attração irresistivel do jogo...»

Não se entenda que eu negue á imprensa, posto isto, o direito que ella tem d'illucidar a opinião, informando-a quotidianamente do que se passa, e tirando de cada episodio o remate moral que elle suggira ao jornalista. Mas dentro dos limites do respeito humano, e excentrico a todos os exageros d'analyse e a todas as minucias d'informação, que desviando o jornalista do seu papel d'educador, insensivel-

mente o levem a lisongear certas curiosidades morbidas do publico, fazendo d'elle um insensato alcaiote, e um capoeira vil pago ao artigo. Insistindo ainda sobre o noticiario avulso, não vejo que importancia tenham para o leitor os nomes e as moradas; e a mim mesmo pergunto porque é que os jornaes se não contentam com a simples menção das noticias consideradas deprimentes para os individuos que n'ellas figuram, eliminando o titulo das ruas, e substituindo os nomes, por iniciaes de phantasia. Avento para mim se não seria mais digno por de reserva, antes da publicidade, uns tantos boatos respeitantes a casos d'importancia, mal averiguados, phantasiosos talvez, onde às vezes figuram nomes sem mancula, e se arrastam pela lama segredos de familia, unicamente com propositos d'escandalo, e como expediente final de *chantages* tenebrosas. Porque entendamo'-nos. Generalisar aos *fait-diers* do jornal as virulencias que os articulistas politicos põem nas suas luctas, usar levianamente a tinta typographica para encher de nodoas a reputação dos que incidentalmente encontraram a policia no caminho, exagerar, mentir, só pelo prazer de noticiar coisas

ineditas, estaçalhar com a mesma sem-cerimonia um scellerado e um homem de bem, tudo isto constituirá quando muito o plano de conducta d'um pulha refece, mas não póde ser nunca o *modus vivendi* d'um verdadeiro jornalista. Em nenhum caso resaltam mais dolorosamente as consequencias do mal entendido papel da imprensa, como no seguinte episodio de que eu mesmo fui testemunha presencial, ha pouco tempo.

Um rapaz de quatorze ou quinze annos praticára á thezoura, n'uma estante do corredor que antecede a grande sala da biblioteca publica, um corte angular sobre a rede d'arame que protege os livros, e todos os dias ao passar, subtrahia por essa abertura occulta, um ou dois volumes da obra de Camillo, que rasgada a rubrica da casa, ia vender por quatro vintens a um ferro velho qualquer do Bairro Alto. Averiguada a falta dos livros, pozeram-se á espreita os continuos da biblioteca, e logo á primeira conseguiram surprehender sem custo o ratoneiro. Levado á policia, os reporters apoderaram-se do caso, e eu tenho em meu poder o numero odioso em que o periodico mais prudente e mais popular da capital,

não só prognostica, sob o titulo de **gatuno incorrigivel e precoce**, ao pequeno, um futuro de crimes insolvaveis, como tambem desce a informar o publico dos nomes dos paes, da profissão e da edade dos irmãos, da morada da familia, do que a visinhança contava ácerca d'ella, e detalhe horrivel, da doença do avô materno, paralytico ha sete annos n'uma cadeira de rodas! Ao todo, dezeseis pessoas conspurcadas, e tudo isto a proposito d'uma leviandade de creança, que duas palmatoadas teriam corrigido, sem necessidade alguma da policia, das alcovitagens da imprensa, e dos *pourparlers* da opinião! Passam seis annos, o rapazelho está homem, e o pae, honestissimo velhote que eu conheço, não podendo já fazer seguir um curso a este filho, resolve ao menos achar-lhe poizo onde elle ganhe honestamente a sua vida.

Procuramos então pelos escriptorios e grandes armazens da Baixa, um logar vago, temos cartas de recommendação de todo o mundo, e como o rapaz é intelligentissimo, brioso, cheio d'actividade e de valor, nenhum de nós perde a esperança de lhe arranjar trabalho, a pouco trexo. Entretanto vão-se passando as

semanas, e depois das semanas mezes, as promessas não se decidem, os logares vagos preenchem-se sempre antes de nos chegarmos, e dentro de pouco a surda má vontade geral começa a dar-me angustias. Um dia, insistindo eu com um mercador de confiança, sobre os motivos provaveis da occulta repulsa que o meu protegido parecia despertar, o homem, depois d'uma hesitação d'alguns instantes, tirou um jornal da secretaria.

—Olhe p'ra isto.

Era o infame papel que seis annos antes fizera publico o caso da bibliotheca, ignominando para todo o sempre o pobre rapaz. E esse pasquim detestado adivinhe-o eu depois em todas as gavetas, era conhecido de todos os commerciantes, e fechando á victima as portas da vida honesta, avoejava como uma *lucuadicha* criminal, por sobre o seu presente afflictivo, por sobre o seu futuro predestinado.

Volvendo agora ao caso d'estupro a que alludi no principio d'estas reflexões, chamo a attenção da imprensa para outro mal, por em-

quanto sporadico, mas nem por isso menos corrosivo para o já abalado conceito que a opinião publica começa a fazer dos jornalistas. Dias depois dos jornaes lançarem os primeiros *soeltos* ácerca do crime attribuido ao militar que todos sabem, parlamentarios destacados da baixa malandragem do jornalismo — todas as profissões teem d'estas escorias, o exercito como a imprensa, e nem por isso qualquer das classes deixa de ser um pilar das sociedades contemporaneas — começaram a rondar a porta do accusado, e a pedir-lhe audiencia, allegando a sua qualidade d'amantes da justiça, e desforçadores da innocencia enxovalhada. O primeiro que lá foi, depois d'offerecer a sua penna ao desagravo do dono da casa, teve meios d'informar que estava montando uma empreza de grande futuro, para cujo costeio só lhe faltavam 20$000 réis, sahindo n'isto, para d'alli a pouco mandar saber por terceiro, se S. Ex.ª sempre estaria disposto a dar a somma. Muito mais finorio, o segundo, apresentou-se trajando á diplomata, ar convivido, o masso de jornaes premido na axilla; e affastados os officiaes que estavam de visita, o publicista declarou vir alli como amigo, la-

mentava os desmandos do jornalismo contemporaneo, e todo o seu desejo seria amordaçal-os (acredite V. Ex.ª) convindo o preço. Para principiar, trazia alli o primeiro artigo d'uma serie premeditada com destino a fazer luz sobre a innocencia d'uma pessoa tão illustre como o cavalheiro a quem tinha a honra d'estar fallando — e aqui apresentou um jornal, desdobrado — E porque os amigos de S. Ex.ª viessem na ideia d'ainda haver jornalistas austeros, alli lhe deixava vinte e nove numeros da folha, para S. Ex.ª distribuir... e mais este papelinho.

— O papelinho que vem a ser?

— O recibo dos trinta jornaesinhos, quarenta mil réis, não é pressa nenhuma!

E como estes *maîtres-chanteurs*, outros que taes. Ora, sendo inquestionavel que semelhante gentalha não abate do seu legitimo prestigio uma corporação benemerita, como a dos jornalistas, não conviria menos, apezar de tudo, extremal-a por todas as fórmas d'expulsão e de denuncia, por modos que alguma vez não tivessemos de córar pela parceria d'estes falsos camaradas.

*24 de Setembro.*

Os jornaes noticiavam ha dias dois casos de violencia exercida sobre menores do sexo feminino, accrescentando que era o sexto caso d'este genero de que as auctoridades do districto tomavam conhecimento, durante o mez corrente. Infamias de egual jaez teem os periodicos de Lisboa descripto e commentado, nos ultimos tempos—desde a mulher da rua do Arsenal, que ia recoltar pequenas de 14 annos á provincia, para o trafico do amor infame, até á d'aquella neta que a avó cedeu á mulher d'um cocheiro, a qual ia todas as noites vendel-a, por essas casas de passe, aos appetites sadicos de meia duzia de velhos devassos. Devemos confessar que estas monstruosidades não eram frequentes aqui ha cincoenta annos, como agora, em Portugal, aonde o homem, mesmo vicioso, mantinha a virilidade altiva da raça, contendo os seus desmandos n'um cyclo de orgias, que raro faziam violencia á natureza.

Não o seduziam, como agora, estas pullu-

lantes raios d'esthesiar a fadiga dos nervos, vinda dos excessos ou dos annos, pela mordedura na polpa virginea e branca dos fructos insazonados, e pela assaltada á innocencia d'essas pequeninas inseynaes, cuja divina infancia devera adorar-se, como uma das mais puras e sagradas coisas do universo.

Por quantas e quaes deprimentes causas, secreta e lentamente evolucionadas, chegamos nós a esta perversidade no amor?

Pela velhice precoce, radicada de factores diversos — desde a mania hereditaria, até á insalubre educação das escólas e das officinas — que aos trinta annos invalida os habitantes das nossas cidades, cuja energia physica se apaga na depressão do meio, na falta de exercicios salubres, de hygiene e de cultura moral, e cujo systema nervoso se foi exasperando até aos cataclismos da nevrose, e invertendo a polarisação dos actos vitaes, desde as funcções das visceras até ás funcções do caracter, desde as sensações até aos sentimentos, desde os actos da intelligencia até aos actos da vontade.

Mais ou menos, ha em cada um de nós um *Des Esseints*, fruste talvez, e em ecclosão apenas, mas absolutamente inferior como indi-

vidno, ao typo physiologico do homem valido e do homem são. Mas ha outro factor tambem a oppôr á senectude do homem. E' a extraordinaria precocidade da mulher.

As raças reprimidas em bairros-gaiolas, como são os bairros das nossas velhas cidades, em casas sem sol, entre saguões e sargetas—pouca agua, ar pôdre, limpeza nenhuma, escasso alimento, e demasiadas exigencias de prazer e de trabalho—deitam rebentos, que apenas fugidos dos berços, parecem já mais ou menos aptos ao exercicio d'artes e funcções, que d'antes eram para assim dizer regalia exclusiva da edade forte. É encarar o gaiato de Lisboa, como prototypo dos filhos das classes trabalhadoras: é encarar o collegial, como specimen de progenitura da nossa classe media. Da bocca dos mais pequenos, dos mais innocentes, da creança que apenas falle, balbuciando as coisas com difficuldade, rompem ás vezes palavras que em si condensam mais de trinta annos d'experiencia e de *ruse*.

Nas friabilidades do olhar (nos garotos da rua

sobretudo) sêcco e tenaz por entre as pequeninas rugas das palpebras avermelhadas d'ophthalmia, enregelam-se a reflexão e a insolencia de sexagenarios que viram tudo, assistiram a tudo, provaram de tudo, e para os quaes o mundo já não contém surprezas nem mysterios. Observar como elles correm na rua, flanando em bandos—pequenos mephistopheles do enxurro—a fazer troça á mulher da hortaliça que passa, com phrases precoces de *voyous* iniciados em certos cultos, ou indo repetir á porta dos lojistas, nos bairros lôbregos, as *scies* desavergonhadas com que certos lojistas embirram muito. E as suas conversas, em que ha mimicas de macaco e aravias cynicas de grilheta!

As suas chalaças, que brotam entre carantonhas macabras, como uma revelação do instincto comico, arguto até ao sardonismo! As suas alegrias, que não teem saude no rir exangue da bocca, e aos doze annos vem já atormentadas por uma especie de raiva convulsiva! As suas coleras, inconsistentes, por accessos, que teem da impulsão monomaniaca dos degenerados, e dos contrasensos brutaes das bestas carniceiras!

Com as pequenas, o mesmo. A natureza fal-as mulheres, quando ellas para assim dizer, nem ainda começaram a ser creanças.

Mais ou menos, são quasi todas umas velhinhas de mama, sem infancia, sem ingenuidade, compostasinhas, tolasinhas, já scepticas e maldizentes, copiando as locuções que ouvem, fazendo esforços de perspicacia para adivinhar aquillo que não comprehendem, substituindo o capricho á emoção, a effervescencia hysterica á livre expansão da infancia, o desejo do maridinho ao desejo da boneca, e a conversa com homens, aos turbulentos brinquedos com as demais da sua edade, pelas ruas ensaibradas d'um jardim. A natureza fal-as mulheres quando para assim dizer ellas ainda nem creanças entraram a ser. Tudo n'ellas, excepto a estatura, condiz ao modelo da mulher mal educada, namoradeira, vaidosa, futil, embirrenta, tão vulgar entre as mulheres de Lisboa, ou sejam senhoras ou cigarreiras, filhas de carpinteiros, ou filhas de capitalistas... A mesma loquella descerebrada, intromettendo-se nas conversas com uma impertinencia de mau gosto; o mesmo saracoteado

no andar, que se inspira no porte das actrizes do Principe Real, ao fazerem papeis de duqueza, e no *salero* das *camareras*, ao cantarem o *Señor alcalde mayor*: a mesma curiosidade inquietante em procurarem o convivio de pessoas grandes, como para lhes beberem nas conversações, os venenosos succos de certas palavras e certas intenções—e sobretudo aquella febre, aquella ancia d'adivinharem por baixo das coisas apparentes . . por uma palavra, um olhar, uma *nuance* d'expressão alguma coisa do pandemonio humano que ellas desconfiam lhes occultam, e que as tresvaira — pequeninas perversas inconscientes!—ao ponto de as fazer saltar dezenas d'annos na evolução da edade, tornando-as mulheres, quando ellas ás vezes nem sequer completaram ainda a primeira dentição.

Filhas de banqueiros ou filhas d'operarios, não se imagina o que ellas são d'inquietadoras, aos doze, treze, quatorze annos, e com que felina arte, encantadora e abominavel, muitas d'essas pequenas sabem fazer a côrte aos homens, a occultas das aias e das mamãs. Desconhecidas larvas, rastejando-lhes no sangue morbido que herdaram, vem produzir

n'aquella crise da edade, as mais singulares e inconfessaveis pyxerias.

Remediadas ou ricas, os collegios auxiliam, pela vida commum, a evolução e a quintessencia d'estas estranhas personalidades. As pobres vão para a officina ou vão para a modista, muito novas, impuberes quasi; e ali, emquanto as regentes dormitam, e as machinas trabalham, parallelamente á costura e aos esforços da labuta profissional, segue-se um curso gradual de galantaria, ensinado pelas abelhas-mestras ás jovens moscas-mortas entradas de novo, um curso cochichado ao ouvido, entre risinhos, pequenos beijos, suspiros — um curso de galantaria que nem sequer ao menos tem a livral-o da libertinagem, uma vaporosa aza ponteagida, elysea e tremula, de sentimento. Nos nossos paizes do sol, em que a belleza não tem a essencial-a, a tornal-a uma coisa solida e persistente, os relevos osseos do espelho, e é feita de carne apenas, de frescuras de tinta, brilho d'olhos, e diaphaneidades mimosas de cutis, a nossa mulher cedo emmurcha, e está fanada aos vinte e cinco annos, ao primeiro desgosto, á primeira doenca, ou ao primeiro filho.

O periodo d'efflorescencia esthetica inicia-se para ellas, portanto, logo desde os começos da adolencencia—o que se chama a belleza do diabo — quando para assim dizer o sexo anatomico inda não falla, e o sexo moral já tem eloquencias, que arrastam o outro, *cahin-caha*, empós do primeiro idyllio romanesco.

A rapariga está assim desequilibrada no mais profundo do seu sêr.

A degeneração organica da casta, e a viciação do meio social, tornaram-n'a já n'uma mulher vorazmente amorosa, constantemente solicitada pelo mau exemplo e pela tentação, com paixonetas e agasturas hystericas, ao passo que a edade e a miseria estructural, herdada ou contrahida, se manteem ainda nas hesitações e tibiezas da creança. N'ella, o espirito tem todas as labaredas d'um facho, emquanto o corpo é fragil e ondeante como uma gaze.

N'estas alturas, pois, o incendio é uma coisa inevitavel.

Ponham-se agora aquelles homens que eu disse, precocemente envelhecidos, sem appetites naturaes, sem saude, com dyspepsias no vicio alterando-lhes os desejos em exoticidades bizarras, mancos de energias physicas que os reintegrem triumphantemente no seu papel de machos e procreadores, ao lado d'estas estranhas *charmeuses* d'olhos garços, cabellos em *chien*, bocca enigmatica, mãos exangues, seio fino, e riso dubio — virgindades sem innocencia, que teem pressa de chegar á nubilidade — e digam-me depois o que succederá.

Evidentemente a desavergonhada da rua do Arsenal não recrutaria creanças para o seu talho, a despeito da severidade dos regulamentos policiaes, se essa carninha tenra, branca, assucarada, cheirando a sol e a *biberon*, não tivesse procura, e lhe não valesse gorgetas anafadas.

A mulher das Olarias já teria abandonado o seu systhema de visitas nocturnas aos santuarios de Venus, com a pupilla, se todas as tardes não fosse uma velha de capote e lenço, com um bilhetinho da sacerdotisa do templo, a D. Isaura ou a D. Innocencia, marcar-lhe

um *cordeiro* para o Castro bexigoso, ou para o Pimenta dos oculos.

As mães não enviariam aos cafés, pequenitas de seis e sete annos, trajadas com certa garridice, a vender cautelas ou a pedir esmola, com um sorriso de fazer frio aos menos propensos a sentimentalidades, se lhes não aguçasse a cobiça, as esmolas de cinco tostões com que os francelhos da crapulosa *rigolade* de Lisboa, armam isca, aos transviados e implacaes passaritos. Logo esta industria infame, tem procura, e vale a pena de ser exercida, a despeito dos perigos de que se cerca!

O acto é por tal fórma monstruoso, illogico, e extravasado dos processos geraes da physiologia voluptuosa, que não póde explicar-se por uma sobreexcitação do appetite são, senão como deficiencia do substracto mental, que a prisão não corrige, e que talvez se foi pouco a pouco preparando, em parallelo com outras manqueiras humanas, á medida que a raça se esgotava, esterilisando-se, n'um *commencement de la fin*, como o de Roma, no tempo de Caligula e Tiberio, que o diabo tenha. Todos os esforços dos reformadores de-

verão pois recuar para mais longe, e ir refazer a cidade, não a sabor do empirismo dos lunaticos, que investigam da felicidade collectiva por palpite, como o Fonseca das cautelas, mas sob os respeitos d'um plano vasto e geral, em que sejam destruidas todas as causas averiguadas d'envilecimento organico e moral da familia portugueza, e sotopostos em leis, todos os principios que a sciencia apurou dos seus dois seculos d'investigações, e que d'alguma maneira possam auxiliar ou desenvolver, aquella felicidade.

—Mas esse plano? dirá alguem.

Esse plano, os especialistas que o fundam, que o redijam, que o proponham, e que o discutam. Os elementos abundam. Pensam os senhores que não seria já muito o alterar completamente o systhema d'edificações em que Lisboa mora, respira, trabalha e soffre? e que sob todos os respeitos, são a coisa mais asphyxiante e deleteria que se conhece?

Nos paizes mais adiantados da Europa, começa-se já a pensar n'este problema sériamente; e a par dos esforços tendentes a livrarem os ricos, por algum tempo ainda, das vindictas dos trabalhadores, pela forjadura de

codigos regularisadores do trabalho e do lucro, capricham os estudiosos em fazer resurgir da apathia physica, as populações vergastadas pela miseria, em cuja vida o pão escasseia, e superabundam os desregramentos.

Para não fallarmos senão da França, diremos que no espaço dos ultimos dois annos, teem as sociedades sabias de Paris, Tours, Montpellier, Lyon, etc., discutido pelo menos uma cincoentena d'assumptos concernentes á remodelação das cidades, desde as habitações até aos individuos, pelos processos que a sciencia experimental definitivamente aconselha.

D'esses problemas citaremos ao acaso, prohibidos como estamos, de detalhar qualquer episodio especial:

—*Surménage* e *malménage* nas escólas e nas officinas.

—Regulação do trabalho das mulheres e dos menores, quer nas escólas, quer nos *ateliers*—limite maximo d'edade em que umas e outras devem começar a trabalhar—numero de horas de trabalho quotidiano—regulamentos sobre o trabalho nocturno, e especificação da edade e dos mestéres em que esse trabalho deva ser permittido.

—Hygiene obrigatoria das officinas, lyceus, *magasins*, e grandes fabricas—sua capacidade, tiragem, graduação de luz, etc.

—Hygiene na construcção das residencias, dimensões de ruas, janellas, e exposição e ventilação dos quartos.

—Hygiene da alimentação—fiscalisação rigorosa sobre a pureza e o preço dos alimentos de primeira instancia.

—Prophylaxia das doenças contagiosas, especialisando as secretas, que estão sujeitas a uma fiscalisação sagacissima, por banda da policia sanitaria.

—Distribuição gratuita de regulamentos sanitarios preventivos da infecção.

—Estabelecimento de banhos publicos gratuitos para toda a gente, por conta das municipalidades.

—Creação de parques, jogos publicos e diversões baratas, aonde os operarios possam espairecer, ao fim d'uma semana de trabalho.

—Hospitaes para creanças rachiticas e escrophulosas, á beira-mar.

—Fundação de *bourses de voyage* collectivas, para os alumnos das escólas publicas das cidades, d'ambos os sexos, com o fim de lhes

proporcionar viagens de recreio ás praias e florestas de França, durante as ferias.

—Estabelecimento d'officinas annexas ás escólas, d'exercicios militares, gymnasios, escólas de canto choral, esgrima, natação e canotagem, com um certo numero de notas de fim d'anno, que entram na classificação geral do curso, com um valor egual aos das outras aulas.

—A mais assidua vigilancia sobre a saude, os costumes, os habitos e as tendencias da infancia, gradual e amoravelmente exercida, para corrigir n'estes as manqueiras hereditarias, e attenuar n'aquelles, vivacidades e violencias demasiosas, já não asphyxiando-as, mas fazendo-as derivar para um caminho aproveitavel.

—Hygiene da maternidade, exposições de creanças, etc., etc.

E por ultimo, accrescentaria eu a toda esta série de problemas capitaes para a vida contemporanea, mais um, que é importante acima de todos, e vem a ser, a intervenção da policia medica nos casamentos, ponto por agora theorico, como meio de prevenir as allianças doentias que abastardam a descendencia até ao extremo infimo que se está vendo.

Pois se eu, antes de comprar o cavallo de que preciso, e a *chaise-longue* em que me deito, investigo primeiro se cavallo e *chaise-longue* não teem coisa nenhuma partida, porque não hei de fazer o mesmo *(en ménageant la chose)* á mulher com quem me caso; ou porque não ha-de essa mulher inquirir da minha saude e da minha solidez, sabendo que a casar com um invalido, vae crear-se um martyrio para toda a vida?

Talvez porque em nossos dias, o casamento seja para mulher e marido, uma especie de retirada da vida alegre, d'asylo de rheumatismos latentes e dyspepsias contrahidas, que os ajuda a viver mais algum tempo, e de que os filhos pagam as custas, vindo a este mundo já derreados, desforçando-se porém da inania herdada, pelo prazer d'amaldiçoarem a toda a hora — os paes.

# EXPEDIENTE

Muito brevemente apresentaremos os prospectos para a publicação de uma EDIÇÃO MONUMENTAL do notavel romance **AMOR DE PERDIÇÃO**, do principe dos escriptores portuguezes, CAMILLO CASTELLO BRANCO, o romancista de imperecivel renome e inegualavel talento, esperando que V. Ex.ª nos reservará a sua assignatura para tão importante publicação. A edição que emprehendemos constituirá um verdadeiro primor de bibliographia nacional, pois será illustrada com magnificos desenhos devidos aos reputados e laureados artistas portuguezes—J. J. de Souza Pinto, Caetano Moreira da Costa Lima e J. d'Almeida e Silva, inserindo tambem prefacios e estudos criticos dos nossos notaveis homens de letras —Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga, trabalhos feitos expressamente para esta MONUMENTAL EDIÇÃO.

Ficará, assim, pois, esta edição especial do notavel romance **AMOR DE PERDIÇÃO** como um monumento perduravel em honra do seu immortal auctor.

Os editores offerecem a todos os assignantes d'esta monumental edição um BRINDE de um grande valor artistico, e tal que até hoje ainda se não distribuiu no paiz brinde de valor comparavel a este. É uma soberba oleographia, finissima, de grandes dimensões, e copia do notavel quadro *Uma scena de Pompeia,* que enriquece um dos museus da Italia, e que é devido ao pincel do celebre artista italiano L. Crosio.

É tão notavel esse quadro, que todas as illustrações estrangeiras o têm reproduzido em suas paginas em bellas gravuras dos melhores artistas, dedicando áquelle soberbo trabalho notaveis artigos e fazendo os maiores elogios ao auctor do quadro.

Póde-se afoitamente garantir que o valor real do brinde é de METADE DA OBRA que vamos publicar.

A edição acha-se já quasi prompta, faltando apenas concluir os ALBUNS-SPECIMENS, prospectos e cartazes; e a publicação regular começará brevemente, sendo antes d'isso exposto ao publico o MAGNIFICO BRINDE que offerecemos gratuitamente a TODOS OS ASSIGNANTES.

*OS EDITORES.*

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 17 — 11 de Outubro de 1890

## SUMMARIO

EM QUE SE PEDEM ILLUSTRAÇÕES AO LIVRO BRANCO, PARA EXPLICAÇÃO DAS NOSSAS DERROTAS DIPLOMATICAS — DIAGNOSTICO DA DIPLOMACIA ACTUAL, E NECESSIDADE DOS EMBAIXADORES SE NÃO PARECEREM COM OS CREADOS DE SERVIR — O SNR. BARJONA EM LONDRES, E DAS SUAS SINGULARES APTIDÕES AFRICANISTAS — BARJONA MULATO E JANOTA: NECESSIDADE QUE TEEM OS DIPLOMATAS DE SEREM BELLOS E BEM NASCIDOS — RETRATO D'UM GEBO, E SEU ANTAGONISMO CO'AS RAÇAS PURAS — INCONTINENCIA DAS SUAS URINAS, MOBILIDADE DAS SUAS IDEIAS, E DEMONSTRAÇÕES INFERIORES DO SEU HUMORISMO — DOIS DITOS EROTICOS — FRAGILIDADES D'UM HOMEM CELEBRE: O SNR. BARJONA DANDY, BRÉ-

JEIROTE DAS PRAIAS, E FADISTA — CHEGADA A LONDRES, E RECEPÇÃO DE *ces dames*, PELO PESSOAL DA EMBAIXADA — DELIQUIO DA EMBAIXATRIZ E CORTEJO CIVICO Á CLOACA — O SNR. BARJONA NO *Hotel Bristol:* GRANDE VIDA E GRANDE RODA — *Ai sé camón!* — A PRIMEIRA CONFERENCIA NO *Foreign-Office*, E ANALOGIAS DO EMBAIXADOR PORTUGUEZ COM CALISTO ELOY — COMO S. EX.ª VAE PREPARADO PARA BATER A LORD SALISBURY — JANTAR DE GALA, E GENTILEZA DO SNR. BARJONA A LADY SALISBURY — AVERIGUA-SE QUE É INDECENTE, E TEM A PREOCCUPAÇÃO DOS ALFAIATES — SIR CURRIE E OS BILHETINHOS — PLENIPOTENCIARIO PORTUGUEZ CONTANDO AOS LACAIOS DO *Foreign*, ANEDOCTAS DE FRADES — ODIO BRITANNICO AOS TYPOS SUBALTERNOS — A JULIANA DO *Primo Basilio* EMPRESTA CARACTER Á LINGUAGEM DE CERTOS TELEGRAMMAS DO LIVRO BRANCO — DEMONSTRAÇÕES SERVIS PERANTE O INGLEZ — O SNR. BARJONA PELO BEIÇO — CONTRAPROVA INSALUBRE DAS SUAS PAIXÕES QUAZI ANIMAES — PERDE-SE MOÇAMBIQUE POR S. EX.ª NUNCA TER TIDO BONS CASACOS — VALOR DE S. M. EM KILOS REDONDOS: OS REIS E OS PORCOS — CARICATURA DA VALENTIA ALFACINHA.

*29 de Setembro.*

A par do livro branco, expositor dos planos africanistas do gabinete que vem d'expirar, como o pedrasta do conto de Richepin, n'uma latrina, deveria a nossa chancellaria ter dado a lume uma especie d'album d'aguarellas, onde a posteridade podesse vêr bem as caras dos negociadores, e os *toilettes* em que o snr. Barjona de Freitas, enviado extraordinario do governo portuguez, entrou no *Foreign-Office,* foi aos jantares de Windsor, ou assistiu ás recepções de lord Salisbury. Mais que nenhuma outra especie de documento, esse album nos teria explicado as derrotas diplomaticas, não só por uma falta de lucidez na revindicação dos nossos direitos, como principalmente pela in-

verosimil ridicularia da figura que a Londres foi justar a causa portugueza.

Bem sei que os *enviados* de hoje não são mais os personagens supremos de ha dois seculos, e que as negociações entre os governos, perdendo o caracter aventuroso d'outr'ora, tendem cada vez mais a suprimir o agente diplomatico. Todavia este antigo arbitro dos destinos da Europa—no tempo em que a politica era apenas o divertículo das casmurrices pessoaes dos reis, e dos caprichos hystericos das favoritas e das soberanas—se já não salva nem perde dynastias, só pelo prestigio pessoal da sua belleza ou da sua argucia, nem por isso deixa de ser nas côrtes estrangeiras como uma synthese viva da raça que o envia, e como uma amostra das qualidades e dos defeitos do paiz que elle tem a missão de representar.

Hoje, a diplomacia europea é conduzida e dominada pela fatalidade dos factos, e a opinião é a unica soberana que ainda alguma vez póde contel-os. Quatro raças disputam entre si a hegemonia do mundo, e todo o movimento das chancellarias obedece á trepidação d'essas raças que, na Europa ou fóra d'ella, pretendem tomar o passo umas ás outras. Por fórma

que tirada ao embaixador a iniciativa de funccionario autonomo, com carta branca para a escolha dos meios de dar batalha, que elle conservava ainda no tempo de J. de Maistre e do conde de Lavradio, as pendencias diplomaticas resolvem-se directamente entre os gabinetes, sendo o embaixador apenas um intermediario para o apasiguar dos pequenos incidentes. Vae, por isso mesmo que o seu officio baixa em profundeza, deve subir a *mise-en-scene* inherente á ideia de ser elle o representante carnal do povo que o envia, e não convir jámais entre estrangeiros abater o *rang* d'esse povo, até ao extremo em que o embaixador se confunde com o creado de servir.

Ora, esfoçando um pouco nos predicados que o snr. Hintze achou no snr. Barjona para envial-o como representante de Portugal, á côrte mais requintada e formalista do mundo, vê-se o seguinte. Como *africander,* o snr. Barjona é uma bestinha mansa e pegadiça, sem enthusiasmo, porque nem a edade nem a indole permittem que elle se enthusiasme: sem proficiencia, porque tirante escamoteações fo-

renses, não consta que o homemsinho tomasse gosto por outras questões que não revistam a fórma de charutos de seis vintens, e de baixos ventres de sopeiras: e finalmente sem a menor familiaridade com os instrumentos que poderiam facilitar-lhe a tarefa, verbi gratia o manejo da lingua fallada pelos diplomatas com quem havia d'entender-se.

Ajustaram-no á tôa, como um mergulhador inexperiente do officio, e sem escaphandro expediram-no para as profundezas do *Foreign*.

Inutilisal-o como opposição no parlamento, compromettel-o como negociador, perante o paiz, taes parecem ter sido os moveis dos seus noves mezes de Londres, ao fim dos quaes lord Salisbury lhe fez parir o monstro do tratado. Elle mesmo pasma de o terem achado bom para uma missão de tal delicadeza, e no livro branco, a cada passo acorda o seu estribilho funebre — *inquieta-me a confiança do governo!* — como um remorso do latrocinio consentido.

Inda esta ignorancia podia esconder-se em Londres por traz d'uns monosyllabos graves, peculiares a certos diplomatas, que fazem do grunhido uma eloquencia, e ainda esta indifferença podia passar por aplomb d'embaixador,

se acaso o snr. Barjona fosse um homem do mundo, e competisse em gentilhomeria de maneiras, em correcção altiva de porte, em desdenhosa elegancia, em espirito vivido, em requinte, com os personagens superiores, com quem no decurso da sua missão, sem duvida houve que conviver e descretear. Porém Lisboa conhece por demais o illustre esquerdo-gymnastista, para cuidar que elle illudisse o inglez quanto á proveniencia duvidosa das suas poupas, e quanto ao *selected* dos seus arrotos durante as refeições.

É um advogado de provincia calcado sobre todas as pelintragens da vida de bohemio, acrescentadas de todas as licenças da vida de solteiro. D'uma origem plebea — o que não é indifferente na gestação d'um diplomata — toda a vida pobre, e com pequenas angustias quotidianas de cinco libras perdidas á batota, elle acusa nos mais pequenos detalhes do seu espirito e da sua figura, essas saburras infimas do cavador que está por baixo do *outro,* do homem cultivado, e a cada instante intervem para o amesquinhar, seja onde fôr. Mesmo a

sua figura é deploravel, com feições de cigano e sangue de mulato. Nos cabellos corredios, chorando banha, na implantação viciosissima dos dentes, bordados de limugens perto da raiz, na barba rala, empastada de herpes, no prognatismo da maxilla inferior, avançando obtusamente com uma sensualidade rude de gorilla, no feitio da barriga, gastralgisada por indigestões de comidas ordinarias, no desenho das mãos rugosas, com palmouras, dedos cheios de nós, unhas chatas, estriadas ao travez como a dos pobretões descalços, no rythmo do andar, cambaio, como quem leva um frete, no parenthesis das pernas, no feitio do cachaço, uma inferioridade atavica resalta, de raça espuria, cruzamentos que aviltam o homem, e o desviam do typo puro de que certos representantes das raças loiras parecem ser o ideal inegualavel.

Folheada a sua vida, justapõem-se defeitos funccionaes ás imperfeições organicas que vem de ser traçadas. Conta seu tio, que até cerca dos quinze annos não foi possivel evitar que elle todas as noites mijasse na cama, nem ti-

rar-lhe da cabeça ainda agora, que as unhas dos pés são comestiveis. Sem delicadeza alguma no caracter, sem fixidez alguma nas ideias, nada o interessa além das mulheres, do jogo e da comida, unicas coizas de que elle abusa, e subordina ao sybaritismo de si proprio, sem lhe dar sequer um instante d'alma agradecida. Tam pouco o seu humor provém da bonhomia: é cynico, erotico quazi, radica-se no desprezo de tudo, vem da navegação de tudo: não tem amargura, que ainda presupporia vehemencia, interesse, mas é uma coisa glacial vinda d'uma alma morta para as alvoradas da crença e para as primaveras da emoção. Sendo ministro, um deputado exigente, cançado de lhe pedir não sei que logar farto, atreveu-se a dizer que se a pretensão não visse despacho, elle atiraria com a albarda.

—Não atire, não atire, respondeu-lhe Barjona, que eu não estou acostumado a montal-o em pello.

D'outra vez, vindo com Sampaio d'uma recepção real, no mesmo carro, conversavam os dois sobre a ridicula tarefa de genuflectir perante as magestades, em certas epochas marcadas p'lo kalendario. E Sampaio, resignado—

Emfim os salamaleques ao rei ficaram feitos; toca a ir repetil-os agora ao D. Fernando.

—Que quer você? disse-lhe o outro. Depois da ajuda vem sempre as necessidades.

Por sob aquelle vernis de politico, e a desabusada *nonchalance* d'estadista, o plebeu que lhe está por baixo da pelle, e é o verdadeiro Barjona em carne e osso, compromette-lhe a *allure* de grande homem, ridiculisa-o, achincalha-o, é o seu carrasco e o seu suor frio. Tem secretamente a raiva de ser gebo, e prasenteiramente haveria trocado a posição culminante d'agora, por umas tripas que dessem menos roncos, acrescendo que o seu ar negligente esconde a mais terrivel fascinação p'los que vestem a primor. Todos os seus amigos conhecem a sua maneira especial de tomar o braço, beliscando affectuosamente a polpa do biceps. Á primeira vista, parece cordealidade, mas reparando em que elle só belisca os bem vestidos, advem-se na conclusão de que o faça antes para ajuizar do panno das sobrecasacas correctas, que são o desespero da sua vida.

De feito a sua manqueira como gentleman

reveste quazi uma feição grotesca de morgado de Fafe e de *Mr. Perrichon en allant a la noce.*

É um apologista dos collarinhos postiços, dos peitilhos de borracha, e das gravatinhas alfinetadas de joias duvidosas. Tem a paixão da melena varrida sobre as fontes, das pomadas cheirando a virilhas de magana, dos grilhões de saloio, com meio kilo de berloques, pendulando. No fura-bolos, o classico cachucho de guarda municipal; boquilhas complicadas de caixeiro, com veados, cupidos, mulheres nuas—e como se não fôra já typica a sua meia de linha, e o sapato de peito de casimira, colchetado á banda com bonnets de jockey, tem ainda por cima o mau séstro d'entrapar as pernas com córtes flòr d'alecrim da fabrica d'Arrentêlla, e de roer as unhas em sociedade, depois que as adubou co'a murraça herpetica que vae raspar ás profundezas da gaforina.

A sua chegada a Londres, entre o cornaca Carrilho, e *ces dames,* é uma d'estas paginas de comico, d'onde o inverosimil poreja em risos insustaveis, tamanha a inventiva expensa na concepção d'uma tal scena.

Imagine-se o pessoal da embaixada todo

na gare, em *toilette*—o snr. Luiz Soveral com o ramo de rozas prestes, e o braço em arco, aguardando á portinhola do wagon, a embaixatriz—a porta que se abre, Carrilho o primeiro que apea, carregado como um ferro velho, caixas de chapeus, dois fraldiqueiros, moringues d'Estremóz, cabazes de mil fórmas, e por cima de tudo um cobertor da Covilhã, que servira ao embaixador de *couvre-pieds*... Depois, na confusão dos balões e das saias de chita, princezas barbacenas que assomam, com cintos de fivella, malas de tapete, embrulhos d'especiones, e todas com lenços de malha ao pescoço, capas medonhas, lenços amarrados por cima dos chapeus; e espavoridas, a trigueira com medo de ser esfaqueada por Jack o estirpador, a magricella aos vomitos, com o estomago azedo dos tombos do comboyo, a gorda a gemer com inflammação na gengiva d'um dente cariado—e por alli fóra, uma inferneira de cestos de provisões, gaiolas de passarocos, gatos em saccos, chouriços escondidos, como se tudo aquillo reentrasse d'um arraial portuguez, fóra de portas.

Já a esse tempo o amavioso Soveral tem crescido sobre a que lhe pareceu mais grande

mundo, e vae para offerecer-lhe o ramo que trouxera; mas intervem Barjona, dizendo:

—Essa não, que é a Francisca... a tempo d'ainda lhe poder empurrar o braço para uma magra, de coifa, o buço forte, e cujo chapeu de pennas verdes e encarnadas lhe infunde um ar de catatua impaciente. Ahi se engacha todo aquelle bello sexo nos braços da embaixada contrafeita, e o cortejo atravessa as salas n'uma ronda d'escandalisar o proprio bilheteiro; quando a Francisca, que já pelo caminho déra mostras d'estorcida, começa d'esfusiar pequenos ais, que o seu braceiro interpreta como testemunhos de ternura.

—Londres, minha senhora, é todo um mundo, o clima frio, mas os corações aqui batem depressa...

E a dama, pallida—Valha-me nossa Senhora! eu já não posso!

—Portugal faz-lhe saudades, prevejo, mas encontrará aqui em Londres quem ha-de saber comprehendel-a.

Lá desfallece a pobre nos braços do precioso que assim falla, rumor na sociedade, copos d'agua no ar; té que Barjona chega de sapatinhos de feltro, bonnet de mercieiro, es-

capo alfim das unhas dos policias, que pretendiam tomal-o por um assassino italiano. De roda, é um gastar de condolencias: não ha-de ser nada, deliquio passageiro, effeitos do calor... quando a das plumas verdes intervem —Diz com franqueza, menina, o que tu queres é dar de corpo...

É exactamente o que ella quer, *allibiar-se;* e de casaca, expendendo graças Luiz XV, todo aquelle pessoal de legação, vindo p'ra render homenagem ao seu plenipotenciario, acaba por enfreiar *toilette* e espirito ao cortejo drolatico d'uma *jeune personne* que destempera em caganeira.

... o album para annexar ao livro branco, devia começar por esta as suas aguarellas.

A segunda aguarella contaria da installação do enviado portuguez no Hotel Bristol, elle, um bohemio de casa de hospedes, afeito a fumar charutos de couve, e a ferrar moncos no calcanhar das pingas servidas, n'uma hospedagem de principe, alcatifas, *tentures,* mobilias caras, menus exoticos, confortos desconhecidos, bidés superfluos, banheiras por servir;

e servido por creados que a cada instante lhe dariam sem querer, lições de correcção. Está a gente a vel-o entre malas abertas e pontas de charuto atiradas, escarrando como um tisico, p'ra direita e p'ra esquerda, n'uma atmosphera d'estabulo ponctuada d'aguas de colonia aviltantes: e a cada minuto *ces dames* pedindo pão com manteiga ao creado, com assuadas d'*ai sé camón!* pelo inglez incomprehendido, e pragas nacionaes aos papagaios e fraldiqueiros que vem alliviar-se-lhe nas saias, como a Francisca, na scena da estação. E as surprezas da *petite famille* á primeira remessa de camisas finas, os seus *ohs!* e *ahs!* entrechocados, quando um dos 16:000 Pools e Jonhs Mamb falsos que Londres tem, envia para sua graça o embaixador, a primeira sobrecasaca forrada de setim! E na manhã da primeira visita a Salisbury, dada uma ensaboadella geral, primeira e unica da sua vida, na casa de banhos do hotel, quando desencasqueado o snr. Barjona rompe das espumas, como Venus, oh surpreza convulsa!—nem o proprio Carrilho o reconhece. Tanto o aspecto do nosso plenipotenciario mudou c'o banho, que depois de limpo é que verdadeiramente parece que está sujo!

Terceira aguarella: a sua entrada no *Foreign-Office*. Quem quizer ter a psychologia do snr. Barjona, n'este vertiginoso instante da sua vida, leia a carta onde o Calisto Eloy da *Queda d'um anjo,* descreve à esposa a sua primeira sessão na camara dos deputados.

O personagem grotesco de Camillo serve maravilhosamente a nos visionar o patusco homem de pau do snr. Hintze. Em Calisto Eloy por ventura uma intelligencia menos viva, posto mais util, e a austerisal-a, um sentimento de conveniencias extra-gothico, quazi esculptural.

No snr. Barjona de Freitas, a sua antiga cabeça de genio coimbrão que estende os lentes, mas já sem viço, n'um começo de deliquescencia encephalica que os excessos explicam, e onde sobrenadam apenas algumas anecdotas de frades, e algumas deterioradas receitas de casuista.

Em par d'esta anticipada provectude, a sua insipidez como homem de sciencia, que mal sabe onde a Africa fica, que desconhece os mais rudimentares prolegomenos do problema

colonial, e vem ao acaso, sem plano de negociações, nem uma base sequer p'ra ponto de partida—e achincalhando tudo, pesando sobre tudo, aquella sua irreparavel condição do homem grosseiro, timido, pobre, endividado, sem linha fidalga, nem mãos apresentaveis, com o ventre hydropico, pernas de feto, chispes de fadista, e todo elle ás arrecuas, mal seguro de si, armado no ar, compromettido, com uma vaga consciencia de fazer junto de Salisbury a figura d'um orango-tango ao pé de Jupiter.

Quarta aguarella: o snr. Barjona na antecamara de lord Salisbury, depois de quatro horas de bilhetinhos, recadinhos, e inuteis tentativas para que o orgulhoso chanceller britannico o recebesse. É a *12 d'agosto:* os corredores do *Foreign* já devem conhecer o passinho molle do enviado portuguez, as fumaças do seu charuto enorme de couve de Hamburgo, e as longas horas arrastadas junto dos fogões, a conversar com os creados, que elle a principio tomou por diplomatas, e a que depois pôz a mão no hombro, tratando-os por *coisinhos,* com ten-

tativas de suborno, de cruzado, a ver se assim seria recebido mais depressa. De conferencias e jantares, Salisbury acabou tambem por se fazer conceito nitido ácerca do estranho homemsinho em quem o *little Portugal* delegou poderes completos para a partilha da Africa portugueza, e como porteiros e continuos, grandes e pequenos empregados do ministerio elle está senhor dos processos e dos meios d'esse picaresco embaixador, que dir-se-hia fugido das operetas da Trindade. Porque a todo o inglez feito de calculo repugnem as longas dissertações e as hermeneuticas de portico, resultou que á segunda entrevista já Salisbury manifestava pelo nosso enviado uma embirração picada de desprezo. Porque antes de politico, Salisbury é um homem de côrte, fidalgamente nado, e afeito a tractar gente elevada, e a estófa plebea do nosso ministro, de cachucho no dedo, pus nas gengivas, olho mortiço, tartamudeando um francez de phantasia, e antepondo aos argumentos praticos, pequeninas espertezas risiveis de casuista, breve o desgosta, á medida que o cheiro a rapozinho que elle exala, sob os perfumes, que o riso podre dos seus dentes de fumista, que o desenho vicioso dos

seus dedos, que a leprosidade geral de toda a sua pessoa, lhe reconstituem a vida passada d'esse homem, pintando-o com um destroço humano, em regressão ás curiosidades de hospital.

Desde esse dia, Salisbury não se sente bem ao lado d'elle, e evita senhoras nos jantares em que tenha de o sentar á sua mêza. Porque não ha meio de o fazer conversar duas horas, sem que a sua bocca vomite alguma facecia bocagiana. O sadismo estravasa dos menores detalhes da sua convivencia: não ha gesto seu, por cavalheiroso, que se não possa interpretar por um manguito, tic de palpebras que se não filie no subentendido brejeiro que nós outros conhecemos pela designação de *piscadella de luzio.*

Ahi vae uma gentileza a lady Salisbury, no primeiro jantar que esta lhe deu — *M.me la marquise a pour servantes, les plus belles femmes du monde! En verité j'en rafole de coucher avec...*

D'outra vez, discutindo uma questão de limites, e as condições de construcção do caminho de ferro de Pungue, o snr. Barjona subitamente possuido da sua velha adoração pela

alfaiateria de luxo, levou a mão ao braço de Salisbury:

—Mylord, quanto lhe custou esta sobrecasaca tão catita?

O presidente do conselho começa desde então a recusar-se ás suas entrevistas, a fazel-o esperar horas e horas na antecamara, a discutir com elle por intermedio de sir Currie, uma especie d'Ornellas inglez, de monoculo, vasio que nem uma occarina. E aqui as evasivas, as phrases seccas, as insolencias humoristicas. Em 17 de fevereiro «*le passé est passé, le temps est un grand moderateur*». Em 21 de março «Mais uma vez fizemos notar que o Zambeze é uma via internacional, e não póde ser considerado propriedade exclusiva d'uma só potencia. Se, por falta d'esta precaução se dér infelizmente algum conflicto, a responsabilidade não recahirá sobre o governo britannico.» O nosso direito historico, fundado na occupação tri-secular e na descoberta, Salisbury chama-lhe «pretenções archeologicas.» Barjona communica fielmente ao snr. Hintze o que se passa; e quanto mais batido pelo ministro inglez, mais fascinado! Trechos dos seus telegrammas referindo entrevistas, parecem arran-

cados á creada Juliana, do *Primo Bazilio*. «Tive hoje a honra de ser recebido por lord Salisbury,—que esteve mais d'uma hora a fallar comigo.»

E n'outro ponto «lord Salisbury, cujos bons desejos de nos ser agradavel são o mais evidentes possivel. . . » E mais além «a sollicitude de lord Salisbury para comnosco vae além das minhas mais carinhosas supposições. . . » Hein?

Ha n'estas palavras, adorações de mulato, feitas de baixeza e d'uma especie de desejo physico, que evidentemente põem o negociador portuguez na subserviencia de quem assim o fascinou. No momento d'escrever o que acima vimos, o snr. Barjona está preparado para ser tudo quanto Salisbury queira, seu pedicuro ou seu barbeiro, e para escorchar as aspirações do povo portuguez a respeito d'Africa, apenas o ministro da rainha Victoria tenha um gesto, ou se digne fazer-lhe olhos gaiatos. Salisbury tornou-se para elle um não me toques: se procurarem bem nas malas do snr. Barjona, encontrarão uma velha ponta de charuto, secretamente apanhada do escarrador como recordação da primeira entrevista no

*Foreign*. Fallem-lhe d'elle; porá a mão no peito, e exclamará, revirando os olhos — se o vissem! que regalo de homem! — confessando que o seu desgosto foi não lhe ter furtado um lenço, vêl-o no banho, ou constatado a côr das suas meias. Esta pachochice é conhecida e é humana, dando-se—e é o caso—entre um typo de raça pura, como Salisbury, e um labróste d'infima escuma portugueza, como o nosso esquerdista. Não ha esforço de vontade que a inutilise, abalo que a suste: o homem que uma vez a experimentou, vae cegamente, á mercê do outro, n'uma humildade d'amante e n'uma abjecção d'escravo, prestes ás maiores vergonhas, por comprazer da idolatria que o allucina.

Tal a crise psychica e affectiva do snr. Barjona de Freitas perante os provados desdens e a manifesta repulsa com que o ministro da rainha Victoria houve por bem pôl-o a distancia, interpondo o estafermo de sir Currie por medianeiro de negociações, que para nos deixarem com honra, deveriam de ser tratadas verbalmente. Nas unhas do seu despota e fetiche, o snr. Barjona é uma especie de coelho que se presta aos divertimentos do fu-

rão, um sachrista ranhoso que assigna de cruz quanto o outro quer, e ainda mais aquillo que elle não quer.

O livro branco está cheio de cessões de territorios e regalias á Inglaterra, sem disputa quasi, e com um caracter de presente de nupcias manifesto, que dá medida do preço pòrque o nosso enviado comprava os sorrisos do seu chulo. Nunca em verdade a intervenção d'um homem ordinario foi mais funesta em causas diplomaticas!

Que importa que Portugal ceda á Inglaterra 400:000 kilometros quadrados de terras auriferas, florestas, cursos d'agua? Lord Salisbury deixou-se pisar o pé pelo snr. Barjona. Que importa que todas as clausulas do convenio de 20 d'agosto, sejam a projecção na Africa Portugueza, das tyrannias que o senhor de roça impõe ao escravo? Lord Salisbury dignou-se dar o pé ao seu humilde servo o plenipotenciario portuguez!

E eis ahi como, áparte as irremessiveis razões que a nossa fraqueza traz á perda d'Africa, outras mais proximas querem precipitar a catastrophe por xafurdeiros asquerosissimos.

Qual a do snr. Hintze nunca ter tido ta-

lento. Qual a do snr. Barjona nunca ter tido casacos.

E n'este ponto fecharia o album uma aguarella impressionista: o snr. Barjona á volta de Londres, puchado a bubões caminho de Bemfica, veria arder, n'uma hora amarga, algum d'aquelles grandes charutos que lentamente o teem embrutecido. E á guiza de legenda:

—A minha biographia politica é este charuto, que a pouco trexo d'acceso, liquida em cinza, fumo, e mau cheiro.

*1 d'Outubro.*

—Informas do *D. Illustrado* dão 102 kilos de peso a S. M. el-rei, no estado são. Cento e dois kilos é já uma excellente coisa n'um cevado, mas n'um monarcha, caramba! tire-se o chapeu ao paiz que deu tal bicho. Nunca se agradecerá sufficiente ao *Illustrado,* o ter introduzido no computo dos merecimentos de S. M. mais este factor do peso, um dos poucos em que el-rei se avantaja nobremente aos seus vassallos, e pelo qual muitos antecessores seus ficaram na historia, dependurados

pelos pés, com a tripalhada a seccar nos panegyricos dos chronistas. Assim pois, não nos cega tanto a vesania politica, que ousemos pedir a expropriação das reaes enxundias, para com ellas atear a lampada á deusa da Republica, e com jubilo garantiriamos a S. M. o usofructo dos seus reaes cento e dois kilos, se não fôra a quantidade d'obras que está sendo preciso fazer pr'os installar. S. M., quanto mais redondo vae estando, menos estabilidade tem n'um paradouro. São comboios expressos por qualquer coiza, palacios novos, parques lançados... Em verdade, nunca se viu lipoma mais desinquieto!

—Na noite em que explodiram as primeiras rebelliões contra o tratado, um homem depois de tomar o chá com a familia, pôz os dois sobrolhos carrancudos, levantou a gola do casaco, e preparou-se a sahir p'ras barricadas. Sobresalto da esposa, que branca de morte lhe pergunta, da cancella, o que vae elle fazer.

—O que vou fazer? Juntar-me aos meus irmãos: a patria agonisa: saberei morrer, se fôr mister.

Ella lhe supplica pola Virgem, que suba, e não exponha o repouso dos seus filhos: o que ainda mais azinma o ardor mavortico do bravo. Mas já na rua, mirando os ares nublados:

—Cuidas então tu que isto póde ficar assim? Com mil demonios, nunca! Ouves? Manda-me cá abaixo o guarda-chuva.

Este valente podia bem chamar-se o povo de Lisboa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

# AMOR DE PERDIÇÃO

(MEMORIAS D'UMA FAMILIA)

## EDIÇÃO MONUMENTAL

*Em homenagem ao eminente Romancista Portuguez*

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ENRIQUECIDA COM A COLLABORAÇÃO DOS NOTAVEIS HOMENS DE LETTRAS:
MANUEL PINHEIRO CHAGAS, RAMALHO ORTIGÃO E THEOPHILO BRAGA
E ILLUSTRADA COM SEIS DESENHOS DE PAGINA EXPRESSAMENTE EXECUTADOS
PELOS NOSSOS LAUREADOS ACADEMICOS
J. J. DE SOUZA PINTO, CAETANO MOREIRA DA COSTA LIMA
E JOSÉ D'ALMEIDA E SILVA
E A IMPRESSÃO DAS ILLUSTRAÇÕES EM PHOTOTYPIA CONFIADA A IMPORTANTE
E REPUTADA CASA DE L. ROUILÉ, DE PARIS

UMA das mais vivas e prestigiosas figuras da moderna litteratura europeia é CAMILLO CASTELLO BRANCO. Natureza profundamente emocional, propondo todos os seus problemas em collisões de sentimento, allia á mais alta cultura da linguagem, que ainda appareceu em escriptor portuguez, o sentimento fulgurante de um vivo protesto contra a decadencia que nos vae avassallando, aos poucos, na arte e nos costumes contemporaneos. Absorvido n'uma forte elaboração esthetica e fugindo ás tentações da politica, que tantas boas-vontades tem anniquilado, refu-

giou-se no seu trabalho de homem de lettras, como Robinson na sua ilha. Dentro d'esse baluarte inexpugnavel, elle tem continuamente erguido os seus typos tradicionaes, essas altas e marmores figuras esculpturaes, escolhidas entre nma fidalguia decadente, que vae gradualmente desapparecendo, substituida pela aristocracia do dinheiro, e os typos energicos e virís dos homens rudes e sãos, de quem ainda é permittido esperar um dique á corrente que passa. É por isso que a obra de CAMILLO é uma das mais patrioticas, sem perder comtudo esse caracter a um tempo tão litterario e tão pitoresco, que sobremodo avulta na sua linguagem; o observador attento encontra n'aquelle estylo inimitavel, n'aquellas descripções encantadoras, n'aquellas paysagens vibrantes de realidade, a riquissima seiva provincial, que é um dos mais elevados apanagios d'este priviligiado do talento.

As nações que merecem sobre modo este nome são aquellas que vinculam em monumentos eternos a lembrança dos seus grandes homens; e o maior monumento que se póde erguer a um escriptor do merecimento de CAMILLO é a consagração nacional da sua obra. Por isso, emprehendemos A EDIÇÃO MONUMENTAL DO AMOR DE PERDIÇÃO, a obra mais caracteristica por certo d'esse admiravel e glorioso obreiro da civilisação portugueza. N'esta homenagem verdadeiramente nacional nos auxiliam alguns dos mais illustres escriptores do nosso paiz; e é assim que n'um mesmo livro se encontram ao lado de CAMILLO CASTELLO BRANCO os nomes de MANUEL PINHEIRO CHAGAS, *o brilhante espirito evidenciado em tantas obras tão justamente celebradas*, RAMALHO ORTIGÃO, *o lucidissimo critico das* FARPAS, *estylista refulgente, o colorista de poderoso e singular relevo* e THEOPHILO

BRAGA, *o poeta que evocou a vida historica das sociedades mortas, o arrojado creador da* HISTORIA *da litteratura portugueza.*

Os trabalhos com que tão notaveis escriptores honram a nossa edição, são os seguintes:

I—*Contorno biographico de Camillo Castello Branco*—M. Pinheiro Chagas.
II—*O seu ambiente social—A sua esthetica—A sua critica — A sua forma litteraria — O seu temperamento artistico*—Ramalho Ortigão.
III—*O romance como forma definitiva da arte moderna*—Theophilo Braga.

A dramatisação da obra prima de CAMILLO compendia lances tragicos de tal culminancia que a nossa edição seria muito incompleta, mesmo com as collaborações poderosas, cuja summula desenvolvemos, se não chamassemos a tomar parte n'ella alguns dos mais genuinos representantes da Arte nacional e estrangeira; e é assim que no AMOR DE PERDIÇÃO se juntam os nomes laureados de J. J. de Souza Pinto, Caetano Moreira da Costa Lima e José d'Almeida e Silva, de par com a importante e reputada casa de L. Rouilé, de Paris, cujo nome é garantia segura do modo superior como serão reproduzidos em phototypias os bellos quadros, que o romance de CAMILLO inspirou a tão insignes e gloriosos artistas.

As magnificas illustrações que enriquecem esta monumental edição, são as seguintes:

*J. J. DE SOUSA PINTO* I—Retrato de Camillo Castello Branco.
II—O assassinato do ferrador João da Cruz.
*CAETANO MOREIRA* III—Simão partindo os cantaros, na desordem do chafariz.
IV—O morgado de Castro Daire, Bal-

thasar Coutinho, é assassinado por Simão.
V—Morte de Simão, a bordo do navio que o levava ao degredo.
*J. D'ALMEIDA E SILVA* VI—Morte de Thereza, no convento de Monchique.

## EDIÇÃO MONUMENTAL

a primeira de quantas até hoje se tem feito no nosso paiz

# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Para que a edição monumental do AMOR DE PERDIÇÃO, se torne mais accessivel a todas as classes, será publicada aos

FASCICULOS SEMANAES OU QUINZENAES

(Á VONTADE DO ASSIGNANTE)

constando cada fasciculo de 2 folhas de 4 paginas e uma **soberbissima phototypia**, impressa em folha separada em magnifico papel, ou de 3 folhas de 4 paginas quando não haja estampa a distribuir, em formato grande, in-folio, constituindo a obra **um só volume** que não excederá a **25 fasciculos.**

Se por qualquer circumstancia imprevista a obra exceder os 25 fasciculos calculados, distribuir-se-hão **gratuitamente** aos snrs. assignantes os fasciculos excedentes.

# PORTO E LISBOA

DISTRIBUIÇÃO

## SEMANAL OU QUINZENAL

DE

**UM FASCICULO AO PREÇO DE**

**200 REIS**

PAGOS NO ACTO DA ENTREGA

---

# PROVINCIAS E ILHAS

A assignatura será egualmente paga no acto da entrega a

## 220 reis cada fasciculo, franco de porte

Nas localidades onde a nossa Casa Editora não tiver agentes, a distribuição far-se-ha por series de dois, tres ou mais fasciculos, **pagos adiantadamente.**

As remessas de dinheiro devem ser effectuadas em vales do correio, lettras, ordens de facil cobrança sobre Lisboa e Porto, ou em estampilhas expedidas em carta registada e nunca em sellos forenses.

Os pedidos que não forem acompanhados da sua importancia não serão attendidos.

*As capas especiaes para a encadernação, em percalina, são inexcedivelmente bellas e executadas expressamente para este fim. O seu preço será annunciado opportunamente e desde já asseguramos que será modico em face do luxo e primor artistico de tão notavel trabalho.*

*Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas, responsabilisando-se pelo pagamento e distribuição dos respectivos fasciculos, têm direito a um exemplar* **GRATIS.**

Os editores offerecem a todos os assignantes d'esta monumental edição um BRINDE de um grande valor artistico, e tal que até hoje ainda se não distribuiu no paiz brinde de um valor comparavel a este. É uma soberba oleographia, finissima, de grandes dimensões, e copia do notavel quadro «**UMA SCENA DE POMPEIA**», que enriquece um dos museus da Italia, e que é devido ao pincel do celebre artista italiano L. Crosio.

É tão notavel esse quadro, que todas as revistas illustradas estrangeiras o têm reproduzido em suas paginas, em bellas gravuras dos melhores artistas, dedicando áquelle soberbo trabalho notaveis artigos e fazendo os maiores elogios ao auctor do quadro

Podemos afoitamente garantir que o valor real do brinde é de METADE DA OBRA que publicamos.

**No fim do corrente mez d'outubro achar-se-ha publicado o 1.º fasciculo e em poder dos nossos correspondentes e distribuidores os ALBUNS-SPECIMENS com o começo da obra e algumas phototypias, para assim mais facilmente se avaliar a importancia e belleza d'esta monumental edição bem como os brindes estarão expostos.**

---

Depois da obra completa o preço avulso da grande edição illustrada do notabilissimo romance o AMOR DE PERDIÇÃO será augmentado.

## NO PORTO

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á
CASA EDITORA ALCINO ARANHA & C.ª
*91, Rua do Bomjardim, 95*

## EM LISBOA

NA FILIAL DA CASA EDITORA ALCINO ARANHA & C.ª
*Rua dos Retrozeiros n.º 75*

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 18 — 18 de Outubro de 1890

## SUMMARIO

CACHEXIA MONARCHICA E INFANTILIDADE JACOBINA — MARTENS FERRÃO, SALVADOR DE ROMA E DAS BATATAS—S. JOÃO CRYSOSTHOMO, BOCCA D'OIRO, ÁS CARREIRINHAS — INCOMPATIBILIDADE DOS PARTIDOS THRONICIOS, E SIPHILIS MORAL DA POLITICA CONTEMPORANEA — OS VELHOS SÃO AINDA OS UNICOS CIDADÃOS VALIDOS — QUALIDADES DOS NOVOS—A MOLESTIA DO SOMNO, NA RUA DOS MOUROS, E DIRECÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO POR INVALIDOS—SS. MM.. PRIMEIROS COLLABORADORES DA REPUBLICA — DEMISSÃO! DEMISSÃO! QUE SE FAZ TARDE — O REI TEM UMA VISÃO TERRIVEL NA PENA — PAYSAGEM FUNEBRE, E DESCIDA ESPIRAL AOS DO-

MINIOS DE PLUTÃO — UM MINISTERIO D'ESPECTROS, COM AVILA NA PRESIDENCIA, E ANTONIO MARIA NA PASTA DOS ESTRANGEIROS—FONTES D'ALÉM TUMULO, E SUAS PREOCCUPAÇÕES ANTIGAS DE CASQUILHO — O DIALOGO DOS MORTOS— CONSELHO DE MINISTROS NO TERREIRO DO PAÇO —ALTERCAÇÃO SOBRE QUEM TEM MELHORES MEDALHAS — A MUITO NOBRE ORDEM DO *Estas-te a rir,* E PROGRAMMA DO NOVO MINISTERIO — DE COMO ATÉ OS DEFUNTOS ABANDONAM O SNR. D. CARLOS, E SYNCOPE DE S. M. AO PÉ D'UM OURINOL — AS DECLARAÇÕES DO MINISTERIO CRYSOSTHOMO: RECUSA O TRATADO, E FAZ PROFISSÃO DE FÉ D'ECONOMIAS: BEM!—PEQUENINA CARTEIRA DE ESCANDALOS OFFERECIDA POR NÓS AO MINISTERIO — PEDE-SE A DEMISSÃO DOS CONSELHEIROS D'INSTRUCÇÃO E BELLAS ARTES, POR INCAPAZES — O HISTORIADOR AMORIM, E A PHENIX TEIXEIRA, DEVORISTAS — HISTORIA DA SALVA, E PROPOSTA DE SUBSTITUIÇÃO — NECESSIDADE DE RASGAR O TESTAMENTO — MIL E TRESENTOS DESPACHOS DO SNR. LOPO VAZ: FANTOCHES DO SNR. HINTZE, E GAUCHO DO SNR. AROUCA, COM UMA PERNA SÓ — ARROIO NA CASOTA DO GUARDA-PORTÃO: DITO PROFETICO: FINAL.

*12 d'Outubro.*

À hora de tomar a penna para a chronica da semana que principia, duas coisas especialmente surprezam o meu animo, e vem a ser: o desamparo em que a monarchia tomba, mezes depois d'aventada nos partidos a ideia d'uma concentração monarchica; e a attitude ultrapacifica do povo, perante as facilidades demagogicas d'uma situação como a actual, em que seria facilimo a trinta vontades resolutas o mudar n'um minuto a face ás instituições. Estes dois factos, que n'outro paiz seriam antagonicos, em Portugal afrontam-se e toleram-se, porque a monarchia caduca, quando a bem dizer o partido republicano inda não tem mobilisação nem regimento. Os ultimos

vinte e cinco dias são profiquos em lições para todos, e nem ao maior optimista já colhe affirmar que o que estamos vendo não seja evidentemente o principio do fim. Chega o tempo d'espiar as deboxeiras em que os partidos da corôa transformaram a politica e a administração, e preparemo'-nos para assistir ao epilogo da mais banal e da mais repulsante dynastia que tem atravessado a historia dos paizes meridionaes.

Ha quatro semanas que os servidores do rei, chamados p'ra resolver a crise politica que nos cinge, se acercam do throno com manifesta má vontade, e debruçados um instante para a caverna de bandidos de que esse throno é cupula e coroamento — depois de haverem medido a profundeza da crapula que lá ferve— se declaram impotentes para reintegrar o paiz na ordem e na paz de que elle ha mister.

Assim, a viagem do snr. Martens Ferrão, em que os amigos de D. Carlos punham tão grande aprazimento, tomando o antigo aio do rei, por uma especie de Messias ungido pelo Papa, a viagem do snr. Martens afundou-se em marés de ridiculo com o famoso rescripto das perdizes, e provou-se mais que o tal Messias tinha gallico, pois chamado a organisar

um governo cujo acto inicial seria a extirpação de todos os escandalos pendentes, a primeira coisa que fez foi incluir seu filho nos benesses do testamento d'um malandrão que ahi dá por Lopo Vaz. Depois de Martens veio João Crysosthomo, oitenta annos sagrados por uma honra austera, por uma intelligencia bruxuleante, e por uma algalia que tanto póde servir para lhe tirar as urinas, como para o pôr em communicação com a *Liga Nacional*. Vencendo a quebreira dos annos, e só querendo ouvir a alta razão moral que aos caracteres de rija stria manda cumprir o dever, não importa a que preço, o sympathico velhinho ahi se tem arrastado de casa em casa, á recolta d'um ministerio, que mercê das difficuldades que ha-de encontrar na governação, e dos antagonismos profundos que o minam, não é provavel viva mais do que as rosas de Malherbe. Progressistas, regeneradores, porto-franquistas, todos os coios d'onde é licito á monarchia concertar lacaios seguros, tudo elle tem conscenciosamente espiolhado, deligenciando conciliar os animos n'uma junta de salvação em que nenhum d'elles acquiesce, e impôr o interesse patriotico acima das soffreguidões pes-

soaes, unicas que o egoismo compulsa ao sopezar a pasta ambicionada. De sorte que os acordos até agora feitos, são brevissimos, e os ministerios organisados de manhã, desorganisam-se á noite, sem garantias de vida ou estabilidade. Assim o porto-franco, que só conta no paiz tres partidarios e um terço, pôz como condição d'entrada no novo ministerio, o serem-lhe cedidas tres pastas, entre as quaes a do reino, que é para ver se pesca na popularidade, o quarto partidario.

Os regeneradores, que em seis mezes de governo pozeram o paiz n'uma ruina equivalente a seis seculos de desperdicio e veniaga, declaram que só auxiliarão o snr. João Crysosthomo, sob clausula expressa de se manter o emprestimo Burnay (de que são bases de contracto o monopolio dos tabacos, sem concurso, e o pagamento do emprestimo D. Miguel) e de serem respeitadas as disposições infames do testamento. E quanto aos progressistas, não fazem questão de pastas, mas amuaram de não terem sido procurados mais cedo, e não querem ouvir fallar no testamento, cujas nomeações entendem que só seriam moraes — feitas por elles.

Todavia estas difficuldades de juntar n'um grupo, individuos pertencentes a partidos diversos, não bastam por si sós a explicar tamanha demora na formação do gabinete, e ha por traz d'ellas alguma coiza mais grave e excentrica aos simples antagonismos de programma politico. Esse alguma coisa é o egoismo dos homens publicos, acostumados a fazer da governação uma fórma de dandysmo ou de negocio: é a sua indolencia, incapaz de sacrificar-se ao labor sem treguas que as circumstancias actuaes de certo iam trazer: é a sua ignorancia, tão deploravelmente provada pela historia politica dos ultimos annos; e acima de tudo, digamol-o, a sua absoluta má fé, a sua falta de probidade civica, a sua cobardia, entretida a fabricar ciladas aos contrarios, recusando-se a arcar co'as responsabilidades do actual momento, e desamparando o rei, quando elle se acha fraco e sem recursos, e desamparando o paiz, quando elle lhe vae pedir alguma coiza mais do que eleições e transferencias. Á hora em que vamos, todos quantos problemas podem acabrunhar um estado, to-

dos pezam asphixicamente sobre o peito do paiz. A situação externa é cada vez mais tensa, e a situação interna cada vez mais insolvavel. Estamos á mercê da primeira praça que se lembre de nos promover a bancarrota. A questão colonial é o nosso desespero, e todos os dias a agravamos com o nosso desleixo e a nossa inhabilidade. E no meio do credito perdido, das instituições prostibuladas, da actividade exhausta, da honra morta, embalde se procura o espirito methodico, a energia prudente que haja de nos arrancar ao sorvedouro. Ha cincoenta annos que Portugal não produz um homem, e que os partidos se fazem e desfazem de roda de sexagenarios tropegos e de conselheiros Acacios desmemoriados.

Aos novos, quando se lhe pede uma prova real dos seus talentos, vem os planos financeiros do snr. Franco, as politiquices reles do snr. Lopo; ou são as bravatas do Navarro nas *Novidades,* e as asneiras propheticas do Magalhães Lima no *caffé Riche.* Labor incontestado, esforço intelligente concentrando-se na interpretação d'um problema grave, faculdades de generalisação trahindo espiritos de vista larga, predicados d'organisador, faros de governo,

presciencia em materia legislativa ou diplomatica, eis o que escaceia n'essas cabecinhas de genios locaes, que vão a S. Bento em palmilhas, para sahirem de lá com botas e esporas, feitos ministros, ás cavallitas no snr. Luciano ou no snr. Serpa. Estes pinponetes, muitos, por cima d'insignificantes, são velhacos! Acreditará alguem que o paiz está ha vinte e nove dias sem governo, por causa das intrigalhas de dois ou tres d'esses intrusos?

Mas perguntará alguem: uma vez que a monarchia resvala, abandonada dos seus proprios coveiros, porque ressumbra tão pouco a acção republicana no paiz? O partido republicano que se conta por quazi toda a classe popular e pelo alto commercio de Lisboa, e que tão populoso é no norte e no meio dia, acaso exita, no momento de realisar a sua aspiração? Não sentirá elle ainda a espinha dorsal bastante forte para se apoderar da chefia politica; não conta elle acquisições de sobejo valiosas para viabilisar n'um programma de governo os ideaes porque vem luctando ha tanto tempo? Redargue-se a estas interrogações nos seguin-

tes termos: os republicanos teem tanta confiança nos seus chefes, como os monarchicos no seu rei. Um respeito pela velhice tolhe a propaganda viril que n'este instante devera ser ineciada, e por causa d'elle o general da Bemposta que preside aos destinos da democracia, na rua dos Mouros, lá continua aconselhando prudencia aos que estão fartos d'ella, e semicupios d'alfavaca aos que julgam este cacharolete anal, antagonico da revolução. Parece mentira mas é certo: as conspirações que se não tentam a favor d'um regimen, nunca chegam a comprometter a patente desfructada no exercito do regimen contrario, e a isto se chama viver entre Deus e o diabo, comendo em casa d'um, e c... em casa d'outro. De maneira que o que explica o avolumar continuo dos arraiaes contra-dynasticos, não são tanto os apostolos enviados d'esse arraial, ao campo gentilico, como as torpezas em que os partidos do rei se desacreditam perante o tribunal da opinião. Lá n'esse ponto, a republica nunca agradecerá suficiente ao snr. D. Carlos e ao seu defuncto papá, todas as sollicitudes de propaganda que lhes deve, e nunca se cançará d'affirmar, que entre os artigos do snr. Latino,

e as bonitas acções do snr. Lopo, são estas ultimas que ella prefere, p'rá conversão dos fieis á sua igreja.

Porém, se é provavel que este estado de coisas baste aos ideaes modestos do snr. Elias Garcia e do snr. Bernardino Pinheiro, e d'alguma maneira entretenha as necessidades do partido republicano portuguez, em epochas normaes, cumpre dizer que o momento é demasiado vibrante para consentir nos platonismos d'aquelles igregios dorminhocos, sem lhes pedir licença para os apear da supremacia que no partido lhes foi dada, e de que s. ex.as, digamol-o, teem usado com demasiada parcimonia. A monarchia está como os figos, de pé torcido, e a cahir de podre da arvore, para o alambique do aguardenteiro. Já que os republicanos se não podem gabar de ter varejado a figueira a quando os fructos sãos, ao menos preparem-se para arrotear o terreno de roda, e substituir a figueira por uma arvore menos predilecta de Judas. Ora não hão-de ser veteranos nem paralyticos, os cidadãos que o partido, sob pena de morte, deve investir d'esse trabalho, mas homens robustos, intelligencias ineditas, organisações d'*elite* e seducção. Para

communicar a fé nada ha semelhante a abrazar d'ella, e o directorio republicano é uma patrulha de mortos e de tontos. — Demissão! Demissão! que se faz tarde.

*14 d'Outubro.*

N'uma das suas ultimas noites da Pena, S. M. o rei D. Carlos, preso do delirio manso da febre de convalescença, e desalentado pelas difficuldades d'achar *pessoal idoneo,* a quem vestir a farda de ministro, teve uma singular allucinação. Fôra soturno o dia—soturno e carregado de presagios. Na imprensa correra a nova dos inglezes haverem forçado a barra do Zambeze, de Manica estar sendo invadida pelos flibusteiros de Cecil Rhodes; e apóz a menção d'estas violencias, cada jornal rompendo em diatribes, atirava á cara do rei com os restos do vinho que lhe ficára nos copos depois de redigido o *article à sensation*. De mais, vinte e cinco dias tinham passado já depois da ovação de pés com que o parlamento galardoára o diplomatico genio do snr. Hintze, pondo o ministerio fóra por indecente e má figu-

ra: e até á meia noite d'esse dia, por mais voltas que o Martens... não désse, e por mais conferencias que S. João Crysosthomo convocasse, impossivel topar na via publica seis infelizes a quem confiar as sete pastas, e um bocadinho de comiseração que dar em premio ao monarcha por, como elle á Francisco I muito bem disse — *haver chegado tarde!*

Desamparado por todos, na silenciosa camara do castello, ás mortas horas, S. M., depois que se viu sem povo e sem ministros, começou a descer pelas avenidas da Pena, de lanterna na mão, capa nos olhos, direito aos cemiterios de Lisboa, onde dormem os restos dos antigos servidores do seu papá. Dizia elle comsigo, n'aquelle lusco-fusco d'espirito que a febre pòe nos cerebros pouco lucidos, dizia comsigo que uma vez que os vivos o trahiam, só lhe restava ir buscar o apoio politico dos mortos, e reportar-se á tradiccional dedicação dos antigos trunfos com que seu pae, o dr. Tavares, jogara o grande jogo. Era uma noite pallida d'outono, calada e sem rumores de vento nos eirados. De roda da Pena os pinheiraes dormiam, sombras de ramas mosqueavam a giboia d'areia dos caminhos, e nas fontes e

nos charcos a agua dizia umas coizas timidas e antigas, de quando as filhas de D. João VI por li andavam a morder os bigodes dos bellos militares, e dos secretarios estrangeiros de legação. E o rei monologava — o apoio politico dos mortos! Que espantará isso, sabido o serviço que elles costumam prestar nas eleições? Organisar um ministerio com avantesmas! Quem ousará censurar este macabro expediente, admittido o estado pre-agonico do reino? Por todo o trajecto até Lisboa, as formas tinham, sob a noite, ares de regicidio combinado: elle vinha sósinho, pallido de morte, a lanterna pendente, e sem olhar para traz, nem se deter um instante no caminho — a não ser no Cacem, onde a Maria dos Cós lhe fez escorropichar dois dedos de aguardente. E entrementes que andava, ia dizendo, que n'uma crise assim grave, com dois partidos arrebentados pela questão ingleza, nada lhe convinha mais que o duque d'Avila; seu nobre pae não teria chamado outro, em caso identico. O caso é que elle esteja ainda em estado de servir!

E n'esta anciedade lhe foi bater á porta do jazigo.

— Avila, é teu rei.

—Aposto, meu senhor, ganiu de dentro uma voz de titere, aposto que V. M. está sem ministerio. Aposto que não ha dinheiro. Aposto que ninguem se entende.

—Sim, venho confiar-me á tua sciencia d'algibebe. Vinte e quatro horas para me talhares um gabinete.

—Graças a Deus que mesmo em arenque fumado, sou prestante. Uf! começava a temer que ninguem já se lembrasse do que foi, e ha de ser, de V. M. attento venerador, Antonio José d'Avila.

—Vamos depressa! Emquanto te açaimas no *cache-nez,* vou-me aqui bater ao Fontes.

—Onde terei a honra de beijar as mãos de V. M.?

—Lá baixo, no Terreiro do Paço, ao pé do kiosque, antes que o galo cante.

No mausoleu do grande Antonio Maria, a mesma scena.

—Abre depressa, cavalleiro do Tosão. *C'est la fortune de France! (uma vóz dentro).*

—Eu corro a abrir, senhor. Mas prometta primeiro V. M. não reparar nos meus cabellos

já um tanto grizalhos, porque no outro mundo, com os direitos de barreira, a agua circaciana está pela hora da morte.

—Sabe que o meu throno ameaça de ser vendido em hasta publica.

—Outrosim V. M. se dignará dispôr da sua real benevolencia a favor do meu tronco ex-elegante, e ora minado por vermes tão vorazes, que os supponho transmigrações de bachareis cevando o seu furor d'emprego, nas minhas proprias tripas.

—Veste as tuas cuecas de guerra, e corre a salvar-me. Olha que a monarchia perde o credito, assim como o povo perdeu aos homens publicos, o respeito. Ah Fontes, Fontes! Os teus discipulos deram quazi todos em gatunos e paroleiros. O partido a que tu déste o nome, acaba de comprar cedulas d'infamia para a execração publica, e não voltará jamais a governar.

—Senhor, não repararéis se eu me produzir no conselho, com algodão phenico por miolos, e a minha farda de general, comida do guzano?

—Vem mesmo em fralda salvar a dynastia.

—E se eu já não tiver beiços sequer, p'ra vos beijar a mão poderosissima?

—A tua ossatura me basta, se me promettes acceitar logar no ministerio.

—Mas se o meu partido não mais governará, como dizeis, como posso ascender a ministro, ficando honrado?

—É um ministerio de conciliação que eu organiso. Onze de janeiro atirou José Luciano n'um sacco, ao rio. Vinte d'agosto atirou Hintze Ribeiro n'uma tigella da casa, ao enxurro. E tudo isto porque Moçambique vae partir para os inglezes, sem talvez que o pranto! Inda quiz ver se arranjava um ministerio de restos, p'ra ir tenteando o Salisbury da tia Victoria, mas ha vinte e sete dias que a velhada embalde tenta arrebanhar coisa que sirva! É uma desgraça, Fontes; todos me voltam as costas. Eis porque venho ter c'os esqueletos.

—E quanto a dinheiro...

—Minha mulher já lava os cueiros do Manoel, só para riscarmos da lista civil, a lavadeira. Só o Lopo Vaz assignou á sua conta, já demittido, mil e trezentos despachos. O inglez não fia, o francez não se fia, e a alma heroica do paço tem sido até agora, minha mãe, Maria Pia.

—Graves coizas me contaes sobre as provincias da publica administração, e razão tive eu em morrer, convencido de ser insubstituivel. Mas o peor, senhor...

—O peor, dizias?

—É que não acho a minha dentadura postiça.

—Vejamos, chanceller. Quem me aconselhas tu que chame? Fallei ao Avila. Lembra-me o Corvo, que dizes tu?—e aquelle pobre Barros *and* Cunha...

—Oh! tres admiraveis falsos grandes homens. Podia-se mesmo dar a pasta da guerra ao rio Zezere, e fazer o conselheiro Arrobas ministro da instrucção. Agora quanto á fazenda, o Silva Sanches...

—?!

—Um cavalheiro que foi ministro muitas vezes, e nunca ninguem soube se existiu.

—Reservarei n'esse caso a justiça para o Martens; verdade é que elle está ainda vivo, mas muitissimo bem morto, sob o epitaphio celebre das perdizes. É instruido, que diabo!

—Decerto, meu senhor. É uma bibliotheca por lêr.

—E agora o ponto escuro: quem enviaremos nós a Londres, tramar?

—O duque de Saldanha, que além da sua magestosa presença, inda por lá deve ter accionistas do C. de ferro Larmanjat.

—Vou-me passar palavra aos outros. Eh! Eh! Deve ser pandego, governar com um ministerio todo de mortos *(gesto de desenfado)*. Tambem, a que mais póde aspirar um paiz que não está vivo?

D'alli a pouco estava o synhedrio d'espectros reunido no Terreiro do Paço, ao pé do kiosque—a noite, escura, não havia policia—e no meio d'elles o rei, que mantinha sempre a lanterna accesa, e presistia em não querer destapar o rosto. Apenas se abriu a sessão, um incidente ameaçou pôr em crise o ministerio ainda mal formado, quando a carcaça de Fontes, pedindo a palavra, quiz saber a quem seria dada a presidencia do conselho. S. M. lembrára o duque d'Avila, ponderando os bons serviços que este illustre boi Apis tinha por uso prestar em situações politicas difficeis, quando todos os mais valentões esbofavam na feira, de zurzidos. Mas já os sectarios de Fontes estrallejavam d'impaciencia

os ossos descarnados, querendo o penacho por força, para o seu prestimoso Antonio Maria.

—Não sollicito honrarias, exclamou resentidamente o velho *cache-nez* legua da Povoa—sete palmos de terra me bastam—e só lembro a V. M. que tenho no peito seis mil quatrocentas e noventa e sete grã-cruzes e commendas, entre as quaes o elefante de Sião, e o colar do verdadeiro *estás-te a rir* do Imperio do Meio, e que já quatorze vezes presidi a ministerios que tiveram a honra de salvar da ruina, a patria e a monarchia.

Acudiu Fontes—a hora não é d'alegar serviços. Acima do orgulho pessoal, a nação, e acima de tudo, o progresso! E fosse o caso de medalhas, senhor duque; eu tenho o Tosão d'Oiro!

—De certo, de certo, bradou n'um falsete colerico, o interpellado. V. Ex.ª tem o *Tosão*... é inegavelmente um titulo á presidencia. Mas eu estou morto ha muito mais tempo. Ora chuche!

—De mais, acudiu S. M. com voz conciliadora, a presidencia do conselho pouco importa n'este caso. No gabinete que eu pretendo, o cargo de honra, meu Fontes, é a pasta

dos estrangeiros, que te offereço. E agora diz-me: és fiel ao teu antigo programma?

—Oh mais que nunca! Entendo que o governo deve sempre fazer caminhos de ferro, embora não havendo que trazer, nem que levar. Entendo que o paiz deve pedir emprestado, sem pagar nunca. Entendo que se devem crear logares com grandes ordenados, para dar carriola aos nossos sobrinhos. E finalmente que se deve regar com libras o pé de todas as intransigencias, té que elle apodreça, e venha a nós.

—É em resumido, o programma do teu glorioso discipulo Lopo Vaz.

—Acto adicional: só o rei é grande, e depois d'elle, o seu ministro dos negocios estrangeiros, *(tosse de duque, acquiescencia dos outros espantalhos.)*

—Fallas como um leal gentil homem, disse o rei enthusiasmado. O que é preciso mais?

—Por agora, evitar que Portugal ponha a pontapés os seus monarchas, e que a Inglaterra ponha Portugal da Africa, a pontapés. Para conter a opinião no jugo monarchico, é indispensavel conservar a Africa intacta, embora não saibamos p'ra que, e para conter a Ingla-

terra em tolerancia comnosco, é indispensavel partir a Africa.

—Mas não poderemos fazer ao mesmo tempo as duas coizas.

—Quer dizer que são antagonicas a monarchia, e a integridade do paiz. Entretanto é imprescindivel tomar rumo. São perigosissimos ambos. Qual é o menos? Tem a palavra o snr. ministro da fazenda.

Um esqueletosinho avançou, muito acabado, deu quatro peidos, e declarou que tinha concluido.

—A assembléa acaba d'ouvir da bocca do meu collega, o periclitante estado da fazenda publica. Não ha dinheiro, e é urgente atiral-o pelas janellas, para distrahir os jornalistas e os oradores, da sua obsessão republicana. Apanhar os rapazes de talento á bocca das escolas, compral-os... Foi sempre o meu systhema: sahem mais baratos! Não ha dinheiro, mas a Inglaterra empresta, se lhe deixarmos em Moçambique o que ella quer. Por consequencia, temos a questão financeira resolvida.

—Por uma indignidade, rompe o presidente do conselho, do seu canto.

Opinião do rei — as indignidades que o oiro move, são nobrezas.

Redargniu Fontes—foi a razão porque eu dei sempre titulos honorificos a ladrões.

— E agora, apresente-se o meu ministerio ao parlamento.

— Senhor, vejo um perigo. A camara actual deve-nos ser hostil. Acautelem'o-nos.

— Dissolvam-na!

— Hemos mister de deputados de confiança, homens do nosso ideal, do nosso feitio, do nosso tempo; n'uma palavra, um parlamento d'esqueletos.

— Deus! que exhumações a fazer!

— E quem elegerá um esqueleto, deputado, senão assembleias eleitoraes constantes de defuntos, que será necessario ir desenterrar aos cemiterios, e que depois de desenterrados, só votarão servindo-lhes nós o carneiro com batatas de ha cem annos?

Aqui pareceu S. M. cuidar profundamente: era toda a ressurreição do reino e do reinado de seu pae, o dr. Tavares, que esses homens exigiam, antes de começar, tão outros tempos tinham vindo, e tão vertiginosos abysmos agora medeavam, entre a realeza e a opinião.

E por desgraça, eram o reino e reinado do dr. Tavares o que o snr. D. Carlos mais detestara n'esta vida!

A alba vinha, e uma fila interminavel de carroças de lixo, cortava n'esse momento por deante do Arco, para a Rua Nova da Alfandega, como levando a S. Vicente os restos da monarchia. E esta visão d'enterro, insultuosa, galvanisando outra vez o regio desalento, pôz na bocca do rei palavras imperiosas.

—Pois que assim é preciso, resurgi dos covaes a gente de que haveis mister, que eu vos offereço o exercito como penhor de que sereis acceites e acatados. Mas sem demora, ouvis? que o throno oscilla. Sou eu, D. Carlos de Bragança, que vol-o ordeno em nome da autonomia da nação.

E S. M. desembuçara-se, já áquellas palavras de *D. Carlos de Bragança,* os conjurados faziam um passo para traz, mal respirados do assombro em que semelhante nome os tinha posto.

—Pois que! disseram todos, não é á muito veneravel sombra do grande rei Luiz, que estamos fallando? Não é a sua afflicção que

nos convoca, não é o seu pão que nós somos chamados a amassar?

—Não, rufiões de meu pae! Que vos faz o nome do rei, se é a dynastia que importa perpetuar? Recusareis servir-me! Olá, matrulla ignara! Vejo que me não perdoastes a irreverencia com que eu, infante, aspergi nas vossas barbas, em nome do direito divino, a serosidade verde dos meus cueiros, e que ainda depois de sombras andais resentidos da vez em que, mancebo já, vos apodei a todos d'idiotas.

—Senhor, não vos desmancheis, por Deus! que o galo canta, disse o duque. Volto ao sepulchro, amortalhado no meu derradeiro *cache-nez*. Sou d'outro tempo, e não esqueço que n'um jantar do paço, me deshonrasteis publicamente, besuntando as minhas seis mil quatrocentas e noventa e sete condecorações, com compota de jinga, e chamando-me pastel...

E lentamente os phantasmas se volveram a roncar o somno eterno, deixando o rei supplicante ao pé d'uma sargeta.

*16 d'Outubro.*

A declaração lida hontem na camara dos deputados, pelo presidente do novo conselho de ministros, João Crysosthomo, apesar de restricta a generalidades, contém lucidamente o programma da conducta futura do governo. Renega por exemplo o tratado, posto o viesse a aceitar talvez, com certas modificações, e nos paragraphos allusivos á administração interna «impõr-se-lha o severo preceito de se abster de quaesquer despezas que não sejam imprescindiveis, e de realisar corajosamente todas as economias permittidas pelas necessidades dos serviços publicos, e pelos encargos essenciaes da civilisação.»

Esta declaração põe consequentemente o governo no dever formal de desiçar o ministerio d'instrucção publica das nullidades indigitadas para lhe occuparem os cargos superiores (com manifesta fraude dos intuitos para que esse ministerio foi creado), e constitue-o ainda mais na obrigação de rasgar em pedaços o testamento dos companheiros do snr. Serpa, impedindo assim os latrocinios e inqualificaveis abusos de que elle é porta-vóz.

Assim, na instrucção publica, a primeira coisa que o snr. Antonio Candido tem a fazer, é demittir o snr. Azevedo Castello Branco, de director geral das Bellas-Artes, abandonando-lhe quando muito um logar de segundo official ou d'amanuense, e entregando a directoria a alguem que possua a illustração, a intelligencia, e a polarisação esthetica, de que s. ex.ª o conselheiro é incapaz. A esta demissão seguir-se-ha a do snr. Antonio José Teixeira, da chefia d'instrucção superior: pelas seguintes rasões.

O snr. Teixeira é, ou foi, homem de merito. Exerceu bastos annos o logar de professor da Universidade, mas completado o seu tempo, aposentou-se. A aposentadoria significa sempre incapacidade, pelo menos perante a lei. S. ex.ª portanto não podia exercer mais cargos pagos, visto já receber do Estado um subsidio attinente á sua invalidez. Mas sempre exerceu, e quem não podia comsigo para lente, foi julgado soberbo para director da alfandega.

Então de duas, uma. Ou a lazeira alegada pelo snr. Teixeira, a quando a reforma de professor, foi uma historia, ou em caso contrario, a sua nomeação para a alfandega...

Receber dinheiro por dois lados, como veterano e como funccionario activo, ex.mo snr., nunca foi limpido — desculpará — mórmente sendo nedias as propinas dos dois cargos. Enfim, passemos. Mas eis que poucos annos depois, pela segunda vez o snr. Teixeira se aposenta, em director da alfandega, e calcular-se-ha com que ordenado! Não fica inda por qui o homensinho, e ahi o temos agora n'uma das directorias geraes d'instrucção publica, com mais 1:500$000 reis para juntar á maquia das suas duas reformas subsequentes. De sorte que por estas series alternadas de rejuvenescimentos e decrepitudes, inda lemos no *Diario* a nomeação do snr. Teixeira, para patriarcha — em duas vidas — quando s. ex.a já estiver embalsamado. Terceira exhoneração, a do snr. Amorim, um dos retrogrados mais acirrantes da burocracia, e um dos carcereiros nefastos que entre nós tem tido a instrucção. O snr. Amorim percebe do seu novo logar, cerca de 300$000 mensaes, ajuntando a indemnisação que lhe deram, *por não ter salva* (depois se verá o que é), e ainda 60$000 reis pelo encargo d'escrever a «Historia da Instrucção em Portugal.» De maneira que sendo este pateta quem tem

dado cabo da instrucção, é tambem elle que lhe escreve o necrologio.

O snr. Antonio Candido desvie quanto antes este patarréco do logar que ora preenche, transferindo-o, como ao snr. José d'Azevedo, a outro mais condizente ao complexo das suas inaptidões. Possuidor d'uma excellente calligraphia, e suficientemente erudito para escrever *montanha* com *c* cedilhado, o conselheiro Amorim dará sem duvida um copista muito apreciavel, e o novo ministro d'instrucção publica paga generosamente estas habilidades, limitando os honorarios do homem, a seis libras por mez e um par de chinellos.

Quanto á redacção da Historia, dispensado. Porque ou o trabalho é d'elle, e não presta, ou tendo algum merito, é com certeza escripto pelo creado.

E pois que é ministro do reino o mesmo cavalheiro que occupa a pasta d'instrucção publica, e pois que o governo capricha em cortar rente os abusos, vamos dar-lhe ensejo d'extinguir um, dos mais antigos. É o episodio da *salva,* que já anteriormente referimos. A salva é uma especie de *pour-boire* que o director do ministerio do reino percebe, das

mãos de qualquer pretendente ou agraciado, no instante de lhes entregar a carta referendativa de qualquer pretensão, ou de qualquer mercê.

Attenta a lotação do funccionario a quem a gorgeta é dada, quer a etiqueta que a mesma não seja em dinheiro, senão travista outra fórma mais artistica, como seja um objecto d'ourivesaria, em prata ou ouro. Habitualmente é uma salva de prata.

O agraciado compra aquillo em qualquer casa de lavrante, leva-a n'um papel de seda ao director do ministerio do reino, que a rebate depois a peso, na propria loja onde foi adquirida. D'esta fórma ha salvas que vão trinta e quarenta vezes da rua da Prata, para o ministerio, e d'este á rua da Prata, e que se quizessem fallar, refeririam coisas bem ratonas. Como passe pela directoria do ministerio do reino, não só o genero d'expediente burocratico que tem por propina, a salva de prata, mas assim todas as coisas concernentes á alta direcção politica do paiz, fica-se em duvida se serão só os viscondes brazileiros os incursos na despeza do brinde supra, ou se este é extensivo a todo e qualquer negocio

que impenda da directoria. É mais que certo que o não seja, mas póde vir a sel-o, e o snr. ministro fará bem em pôr ponto n'esta grotesca antigualha, que o mau costume fez lei, para afinal se tornar n'uma verdadeira exploração. Se o director geral do ministerio do reino gosta de ser cumprimentado pelas mercês em que põe o visto, em vez da salva de prata, que uma de palmas lhe baste; isto sem nos repugnar que s. ex.ª, ao referendar das grandes graças, apanhe outra—de vinte e um tiros.

Entra-se agora na testamentaria do ministerio transato, e o novo governo, se como se affiança traz foice para cegar as daninhas hervas que a testamentaria plantou, queira principiar a sua ceifa, d'este modo. Entre no ministerio da justiça, e annulle á má cara os 1:348 despachos que o snr. Lopo Vaz lá fez, a quando demittido já do cargo de ministro, visando particularmente os 19 conegos, os 103 juizes, os 91 delegados sem concurso, os 13 conservadores, os 6 sub-delegados, os 87 escrivães e tabelliães, os 12 ajudantes d'escrivão,

os 28 contadores, os 4 escrivães de julgados, os 27 arbitradores, etc., e bem assim todas as comarcas novas e todos os compadrios indecentes, a que o deploravel cynico deu sancção — havendo até um patusquinho que o snr. Lopo nomeou p'ra tres logares ao mesmo tempo!

Entre no ministerio dos estrangeiros, e faça abater todos os secretarios d'embaixada, todos os consules, todos os adidos militares, e todos os viajantes subsidiados, que o snr. Hintze Ribeiro haja expedido, por via da sua pasta, para os coios pingues onde esta gentinha se refastela, em preço de serviços com que o paiz nada lucra, e que melhor seria que s. ex.ª recompensasse, pagando-lhes do seu bolso a esportula combinada. Assim por exemplo, é completamente desnecessario que no Havre haja dois consules, um de primeira, outro de segunda classe, e que o snr. major Cypriano Jardim ande no Pratner, com tres contos por anno, a fanicar as moças, sob desculpa de que o faça para informar o ministerio da guerra, das manobras austriacas.

Assim por exemplo, é um crime de lesa elegancia privar a Avenida dos seus dandys, só porque o snr. Alfredo Anjos, aborrecido

em Berne, reclama por secretarios d'embaixada, os seus antigos companheiros de pagode.

O esthesiante *Lamiel,* que exorna o *Portuguez,* porque recambial-o á embaixada d'algum paiz onde a sua defesa do tratado não seja comprehendida?

Na obra publica, a testamentaria foi menos profusa, é certo, mas nem por isso o penteado do snr. Arouca póde orgulhar-se da virtude, abrindo em arco, por esse facto, o seu topete original de catatua.

Para não sei que posto hipico do reino, despachou S. Ex.ª um individuo, que tendo por missão montar cavallos, sò possue para o fazer, a perna esquerda—circumstancia esta que não garante lá muito o bom serviço. Ha tambem uns fiscaes do caminho de ferro da Beira Baixa, começando a vencer desde o despacho, e que só serão chamados a trabalhar d'aqui a quinze mezes. E os engenheiros do ministerio d'instrucção publica? Até um d'elles, Ravaglia, italiano, nem sequer teve o trabalho de se procurar cartas de naturalisação; entrou, sentou-se: e o snr. João Arroio, que tem o faro da *mise-en-scene* atinente aos seus papeis, conta-se lavrára os ultimos

despachos no cacifro do guarda-portão do ministerio, já despedido—e sem correio, sem lua, sem nada—distribuindo as nomeações como estas esmolas que se dão na escada, antes de sahir o enterro. Viu o porteiro a humilhosa postura do ex-ministro, e homem malicioso, com sedes de dominio:

—Hoje assigna V. Ex.ª no meu cubiculo, observou-lhe. O destino é tão vario, senhor conselheiro! Quem sabe se eu ainda alguma vez assignarei, no seu.

Hum! posso jurar que a profecia do cerbero se não cumpre. Mesmo que o snr. Arroio deixe a politica, o piano se encarregará de lhe offerecer uma especie de mediania gloriosa. Nos caffés cantantes pagam bem.

# EXPEDIENTE

Muito brevemente apresentaremos os prospectos para a publicação de uma EDIÇÃO MONUMENTAL do notavel romance **AMOR DE PERDIÇÃO**, do principe dos escriptores portuguezes, CAMILLO CASTELLO BRANCO, o romancista de imperecivel renome e inegualavel talento, esperando que V. Ex.ª nos reservará a sua assignatura para tão importante publicação. A edição que emprehendemos constituirá um verdadeiro primor de bibliographia nacional, pois será illustrada com magnificos desenhos devidos aos reputados e laureados artistas portuguezes—J. J. de Souza Pinto, Caetano Moreira da Costa Lima e J. d'Ameida e Silva, inserindo tambem prefacios e estudos criticos dos nossos notaveis homens de letras —Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga, trabalhos feitos expressamente para esta MONUMENTAL EDIÇÃO.

Ficará, assim, pois, esta edição especial do notavel romance **AMOR DE PERDIÇÃO** como um monumento perduravel em honra do seu immortal auctor.

Os editores offerecem a todos os assignantes d'esta monumental edição um BRINDE de um grande valor artistico, e tal que até hoje ainda se não distribuiu no paiz brinde de valor comparavel a este. É uma soberba oleographia, finissima, de grandes dimensões, e copia do notavel quadro *Uma scena de Pompeia,* que enriquece um dos museus da Italia, e que é devido ao pincel do celebre artista italiano L. Crosio.

É tão notavel esse quadro, que todas as illustrações estrangeiras o têm reproduzido em suas paginas em bellas gravuras dos melhores artistas, dedicando áquelle soberbo trabalho notaveis artigos e fazendo os maiores elogios ao auctor do quadro.

Póde-se afoitamente garantir que o valor real do brinde é de METADE DA OBRA que vamos publicar.

A edição acha-se já quasi prompta faltando apenas concluir os ALBUNS-SPECIMENS, prospectos e cartazes; e a publicação regular começará brevemente, sendo antes d'isso exposto ao publico o MAGNIFICO BRINDE que offerecemos gratuitamente a TODOS OS ASSIGNANTES.

*OS EDITORES.*

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 19 — 1 de Novembro de 1890

## SUMMARIO

A TRIPLICE-ALLIANÇA NO CONFLICTO ANGLO-LUSO — OS VIAJORES MARTENS FERRÃO E MAGALHÃES LIMA — POR QUE MÃOS ANDA A DIGNIDADE DO PAIZ — MODO DE PROVER OS ALTOS CARGOS — PEDE-SE AO SNR. BOCAGE UMA REVISTA BURLESCA DE DIPLOMATAS E CONSULES, NA AVENIDA — PSYCOLOGIA DO ADDIDO D'EMBAIXADA, E DESFILADA DE PLENIPOTENCIARIOS — O SNR. CONDE DE VALENÇAS É UM MAMIFERO — OS CONSULES, E SUAS PREDILECÇÕES ANTI-PATRIOTICAS — RAZÕES PORQUE O NIVEL DESCE, E PORQUE ESCACEIA O PESSOAL — PEDE-SE

A DEMOLIÇAO DO CONDE BURNAY, E DÃO-SE AS RAZÕES — É O SYLPHO DA BAMBOCHA PUBLICA: ABAIXO! — OS DOIS CIRCOS DE LISBOA, E ANALOGIAS DOS TITERES COM OS DEPUTADOS E PARES DO REINO — ELEFANTES E LEÕES — VIVA MAGALHÃES LIMA! — O JAPONEZ AWATA, E SUGGESTÕES PROVOCADAS PELA SUA CABAIA — HISTORIA DO PRINCIPE D'AKÒ, E EPOPEIA EXTRAORDINARIA DOS *ronins* — ASCENDENCIA ILLUSTRE D'UM *jongleur*, E IDENTIFICAÇÃO DO EXOTISMO D'ELLE COM O MEU PROPRIO — FRIVOLISMO COMO BASE DE VIDA RISONHA — *Japonezerie for ever!*

---

*22 de Outubro.*

A estada no Tejo, de duas esquadras pertencentes a nações da triplice alliança, suggeriu a suspeita de não ser indifferente ás monarchias da Europa, a coalisão republicana que á sombra da França se começa a agitar p'la peninsula. Suppôz-se que a Allemanha, a Italia, e a Austria, veriam com terror a approximação dos povos meridionaes, n'uma federação latina inexpugnavel, e teve-se esperança de que esta ameaça, bolindo c'o regimen dynastico d'aquellas tres potencias, houvesse levado os respectivos soberanos a intercederem por nós junto da Inglaterra, no proposito d'esta nos deixar na questão d'Africa uma posição sobejamente grata ao nosso orgulho, e que

por algum tempo aguentasse ainda entre nós o Bragança no seu throno. Condissera a entrada das esquadras co'a vinda do snr. Martens Ferrão, trazendo de Roma, dizia-se, a questão anglo-portugueza resolvida, pelos bons auxilios do Papa: e esta mediania de Leão XIII, approximada do espalhafato que a *Harus* estava fazendo co'a viagem do snr. Magalhães Lima, dava até certo ponto coherencia ao boato da triplice alliança se resolver a trabalhar, a nosso favor.

Pela segunda vez portanto se acercava de nós a fortuna no seu carro, trazendo-nos ensejo de revindicarmos honra e territorios em litigio, sendo a primeira aquella em que, logo depois do ultimatum, nos recusámos a apellar para a conferencia de Berlim. Breve porém a illusão durou, porque assim como da primeira vez os nossos homens d'Estado não souberam tirar do artigo 12 do acto geral, o salvaterio que elle continha, assim d'esta, a intervenção amigavel da triplice alliança, gorada ficou, por culpa d'elles — se alguma vez cuidára em ser-nos util.

Por culpa d'elles, disse, e vou proval-o. Á uma, esses senhores, em vez de deixarem vo-

zear nas ruas as manifestações republicanas — intimamente inoffensivas, sabemol-o, mas excellentes como texto de telegrammas, para alarmar lá fóra a Europa monarchica — trataram mas foi de fazer correr que metteriam no *Africa* os que fossem apanhados a dar vivas ou morras, a alguem ou a alguma coisa. Á outra, fizeram desmentir pelas chancellarias a magnitude do loiro Magalhães, como *madhi* da crusada jacobina, tranquillisando d'est'arte os reis alliados, quanto aos resultados da missão do redactor do *Seculo* pelos restaurants latinos, com champagne falso nos toasts, e Xavieres de Carvalho e Zorrillas nos menus.

E a força moral da agitação republicana cerceada d'este modo, calmada a Europa sobre a ridicularia das nossas conspiratas, os embaixadores que lá fóra temos deram o golpe de misericordia na intercessão que a Italia, a Allemanha e a Austria pareciam decididas a tentar, junto da Inglaterra, a nosso bem.

Porque o mau séstro é este: ou seja dos homens, ou da constituição politica reinante, é certo que o alto funccionalismo baixa entre

nós terrivelmente, a ponto das altas funcções do Estado estarem entre mãos d'uma cretinagem que faz pejo, nos entreactos em que não é o asco a sensação dominante que ella inspira. Uma vista retrospectiva sobre o que já n'outros numeros traçamos, informará o leitor d'alguns dos mais salientes aleijões que constituem o caracter do nosso homem politico, e de caminho talvez visione o processo que tem entre nós a politica d'investir os seus dilectos, como senhora despotica, nos logares de responsabilidade ou de confiança. Já por mais d'uma vez explicámos não ser criterio usado na provisão dos altos cargos, a circumstancia d'elles convirem aos recursos e aptidões do candidato, mas tão somente se fará conta a este, o rendimento metallico d'aquelles. Este nefando systhema tem enchido os quadros, de sobrinhos e irmãos de ministros e directores geraes, quazi tudo creaturinhas de gozo e de deboxe, incapazes d'estudo, sem vislumbre de cerebro, nem capacidade alguma de trabalho, e apenas dispostas a fazerem dos logares que lhes dão, conezias rendosas e inactivas. Emquanto a politica só aproveitou essa camlada de desfructadores, para mobilar com ella os

logares infimos e medios das secretarias e da alfandega, bem foi a coiza: mas preenchida a corredoira burocratica, de bestas, houve que se deshonrar a envergatura moral de certos cargos altos, de se pôr em jogo a dignidade e a seriedade de certos serviços, para dar comida ás restantes.

Filhos de familias ricas ou illustres, cretinos insolvaveis muitos d'elles, lá vão secretarios d'embaixada e consules de primeira classe, para essas capitaes de prazer, onde o paiz lhes esportula os vicios frustes, a ociosidade desdenhosa, e a elegante invalidez; e é conhecel-os p'ra se advir na opinião de que poucos valem o dinheiro que custam, ou são dignos da investidura official que representam. O snr. Bocage, se quizesse offerecer a Lisboa um espectaculo typico, devia mandar vir todo o pessoal diplomatico que temos disperso pelas capitaes do mundo, annexar-lhe os consules com as suas fardas, e fazer uma revista de tudo, na Avenida. Seria d'um grotesco inolvidavel—com o visconde de Faria por tambor-mór—e cada um de nós saberia affim que destino teem em Portugal certos janotas, refugo das escolas, quando derretida a ultima libra na *bôrga*,

Lisboa deixa de lhes ouvir o calão nos gabinetes do Silva e do Tavares. Vadio de bigodes torcidos, nullo pedante, bacharel puxado a quatro juntas d'appellidos, e tendo sido o Calino da sua geração universataria, sportman com dividas, e corredor de toiros com almorrodias, tudo quanto as populações acephalas do Baltresqui e do Gremio, das cadeiras de S. Carlos e das casas de balota, contam de mais arrombado e de mais lanço, eis o viveiro aonde a diplomacia portugueza vae escolher os seus melhores auxiliares. Paris e Londres, Vienna e Petersbourg regorgitam d'estes porquinhos da India encasacados, nem sequer correctos, e quazi sempre ridiculos, por entre cujas mãos passam, nos intervallos do jogo e das cocottes, todas as melindrosas coizas que bolem co'a manutenção do nosso decoro internacional. Os embaixadores ou plenipotenciarios que enteslam com este batalhão de pandegos emeritos, cumpre dizer que estejam á altura da soldadesca. Tirante o snr. Souto Mayor, que continua em Stockolmo, nonagenario quazi, a sua tradição de homem de côrte, e o snr. Casal Ribeiro, que lá vae aguentando em Madrid os estragos que a sua vida

excessiva de moço determinou no seu cerebro de *jouisseur,* os outros representantes de Portugal no estrangeiro nem sequer podem jactar-se de possuir os meritos secundarios e as qualidades communs dos homens do seu officio. Está em Bruxellas o snr. Henrique de Macedo, que é uma especie de tatu desenthusiasmado d'outra posição que não seja a horisontal, e d'outra lucidez que lhe não venha das quebreiras digestivas, aos roncos, nas poltronas das casas de jantar. Querem fazer d'este mediocre o sucessor do snr. Barjona, nas novas negociações com Salisbury. Vejam que lastima! O snr. Henrique de Macedo tem quazi todos os defeitos publicos do snr. Barjona, acrescentados d'outros que por bem de nós todos, devem pôl-o a cem leguas de tal cargo. Temos em Paris o snr. Dantas, um excellente homem, quebrado e velho — o que não basta. Em Berlim está o snr. marquez de Penafiel, sobre cuja saude cerebral começa a haver apprehensões. Em Petersbourg, o ministro portuguez é o snr. conde de S. Miguel, que se reproduzir o dito de Chenier, tocando a fronte, falta á verdade, e cujo substituto, nos seis mezes do anno em que s. ex.ª está ausente

do seu posto, é o snr. Ezequiel Prego, diplomaticamente definido assim — o snr. conde de S. Miguel, do outro lado do relogio.

Temos na Haya o snr. Vicente Pindella, botas lindissimas, olhos todavia um pouco menos penetrantes do que o verniz das gaspeas; temos na Suissa o snr. Alfredo Anjos — a quatro; e finalmente em Vienna o nobre conde de Valenças, cujos meritos julgamos fixar, mencionando a unica coiza que de positivo se sabe, acerca de s. ex.ª — venho a dizer — que é um mamifero.

Digam-me pois se com tal quadro, algum governo póde ter sequer um serviço d'informação e de policia diplomatica, capaz, e se as nossas legações, com todos os seus contos de reis de costeio, servem para mais alguma coisa do que dar nicho a preguiçosos, e passar contrabando nas bagagens. Durante os mezes decorridos des'que o conflicto anglo-luso entreteve pela primeira vez a curiosidade da Europa, jornaes de todas as nações, occupando-se da pendencia, com pronunciada intenção de fazerem justiça aos nossos direitos, deram sobre ella informações e detalhes erroneos, argumentos contraproducentes, illucidações sem

documentação auctorisada, afóra os que se viram forçados a deixar o assumpto, no calor da actualidade, por falta de quem, com toda a seriedade, os informasse. Seria aqui a vez das nossas legações intervirem discretamente, distribuindo mappas e informações de fonte pura a todos os jornaes europeus e americanos que se nos mostravam sympathicos, e mesmo tornando esses jornalistas, por via d'uma suggestão amavelmente habil, em instrumentos, como direi? obsequiosos, dos planos coloniaes do nosso governo, o que não seria tarefa difficil, nas mãos d'um encarregado de negocios arguto e experimentado, e d'um pessoal consular affecto aos interesses da nação. Ora, é escusadissimo affirmar que sobre esta questão vital para os nossos interesses commmerciaes e politicos, nem os governos deram ordem para se instruir a imprensa do mundo, quanto ás razões historicas ou contemporaneas das pretenções portuguezas á Africa austral, nem os residentes portuguezes nas cidades da Europa e da America—O snr. Batalha Reis e Martens Ferrão excepto—se dignaram deixar cahir dos seus divinos labios, palavras que corrigir podessem, de longe ou de perto, a cor-

reria por vezes phantasista dos nossos defensores.

E as razões são patentes, inutil desdobral-as. Á uma, na questão africana, os ministros eram os primeiros a ignorar a extensão e a importancia dos materiaes em litigio, e tanto sabiam d'ella, que o proprio Hintze Ribeiro, já subscripto o tratado de 20 d'agosto, apoquentava pelo telegrapho o snr. Barjona, sobre a maneira d'entender as mais importantes clausulas d'aquelle inverosimil documento! Á outra, que haveria a esperar da sollicitude privada dos nossos consules e embaixadores, affeitos ao ripanso do *rien faire,* e recrutados nas castas scepticas e desmoralisadas que atraz disse? Pedir ao snr. Martins Dantas que saia de casa para informar as redacções politicas de Paris, não como embaixador, mas como particular, sobre os verdadeiros tramites do conflicto zambeziano; esperar que o snr. Alfredo Anjos canalise diplomaticamente a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, por fórma que os plenipotenciarios inglez e americano não coajam o tribunal arbitral suisso a nos extorquir 3:600 contos d'indemnisação, por uma linha ferrea

que nem 1:000 vale; cuidar que o Valenças, o Penafiel, e o Mathias de Carvalho sejam capazes d'inclinar os reis da triplice-alliança para uma intervenção favoravel à nossa causa, tudo isto seria presumir nos nossos representantes, abnegações que os governos lhes não impõem, e amores de patria que a ausencia amortece, e as ajudas de custo, dada a pobreza do erario, se teem esquecido um pouco d'avivar. A parte maxima das legações portuguezas no estrangeiro são pois comedouros, que não postos de guarda, onde os aleijados da politica e onde os pobresinhos da elegancia, supportam, n'essas capitaes de luxo, o desterro d'uma patria que elles proprios renegam, e de que elles são os primeiros a dizer mal.

Reinternar no reino um certo numero d'esses Stenbokens grotescos, que nem sequer sob o ponto de vista decorativo nos honram; dar uma varruscada nos adidos fantoches, e nos secretarios d'embaixada risiveis e pedantes, que lá fóra creditam mediocremente o espirito e a *belle tenue* portuguezas, e nem as memorias de Casanova seriam capazes d'escrever; acabar d'uma vez com o advento do *filho do grande homem,* nos cargos que o nome de seu

pae quer fazer hereditarios na familia, eis ahi um principio de vida nova que a bem do reino, o ministerio devera iniciar.

Com respeito aos consulados, identica barrella! Vae-se por esse mundo, e achar os consules portuguezes no seu posto, prestes a bem servir os forasteiros que se lhe approximam, é quazi tão difficil como justificar a reputação parlamentar do snr. Marçal Pacheco. Algum matreiro que furtando as voltas, consegue chegar á presença do intangivel funccionario, recebe em plena face insolencias como esta:

— É portuguez, isso vê-se. Então como vae por lá essa piolheira?

A um cretino que foi consul de primeira classe, para a America, especie de vencido da vida em edição só para homens, ouvi eu exprimir os seus desdens anti-portuguezes.

— O meu ideal seria viver em Paris, e ter um balão dirigivel: todas as manhãs, quando me desse a vontade, vinha a Lisboa, parava em cima do Terreiro do Paço, e zás!—depois do que voltava para almoçar no *Caffé Riche*.

Das relações d'estes preciosos com a metropole, resulta não serem elles uns empregados do Estado, que lhes paga por bom preço

um certo programma de serviços, senão se deprehende que seja o Estado uma especie de subalterno ou feitor investido da missão de lhes vasar dinheiro nas algibeiras. Percorrem-se os relatorios e despachos que os nossos consules enviam ao ministro, a quando coagidos, á força de supplicas, a dar informas sobre algum ponto commercial ou episodio decorrido na aria da sua inspectoria; e adevinha-se então porque é que nós fazemos tratados de commercio que só servem para arruinar a nossa agricultura e a nossa industria, e porque é que o mundo tem um risinho sorna, quando algum portuguez allude á antiga hegemonia universal do seu paiz. Um dos primeiros cuidados do representante de Portugal no estrangeiro, é, salvo excepções, desnacionalisar o typo, apenas chega, talhando-se a barba e escolhendo *toilette* que lhe desvirtuem quanto possivel a primitiva physionomia. Alguns, quando cá voltam, mesmo sem alijar a reputação de homens de lettras com que tinham ido, começam a intrometter na conversa palavras estrangeiras, a carroçar os *rr* á franceza, a ter sutaques exoticos, com anojados assopros contra os que lhes mandam ver... Palmella.

Um chamado barão da Costa Ricci, director da nossa agencia financial de Londres, e que enriqueceu á custa do paiz, gaba-se publicamente de ha trinta annos não vir a Portugal, e de haver esquecido completamente o nosso idioma. Tanto a origem alfacinha lhe faz asco, que sendo trigueiro, pinta desde tempos immemoriaes as suissas, de loiro, prohibindo que em sua casa se falle o portuguez. De sorte que as filhas não conhecem uma palavra só da nossa lingua, e teem de Portugal a suasão de que é um sultanato onde as senhoras usam pera, e os cavalheiros roubam as diligencias nos pinhaes.

A favor das provisões indevidas, nos cargos de responsabilidade e representação, como citei, argumentam os ministros que o pessoal habilitado escaceia, e que o nivel intellectual e moral vae entre nós declinando, mais e mais. Falta pessoal porque os governos o não criam, persistindo em accumular funcções nas vergonteas de meia duzia de familias estancadas, e fechando a porta impudentemente aos que estão longe dos coios onde os Bocages pulul-

lam, os Martens fermentam, e os Serpas e os Barros e Sá se multiplicam.

E se a craveira intellectual e moral tende a cahir, pertence ainda aos governos a culpa, sempre a elles! Não despachem leutes ás fornadas, não consintam na instrucção chefias pifias, reformem as escolas segundo as necessidades publicas, e não para anichar *enfants gatés* — e quando a opinião publica lhes disser que tal director da Alfandega negoceia os empregos da casa, que tal orador bóxista vae de mão co'as parcerias nauticas que pedem subsidio, que tal prestamista suborna secretarios d'Estado p'ra lhes arrancar concessões escandalosas, não deixem dormir estes casos na indifferença, levantem a luva, inquiram a valer as fundações de taes historias—não promovam o director da alfandega a novos cargos, como recompensa da sua candongnice, cuspam o parlamentar para onde não haja preciosidades por cima das mezas, e por ultimo, sendo preciso, enforquem o prestamista, e tenham coragem para correr com o secretario d'Estado a pontapés.

*25 d'Outubro.*

Entre as precauções sanitarias que o ministerio conta pôr em pratica, para dar salubridade aos negocios publicos, vem já citada uma, de todo o ponto energica e prestimosa. Parece que ha ideia de correr d'uma vez com o snr. Burnay, dos cargos de Barnhum e d'esmoler mór que elle ha dez ou doze annos occupa no reino, junto de todas as situações governativas, e mais se diz que esta exhautoração será de grande espectaculo, e feita na praça, ao ar, porque todos conheçam a physiologia digestiva d'este famoso Moloch das receitas publicas. Justifica a medida, reputada d'instante á luz da austeridade que este governo quer ostentar nos seus dictames, o terem os novos ministros encontrado vestigios de Burnaysia em todas as pastas, sob a fórma de contractas e escamoteações por tal fórma escusas, que não se percebe bem como é que os collegas do snr. Antonio de Serpa poderam consentil-as, ficando co'a consciencia socegada. Pois consentiam, e tomando n'ellas uma tal ou qual parceria de cumplicidade—consciente—tanto assim que as contractas decorriam to-

das n'um sygillo absoluto, prova de que os negociadores se arreceavam da opinião. Assim, não houve por esses ministerios fundo de secretária, algibeira de velha farda, chinello esquecido, pasta de correio a cavallo, que os ministros novos, ao tomar posse dos seus cargos, saccudissem, sem ver saltar o snr. conde Burnay, sob algum dos seus travestis mais sylphicos, de preguista. Elle fez pulo ao snr. Mello Gouveia (revestindo a fórma d'um emprestimo de 63:000 contos, tendo por luvas o monopolio dos tabacos sem concurso, e o pagamento do emprestimo D. Miguel) quando o pobre homem abria, muito descançado, a gaveta do seu *bureau* do ministerio da fazenda, para lá metter uns punhos novos de ministro, uns punhos de ver a Deus, em caoutchouc. Elle saltou ás dragonas do snr. João Chrysosthomo, sob a fórma d'uma encommenda de peças Krupps (o caso dos 900 contos) quando no ministerio da guerra o velho general se curvava, para embrulhar com a ponta da durindana um escarro, na serradura d'um velho escarrador. Elle ficou pendente da pera do snr. Thomaz Ribeiro (disfarçado na proposta d'uma casa franceza para a

construcção do cabo submarino dos Açores) no momento em que este *ancien beau* narcisava as suas cabellugens romanticas, com um pente que servira ao seu antecessor Frederico Arouca.

E não contente com estes acrobatismos arrojados, exhibia incansavelmente outros de longe, como fossem promover nas praças estrangeiras, baixas de fundos, auxiliar em Paris as pasquinadas do emprestimo D. Miguel, metter *suettos* terroristas contra nós, nos jornaes de França, d'Inglaterra, e tudo isto com patinhas tão leves, tão fina argucia, tão bem humorada perversidade, que não havia remedio senão reconhecermol-o como o sylpho da bambocha monarchica, e o *diableautin* da nossa bancarota, adejando por cima do throno os seus elyctros verde e oiro, vampiresco e cavalheiroso a um tempo, alma d'lago, na abstracção ingenua do amoroso Miguel Cassio. Desinfectar o estado d'este pulgão polymorphico e sinistro, prescindir das suas offertas que suam agio, e das suas facilidades que resabem a cilada e a hypotheca, eis um admiravel debute para governo que se propõe restabelecer nos negocios publicos, a moralidade e a economia.

Ainda ha pouco os jornaes contaram como a policia lançára mão a duas seresmas, que contratadas para cuidar d'uma senhora doente, a tinham expedido ao hospital sem mais delongas, onde a pobre espichou, repartindo as desavergonhadas entre si o espolio da defuncta. O snr. Burnay condensa no actual momento, as habilidades de mãos das taes velhacas. É necessario despedil-o da cabeceira do paiz enfermo, antes que o enfermeiro astuto, sequioso do espolio, pregue com elle na *morgue* do hospital.

*26 d'Outubro.*

Os dois circos de funambulos, actualmente abertos, acabam de pôr os theatros ás moscas, e inauguram em pleno lucto patrio, um carnaval d'exotico, que a cidade corre a applaudir todas as noites. A *jonglerie* dos homens elasticos, e os discursos estridulos dos momos, mesmo sem tergiversarem dos processos d'escamoteação já conhecidos, põem nas ferias parlamentares um interregno aperitivo, que nos faz ver nos circos da Rua Nova

da Palma e das Portas de Santo Antão, sob a regencia dos manos Diaz, os funambulos de S. Bento, n'um travesti em que elles não costumam mostrar-se, a quando presididos pelo snr. Pedro de Carvalho e Telles de Vasconcellos. Por mais que elles neguem, não ha duvidar sejam os mesmos. Ha poucos dias, como o elefante pequeno do Colyseu novo se preparava para voltear na arena, c'os seus camaradas de supplicio, uma chicotada mais injusta o fez dizer—peço a palavra!—e todos conheceram a voz do snr. Martens Ferrão. Em certas noites, deputados e pares que não tomam parte no espectaculo, veem todavia com seus trajes civis, aplaudir dos *fauteuils*, os collegas; e empóz d'estes senhores, *ces petites chattes* que os requestam, das galerias: d'onde a razão porque os circos sejam actualmente os mais bem frequentados logares da capital.

Estão em moda as exibições d'animaes habilidosos. Na Rua Nova da Palma, por exemplo, ha uma cadella contralto que faz positivamente a inveja das prima-donas que temos lá fóra a estudar, com subsidios do governo, e por cujas *minauderies* e geitos de

canda, muitos teem querido reconhecer Sergio de Castro. Ha um leão decrepito, que salta d'uma prancha elevada, ao dorso d'um cavallo, e que muito bem póde ser a allegoria do snr. Martens, vindo de Roma a Lisboa, como diz o Mardel, bater o fado tambem. E ainda no mesmo circo enfim, um grupo plastico, magnifico, feito d'um elefante, de dois cavallos, e d'uns cães que se lhe encarrapitam por cima, com ar propagandista, a ponto do mais revolucionario gritar—Viva Magalhães Lima! —o que é um pretexto para se exigir de pé, a *Portugueza*.

*27 de Outubro.*

Mas ha no Colyseu de Santo Antão um *jongleur* japonez, delicioso, e que eu tenho grande difficuldade em detriçar d'um *bibelot*. Velho e meio calvo, franzino como um elfo, com um brunido de lacca clara na cabeça, e pompas de seda bordada a matiz e oiro nas pregas da cabaia, essa figurinha tem uma nervosidade ironica, um sonambulismo de vida, que nos reportam ás edades em que o ho-

mem, muito perto ainda do monstro, era já espirituoso e intelligente, posto que ainda sem formulas oraes com que exprimir o seu pezadello interior. Lembra-me um kakémono da *Mangua* de Hokusai, um netsuké de Ritsuo, um d'estes benignos buddhas doirados, que os viajantes descobrem nos cacifros das torres de madeira dos templos, em Kioto, na montanha santa de Nikko, ou no seio dos nichos funerarios, risonhos, sentados em folhas de lothus, com o ar frivolo e mysterioso de chimeras e forças da natureza, ao mesmo tempo. Do programma da noite, é elle o canto aristocratico, o aparte distincto, porque a sua *jonglerie* me traz a ideia d'um povo ao longe, d'uma nacionalidade frivola que eu não conheço, e da qual por afinidade artistica, faço parte. Nada tão simples como o seu trabalho — meia duzia de paulitos e hastes de madeira que se ajustam pelas pontas, um leque, algumas bolas de caoutchouc, um parasol de seda branca e um copo d'agua, eis o vocabulario com que este parnasiano do equilibrio constróe as mais bellas estrofes dos seus poemas — e não obstante a futilidade dos fins e dos processos, essa obra d'equilibrista captiva-me,

porque é toda uma esthetica inedita que passa, em cada um dos meneios do japonez!

De mais, talvez não saibam, o meu *jongleur* do Colyseu tem uma epopeia grandiosa na familia, e isto lhe condensa o encanto exotico, e lhe amplifica a meus olhos, o effeito decoral. Elle descende nada menos do que de Takouda, um dos 47 *ronins* condemnados á morte, por terem vingado a honra do seu senhor. É uma historia de fidelidade, a dos *ronins,* sem precedentes talvez na epopeia humana, que todo o Japão celebra ha duzentos annos, em pinturas e scenas de theatro, e de cujo substracto tragico o escriptor Tamenaga Shounsoui fez um romance, de que a traducção franceza corre as livrarias desde 1882, sob o titulo de, *Les fidèles ronins.*

Em 1683, um daimio por nome Takumi-no-Kami, vindo á côrte de Yedo, portador d'uma mensagem, foi gravemente insultado por Kotsuké, um dos grandes funccionarios do shogum.

Prohibido de vingar-se ao primeiro repoupo da honra enxovalhada, visto como a afronta

se dera n'um vestibulo do palacio imperial, e a pragmatica prohibe que sob pena de morte e confiscação de bens, alguem puxe do sabre, intrammuros das rezidencias do mikado, Takumi tragou a injuria, que vindo a repetir-se á saluda da audiencia, forçou o daimio a ferir Kotsuké com o wakizashi, ou pequeno sabre do ventre.

Condemnaram-no a abrir-se o abdomen, com o mesmo wakizashi com que arranhára Kotsuké; e como era principe d'Akò, foi-lhe o castello confiscado, e familia e vassallos reduzidos á miseria, cahindo estes no estado de *ronins,* que quer dizer maltrapilhos errantes, pedintes, pobretões. Ora, entre as gentes do principe havia um conselheiro intimo, ou favorito, Kuranosuké, que abrazado em furor santo, reuniu os quarenta e sete samouraï de serviço em Akò, fazendo a todos jurar que vingariam a memoria de seu amo. Kotsuké porém não descançava: poderosissimo e astuto, teve suspeitas do mal que lhe podia vir dos nobres cavalleiros que reduzira ao infortunio, e vigiava-os, perseguindo-lhes os passos, e cercando-lhes as casas d'espiões e d'assassinos. Ahi começa pois uma lucta d'astucia, entre os dois

grupos odientos... Kotsuké que multiplica na sombra os seus esculcas, e os antigos samouraï, que para adormecer suspeitas, se disfarçam, muitos, nos bairros lobregos de Kioto, tomando profissões humildes, emquanto o resto deserta por desencontrados caminhos, indo viver nas florestas, nas piolharias dos templos, e nas tocas dos rochedos que avisinham a colina da Primavera, onde o senhor d'Akô jaz sepultado. Kuranosuké, o chefe dos cavalleiros fieis á honra do daimio, typo de campeão feudal, cuja estatura epica só tem rival na do portuguez Martim de Freitas, como não podesse deixar Kioto sem riscos d'excitar contra si as curiosidades do inimigo, e fazer falhar o plano de vingança, resolveu, para melhor illudir Kotsuké, dar-se a deboxes torvos, simular a embriaguez, passar as noites nas casas de chá, entre vadios e prostitutas, a ponto que um homem de Satzuma, topando-o de bruços n'um charco, uma noite, perdido de bebedo, rompeu a dizer que era bem indigno do titulo de samouraï, quem se entregava assim ao vicio, em vez de lavar o ultraje do seu senhor.—E de desprezo, o homem empurrava-o na lama, mijando-lhe p'ra cima!

Noites e noites, a cidade de Kioto, ante a qual se fizera publica a devassidão de Kuranosuké, presenceava as scenas d'embriaguez que elle fazia, entre os despreziveis da sua laia, tomada d'espanto por essa metamorphose subita, do homem justo, em rufião. Entrado em casa, Kuranosuké espancava a mulher, derribava na camara interior, o altar votado aos antepassados, punha os filhos na rua, sem camisa, á exposição da neve e das chuvadas...

Só então Kotsuké descanca um pouco, e afrouxa a espionagem, certo de que a virilidade do antigo favorito, amollecida d'infamia, não mais cuidará do passado, nem já teria prestigio tam pouco, para arrebanhar os servidores d'Akô no encalço da sua indisputada sobranceria.

Uma noite de dezembro (1701) dezoito annos depois da morte do principe, os conjurados reuniram-se enfim sob as abadas d'um templo arruido, em sitio solitario, á vóz de Kuranosuké, que durante todo aquelle tempo não cessara de corresponder-se com os seus quarenta e sete bravos companheiros. Secretamente, o falso bebedo havia feito conduzir para as criptas do sanctuario, as couraças e as ar-

mas necessarias: o templo deserto, tinha á volta um bosque de cedros seculares, por toda a parte ramarias confusas, lianas furiosas, folhas e sombras d'uma tenebrosidade impraticavel; e a tormenta de neve cahia de vagar pelas clareiras, amortalhava os monstros das escadarias alluidas, fazia gemer as traves podres dos porticos, curvando os bambus das torrentes, e tamborilando, com vibrações veladas de gong, na campanula dos sinos suspensos como corpos, nas grandes forcas de granito dos terraços. Feita a oração no templo, com as boccas no pó, emquanto o mais velho dos guerreiros batia as palmas para acordar a attenção dos deuses distrahidos, os quarenta e oito homens renovaram deante do altar o juramento, e armados de sabres e de lanças, justados de couraças, e revestidos por cima, d'uma especie de tunica branca e preta, afim de se reconhecerem na commettida, eil-os se dirigem a cautelosos passos para o Yashki, de Kotsuké.

Cahia sempre a neve, com flocosidades opacas que restringiam a visão, por esses

campos. Elles marchavam cobertos d'aço, os capacetes erriçados de crina, com ornamentos de muflas e de cornos — e todos de lanternas á cinta, entre campos d'arroz e as hervas altas dos pantanos, pareciam espectros de deuzes levando ao longe os flagellos da morte, nas dobras brancas e pretas das suas tunicas. Yadsuama, o mais sabio, tinha n'uma garrafa «com que pensar as feridas dos combatentes, e produzir grandes fogachos para afugentar os transeuntes.» *(a)* Adeante Olibé, o homem dos cabellos de Javali, esclarecia o caminho com duas candeias pendentes d'uma canna de bambú. Masé levava um odre d'agua, para apagar no palacio de Kotsuké, os brazeiros e as lampadas esquecidas. E quanto a Otaka, tinha ao pescoço um apito de bronze, com que daria tres silvos, apenas fosse descoberto o miseravel. Todos tinham envolvido as cabeças em veus de seda azul, que lhes occultavam o rosto, e nos peitos bordadas as iniciaes e brazões

---

*(a)* **Sei tû Guishi deu** *(os cavalleiros do dever e da fidelidade)* paginas d'album onde o pintor japonez Kouniyoshi representa os *rouins* na sua embuscada ao Yashki de Kotsuké.

de suas casas, no bolso o Yataté, ou escrevaninha portatil, e um pergaminho na manga finalmente, explicando as razões da expedição. Duas horas da manhã, hora do boi: lá baixo é Kioto, a cidade santa, adormecida no lixo que os chacaes sem medo vem fossar—por toda a parte o silencio, a neve, o desamparo! —sanctuarios vetustos nas colinas, com as suas florestas e os seus porticos, as escadarias de monstros e as pontes das torrentes, scismando sob a neve, nos mysterios da impassivel divindade: e ao alto, no crepusculo do ceu, a massa dos tectos, boleada em crescentes nos angulos, e as avenidas de tumulos, onde os mesmos espantos fazem, pela bocca dos deuses funebres, a mesma carantonha e o mesmo calafrio.

Como sombras, os quarenta e oito abordaram enfim a palissada do jardim de Kotsuké, toda fechada em redor como um castello. Tokouda, que era o mais alto, quazi de sangue regio, offereceu os hombros para os outros treparem: e estes, sem se fazerem rogar, subiam-lhe por cima, e depois que se viram dentro, todos queriam ser os primeiros a arrombar a porta do palacio.

Mas já ás primeiras pancadas de martello, os samouraïs de Kotsuké saltam do leito: trava-se a lucta, é desesperada, mas nem um grito —e bem depressa um mar de sangue, repuxado dos troncos sem cabeça, veste de rubro as laccas preciosas, os oiros bassos, e os frisos esculptados e leves dos salões. Entre os que fogem, alguns, de mulher, fazem sorrir d'escarneo os samouraïs d'Akô, cuja sede de sangue os leva dos subterraneos aos travejamentos do tecto, á procura de quem podesse ter-lhe escapado á sanha carniceira. Mas Kotsuké? Não apparece. Kuranosuké no entanto, astucioso, ao mergulhar as mãos no leito do potentado, sentiu quentes as roupas. Não devia estar longe, por consequencia.

E as buscas recomeçam. Olibé leva as duas lampadas accesas na frente; Tokonda e Otaka rompem as laccas dos muros a golpes de punhal, emquanto os outros correm como demonios, os terraços da casa e os urdimentos. Quando subitamente o apito estruge. A lança de Yadsuama, casualmente mettida por entre o carvão d'uma dorna, nas cosinhas, acabava de provocar uma queixa pallida; e o Kotsuké apparece, descalço, tremulo, septagenario

quazi, deante dos cavalleiros constituidos em tribunal para o julgar. Está ferido no quadril, treme de medo, e o sangue lhe macula o setim branco da tunica, que tem pintadas no panno, folhas mortas de salgueiro, e por baixo uma bordadura de milhafres, com crysanthemos nas garras. Kuranosuké então ajoelha, e assim lhe falla com todos os respeitos d'um mortal de casta inferior.

—Senhor, somos os homens de Takumi-no-Kami, que V. Graça fez perecer injustamente. Como bons e fieis vassallos vos conjuramos a honrar a memoria do nosso amo, fazendo o *hara-kiri* (abrir-se o ventre). Servir-vos-hei de padrinho n'este acto, e depois que tenhamos, em toda a humildade, recolhido a cabeça de V. Graça, iremos depôl-a como offerenda, no tumulo de Takumi.

Como Kotsuké se recusasse a morte de cavalleiro que lhe propunham, Kuranosuké lhe decepou a cabeça d'um só golpe, e ao romper da manhã os quarenta e oito *ronins* reunidos na colina da Primavera, em torno do sepulchro d'Akô, despiam piedosamente as couraças, depois de feitas as abluções do ritual; e vestidos de festa, offertaram aos manes de Ta-

koumi os despojos do seu implacavel inimigo. *(b)*

Desoito annos de vida passada entre miserias e vergonhas, para restaurar a nitidez d'um nome alheio, e morrer no dia seguinte, eis uma lição de nobreza que vae além da mais pundonorosa espectativa! Porque a sorte dos quarenta e oito adevinha-se. Kotsuké era um funccionario omnipotente, a lei protegia-o, e os samouraïs d'Akô foram condemnados a extirpar-se, o que cumpriram nas escadarias do pagode, depois de ter pedido aos bonzos que os sepultassem de roda do tumulo do seu senhor.

O *jongleur* do Colyseu descende realmente dos *ronius?* Pouco me importa. Nem por se tratar d'um funambulo de circo, a heroica ascendencia é menos verosimil. Á uma, no Ja-

---

*(b)* *«C'est ici que la tête a été lavée: n'y trempez ni vos pieds, ni vos mains.»* L'écriteau ne dit pas quelle est cette tête coupée qu'on est venu laver dans cette eau claire; il dit seulement *«la tête.»* Mais tous les passants le savent...

**P. Loti** *(Japoneries d'automne*, pag. 260)

pão, o estado d'artista emparelha e continua, em jerarchia illustre, com o de guerreiro ou principe de sangue. Á outra, quando assim não fosse, a dispersão das riquezas dos *ronins*, confiscadas pelo Estado, podiam ter feito liquidar as vergonteas d'aquellas nobilissimas familias, em mesteres da ultima inferioridade. Como quer que seja, esse *jongleur* seduz-me. Sou eu, funambulo de circo. Acrescendo que elle synthetisa alem d'isso a indole e a graça d'esses povos perpetuamente infantes, que constroem a felicidade sobre meia duzia de paulitos em equilibrio n'um beiço, e a abrigam, depois de construida, sob um parasol de seda branca, onde perpetuamente gira uma bola doirada de caoutchouc.

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 20 — 15 de Novembro de 1890

## SUMMARIO

A CRISE THEATRAL E SEUS FACTORES—CIRCOS CHEIOS E THEATROS VASIOS — RAZÃO DA INDIFFERENÇA DO PUBLICO PELOS ESPECTACULOS PORTUGUEZES—CANTO E DECLAMAÇÃO: DE COMO NOS THEATROS NINGUEM FEZ CONTA COM O POVO — O QUE É A «*geral*» NAS NOSSAS PLATEAS—NECESSIDADE PUBLICA DO RISO E DO MOVIMENTO, E INCAPACIDADE DE RIR E MECHER NAS SALAS D'ESPECTACULO — OS THEATROS NACIONAES SÃO MONOTONOS, O REPORTORIO É ESTRANGEIRO, A LINGUA USUAL É MACARRONICA—CAPACIDADE CRITICA DAS DIFFERENTES CLASSES D'ES-

PECTADORES PERANTE UMA REPRESENTAÇÃO FALLADA — PUBLICO CERTO DE D. MARIA E DO PRINCIPE REAL, E RAZÃO PORQUE ELLE VOLTA COSTAS AO THEATRO — O QUE FICA DE LABICHE E DUMAS FILHO, NAS TRADUCÇÕES MACARRONICAS DO GYMNASIO E DE D. MARIA — DRAMAS QUE NÃO FALLAM DO INTERESSE INDIGENA, E QUE DEBATEM QUESTÕES COM QUE O PUBLICO NADA TEM — O «ARREGLADOR», PERSONAGEM BIFRONTE — PEÇAS ORIGINAES, E ESCRIPTORES DE COMEDIA E DRAMA PORTUGUEZES — CARACTER E APTIDÕES DOS TALENTOS CONSAGRADOS AO THEATRO — A LITTERATURA DRAMATICA EUROPEIA NÃO ACOMPANHOU A EVOLUÇÃO SCIENTIFICA DOS OUTROS CAMPOS DA ARTE — DE COMO NUNCA TIVEMOS LITTERATURA DRAMATICA, MAS VOCAÇÕES ISOLADAS E INCOMPLETAS — O QUE FALTA PARA TERMOS ESCRIPTORES DE COMEDIA — O QUE FALTA PARA TERMOS ESCRIPTORES DE DRAMA — EM QUE SE ACABA O PAPEL, E SE PEDE AO LEITOR RECOLHA AS CONCLUSÕES D'ESTE ESTUDO, NO NUMERO SEGUINTE.

---

*2 de Novembro.*

Com a abertura do novo Colyseu de Santo Antão, tornaram-se afflictivas as condições d'existencia dos nossos theatros, ellas que já estavam singularmente criticas pela concorrencia que o Colyseu da Rua Nova da Palma lhes movia. Por mais que esses pobres proscenios annunciem em cartazes de dois metros, os seus melhores trabalhos de comedia e drama, o publico evidentemente desinteressa-se, deixa-lhes a sala ás moscas, e corre a applaudir as feras e os homens elasticos dos dois circos. De sorte que em muitos d'elles é inevitavel a bancarota, se acaso as receitas do anno aferirem pelas *perdizes* do principio.

É portanto o momento de se estudar a questão com seriedade, e de se esquadrinhar se bem no fundo dos motivos que o publico tem para gostar menos de tragicos, do que de palhaços, não haverá alguns que deem razão ao publico, embora á custa do orgulho artistico dos tragicos.

A meu vêr, os espectaculos de funambulos são preferidos aos dos outros theatros, principalmente por tres causas:

—São mais baratos.

—Divertem, e o povo prefere sempre o riso ao choro, as coizas que distrahem, ás coizas que concentram.

—Ultima. Os artistas estrangeiros que n'elles tomam parte, são mais progressivos, mais variados, mais inventivos, do que os portuguezes occupados na interpretação d'obras dramaticas.

Vêr a primeira. Lisboa é muito pobre. Toda a gente que trabalha, necessita de descançar e distrahir-se. Ora a media dos salarios percebidos pela grossa massa da população trabalhadora—a unica que, S. Carlos áparte, faz a chuva

e o bom tempo na caixa forte das emprezas— regula entre dez e cinco tostões diarios, e comprehende-se que distrahir d'estes exiguos ganhos, duzentos réis, para uma entrada no circo, represente já um sacrificio, quanto mais pagar por 400, 500, 700 e 800 réis um logar de platea, que tanto custa por uma noite d'espectaculo, o mais vulgar dos nossos theatros de drama e d'opereta. Ha, é certo, n'uns recantos escusos da sala, logares mais em conta, mas tão mal illuminados, tão tristes, tão degradantes, que frequental-os é quasi abjecção: não se vê nada, as palavras dos actores chegam diffusas, a scena vê-se d'escorço, e o espectador está alli constrangido, mal sentado, asphixiado, entre os seus companheiros de martyrio! É reparar por exemplo no gallinheiro e na geral de D. Maria, nos *dessous de balcon* do theatro da Trindade, devididos por grades, das *zonas ricas*, accentuando humilhadoramente, no golpe de vista geral da platea, o seu destino d'estabulo, de coio, d'albergue da gentalha, e por isso mesmo contundindo o orgulho, tão melindroso sempre, das classes subalternas. A verdade é que afóra os circos, não ha em Lisboa theatro onde o povo tenha

um bom logar. Ninguem fez conta com elle, e o mesmo theatro onde mais conviria que o povo fosse, o theatro de D. Maria, fechou-lhe as suas portas, acabando com os beneficios, que lhe facultavam a entrada por meios preços. Tantas vezes se tem fallado na construcção de theatros populares, grandes salas ligeiras, em ferro e alvenaria, com plateas-*fumoirs*, proscenios amplos, jardins de jogos, corredores de tombola e salas d'exposições, onde por um tostão o operario tivesse a sua noite alegre, e se sentisse o rei, vendo qualquer bailado, opera bufa, comedia-charivari, ou drama historico de grande *mise-en-scene*...—tantas vezes se tem fallado n'isto!—e nenhuma iniciativa audaz inda surgiu para meter hombros este lucrativo, quanto cavalheiroso emprehendimento! Ha vinte annos que estamos a construir e a desmanchar theatros, e ha vinte annos que architectos e emprezarios collaboram na melancholia negra da nossa raça, encafuando o publico em salas d'espectaculo lugubres, mal pintadas, mal illuminadas, com ressonancia e correntes d'ar, uns verdadeiros poços, onde é supplicio estar vinte segundos. Digam-me de theatro onde haja um fresco ou decoração d'ar-

tista verdadeiro. São barraquinhas ridiculas, defeituosos gaiolins com boqueirões de sombra nos camarotes, sobreceus de nuvens pardas, e papeis de forrar casas, baratos. Tirante D. Maria e S. Carlos, cujas salas d'espectaculo guardam, sob os oiros fanados, uma tal ou qual harmonia architectonica, o resto é deploravel, e cheira de longe a fallencia e a tasca que tem diabo!

Segundo ponto — o publico prefere em geral os espectaculos comicos, aos serios, e sem duvida é necessario transigir com elle. Mas descriminando primeiro qual esse publico seja, e fazendo a critica dos impulsos intellectuaes e moraes d'aquella preferencia. Eu sei por exemplo que toda a pequena burguezia que faz de seis a dez horas de trabalho diario, em espaços confinados, escriptorios, balcões, secretarias, depois de jantar, chegada a noite, o que deseja é divertir-se e tomar ar.

Para ella está pois indicado o espectaculo de circo, com o seu ambito formidavel, a arena, os ouropeis, as luzes, o tumulto, e liberdade inteira de posição, de conversação

e *toilette*. E estão-lhe indicados tambem os theatros de revista, comedia-farça e opera comica. É ella o publico do Gymnasio, dos Colyseus, e da Trindade; e o theatro preferido será aquelle que offerecendo-lhe espectaculos de movimento, ao mesmo tempo lhe consinta a mais completa e desabusada *nonchalance*. Dar a um tal publico comedias preciosas, litteraturas de requinte, dramas de sentimento e lacrimejo, é obrigar a pensar esses cerebros vegetativos, cuja fadiga é já grande, á noite, por todo um grande dia de trabalho. Certo, este typo d'espectador é incapaz d'um prazer de pura arte. Não comprehenderá as finuras de frase, a subtileza das analyses psychologicas, a audacia de certas ironias e de certos paradoxos. Mas em compensação tem outros predicados, que nem por serem rudimentares, desprezaremos.

No seu espirito ha por exemplo uma curiosidade vivissima pelo entrecho, uma lucida critica da coherencia dos dialogos, e uma percepção arguta e ironica das allusões e pilherias que vão direitas a alvo certo. Toda a obra de theatro que lhes consiga afiar estas arestas, pôr em secreção estas faculdades, será inevitavelmente coroada de successo, o mais ligi-

timo, porque lisongeando as aptidões cerebraes d'uma grande massa, corresponde *ipso facto* a uma necessidade contemporanea.

O que é uma peça — de costumes, suppômos — que agradou? É a fixação n'uma obra litteraria, da media d'opiniões do publico para quem a peça foi escripta.

Os escriptores de farça e de comedia teriam portanto farta monção d'applauso ás suas obras (caso existissem, e fizessem escola) escrevendo comedia e farça de puro travo nacional — unica litteratura que entre nós, depois do drama historico, poderia ser inspirada n'um riquissimo filão tradiccional. Não existem, sei, de maior folego, e os poucos cultores anodynos do genero, uns preferem copiar os *imbroglios* francezes, a beber nas legendas comicas do povo o entrecho d'uma composição caracteristicamente portugueza, emquanto outros exorbitam do papel de satyricos para o d'eroticos, e descambam da facaceia, por uma exploração torpissima, na libertinagem crua e estupida, o que é o caso dos nossos escriptores de *Revistas* e *Apropositos*.

Pensará talvez alguem que eu, fixando esta necessidade de rir que tem a turba, julgue a mis-

são do drama finda no theatro, e ache os espectaculos d'imaginação, como a magica, o bailado, e as mimicas d'apparato, apeados da importancia que haviam antigamente? Por certo não. E a prova de que ainda ha publico, por exemplo, com sensibilidade prestes a vibrar das representações dramaticas que bolem, como diria o Cristovam de Sá, *com os grandes sentimentos,* está nos beneficios do Principe Real, cheios á cunha, d'espectadores de blusa e chapeu largo, nas ovações delirantes que toda essa gente faz ao Alvaro e á Amelia Vieira, e emfim nos apupos verdadeiramente indignados com que em certas peças é recebido o actor Costa, habitualmente investido dos papeis de tyranno e de cynico, n'aquella casa d'espectaculos. Estudem a par d'isso a sala de D. Maria, aos domingos, sobretudo indo drama de guarda-roupa e situações excepcionaes. É o mesmo palpitante interesse e a mesma expontaneidade d'emoção, temperados, claro está, por uma prudencia de manifestações externas, em harmonia com a educação e a indole dos espectadores d'esse theatro. Que gente assiste ao Principe Real e ás recitas do domingo, em D. Maria? Um publico certo e sempre o mesmo.

Na primeira sala, o operariado que lê romances d'aventuras, que faz parte de *sol-e-dós* e sociedades dramaticas, que exprime á guitarra, pelo fado, o atavismo sentimental das humildes gerações d'onde procede, e que finalmente nos comicios da Torrinha, faz ovações ao Magalhães e ao Arriaga.

Na segunda sala, a burguezia rica ou remediada, commercio em grosso, mercadores, fabricantes, homens de capital á antiga portugueza, gente que tem o seu domingo e que o aproveita, de tarde, a passear em trem da companhia, com a familia — á noite, a assistir a algum espectaculo moral, que sendo possivel, *ensine* alguma coisa. Nos frequentadores d'estas duas plateas encontraremos sem difficuldade, virtudes identicas, e necessidades d'espirito approximadas. É a mesma castidade profunda de habitos e d'instinctos, e junto a um grande serio da vida moral, uma inteira simplicidade de coração. Em ambas, o espinho romantico que dizem picar o calcanhar da alma lusa, a cada instante as precipita na allucinação sentimental, e porque ambas guardaram pela vida de trabalho, uma frescura d'impressões quasi infantil, eil-as irmãs nos gostos d'arte, a platea de pa-

trões e a platea d'operarios, promptas ambas a se deixarem empolgar por um quarto acto onde o tyranno apanhe a sua conta.

Ahi temos nós já por consequencia, para os espectaculos de ribalta, dois publicos certos, um que se quer divertir, outro que se quer impressionar. E estes dois publicos, *cujas necessidades artisticas são fixas*, com toda a certeza sobejam para fazer prosperar na nossa cidade, theatros de drama e theatros de comedia.

... porém todas as companhias se queixam de ter as suas salas ás moscas, e dos Colyseus lhes roubarem espectadores.

Deve então haver uma razão venal, uma razão organica e profunda, que desvie toda essa gente de prazeres para que ella sempre teve receptividade e preferencia. Pois o publico amador de comedias recusa-se em massa, subitamente, a frequentar theatros de comedia? Pois o publico amador de violencias dramaticas, recusa-se em massa a frequentar theatros de drama? E vae aos cavallinhos, e vae aos palhaços! Hum! Conheço a multidão de mais, para julgar que ella abdique assim de gostos hereditarios, só porque veio a Elvi-

ra Guerra para o Colyseu velho, e vieram quatro elephantes para o Colyseu novo. Não! as razões são outras. E vou continuar a esminçal-as.

*4 de Novembro.*

Já fallei dos logares cáros, mal situados e incommodos. Vamos agora ao estado da arte e dos artistas. Se lhes parece, começo pelas peças, reservando para a girandola final os interpretes e os criticos. Todos sabem que não temos litteratura dramatica, e que da meia duzia d'originaes portuguezes que sobem á scena annualmente, pouco ou nada se destriça, capaz se archivar como obra d'arte. Em toda a linha, vive o theatro portuguez de traducções, escolhidas não sob o ponto de vista do gozo esthetico que proporcionam ao publico, mas sob os respeitos d'escandalo pornographico, de palpite financeiro, ou então por contarem um ou outro papel que lisongeia os dotes de tal ou tal comediante. É o reportorio francez habitualmente aquelle que mais pruridos d'adaptação scenica desperta aos traductores, po-

dendo-se dizer que não ha peça de voga em Paris, que não venha a Lisboa, em edição barata, tentar vida. N'essas peças, como em todas as obras originaes, ha uma parte typica, intraduzivel, que lhe é alma, e que por sua natureza intima só póde ser gostada pelo publico indigena para quem foi escripta *(a)*—no caso supposto, o francez—parte que falhando na versão, falseia por força o intuito e o merito da obra: e ha finalmente outra parte, cosmopolita a commum, de comprehensão estensivel ás plateas de todos os povos, onde por via de regra só conflagram elementos artisticos de cathegoria subalterna, como sejam os artificios mechanicos do enredo, certas passagens comicas mais sal, etc., etc. Tomémos para exemplo as comedias de Labiche. A platea franceza verá n'ellas, apar do *embroglio* habil, finas e

---

*(a)* Quand on désire pénétrer dans ses sources profondes une œuvre dramatique, il faut tout d'abord se demander pour quel public elle a été composée . . . Le but de l'ecrivain de théatre, est d'imposer à l'attention de deux mille personnes réunies dans une salle, une peinture de moeurs ou de passions. *Mais quelles moeurs, sinon celles que toutes ces personnes connaissent?*

*Paul Bourget.*

joviaes exhibições satyricas da pequena burguezia de Paris; a platea portugueza porém, desconhecendo o meio em que essa burguezia espatina, só está habilitada a apreciar n'aquellas peças, o embroglio, precisamente a parte commum do theatro de Labiche.

Sóbe o valor da obra dramatica? Ascende-se de Labiche, a Augier e a Dumas filho? Cada vez a parte intraduzivel é mais forte e indispensavel ao computo critico do *ensemble,* e cada vez o espectador portuguez está pois mais longe de saborear da peça, o que ella precisamente tem de raro e finamente original. Certo, o *Demi-Monde* agradou á platea de *lidos* que foram ao Principe Real escutar Lucinda Simões, mas attrahidos uns pela graça picante da actriz — os femeeiros — outros pelo paradoxo litterario de certos dialogos — os litteratiços — e que eu saiba, nenhum por curiosidade scientifica perante a pathologia social de que essa comedia estranha é capitulo e rezumo. A conclusão é a seguinte. A quazi totalidade das traducções servidas ao publico pelas emprezas dos differentes palcos de Lisboa, fallece de condições ligitimas de successo, visto como ella nas suas linhas maximas não

falla á sensibilidade moral, ás convicções, ás luctas e ás curiosidades que agitam a consciencia nacional. É um theatro a que se não prende nenhuma forte corrente de vida indigena, e que apenas se liga a nós por um encanto episodico d'instante, como sejam a verve de certos dialogos, o imprevisto de certos lances, o jogo scenico d'um actor estimado, as *toilettes* d'uma actriz, ou emfim, quem sabe lá? o portuguez macarronico da traducção.

Os ultimos annos de litteratura dramatica franceza tomaram a lei do divorcio para assumpto e mola real de centenares de dramas e comedias. Foi a these obrigada de jocosos e d'analystas, e as hypotheses mais extravagantes serviram d'escora no theatro, á famosa questão, que se por um lado ameaçava a integridade do lar e da familia, era necessaria por outro á ligeireza d'alma dos francezes. O divorcio não extravasou porém da lei parisiense; de sorte que as comedias e dramas que o tomaram por base, e que em França tinham um valor seguro de controversia, só podiam ser apreciadas por nós, como anedocta — o que não impede os traductores de nos conti-

nuarem a dar divorcio ainda hoje, com Beatriz e com Amelia da Silveira, com Lucinda e com Pepa, que até admira não ter a coisa instigado os cabrões da magistratura, a introduzirem no nosso codigo, aquella concessão separatista.

Não se exagere entanto o sentido critico das minhas palavras. Eu não tenho em vista negar o valor de muitas obras dramaticas que a traducção nos importa do estrangeiro, especialmente sabendo que não ha originaes a contrapôr-lhes. Friso só isto: o valor da obra litteraria diminue com a transplantação, de nove decimos, e considerado o theatro um logar de cultura para a multidão que não lê e pensa pouco, o decimo de suggestão artistica e philosophica que fica, nem vale o preço que custa, nem tão pouco o tempo que leva a absorver. Mais: a lingua fallada n'essas obras é uma coiza aparte, já pela porção da leitura anterior que presuppõe, já pela estranheza inteiramente exotica e anti-portugueza da estructura. Á uma, os traductores officiaes dos nossos palcos, sempre os mesmos, assegurando-se primeiro da benevolencia dos jornaes, raro é que ponham n'aquelle seu ganha-pão, gran-

des purismos, que nem a educação litteraria lhes pede, nem a mercenagem da tarefa lhes comporta. Á outra, a natureza essencial dos personagens de muitas d'essas peças, exige que elles, estrangeiros por sangue e por caracter, nem por um instante percam o sutaque d'origem e deixem de fallar francez, mesmo em portuguez, só porque á ultima hora o Segnier ou o Gervasio foram a Paris engajal-os, para a colonisação dos palcos alfacinhas.

Entre o traductor e o auctor, dar *fauteuil* ao *arreglador,* um grande typo! Faltam-lhe talvez recursos creadores, mas nem por isso os seus pruridos d'auctor são menos vivos. Acha que traduzir é uma habilidade apenas infima, e incapaz de produzir por si, eil-o se lança a abocanhar no que é dos outros.

Para este homem todas as peças estrangeiras parecem crivadas de defeitos. Então emenda-as, cortando aqui, juntando além, até que o todo ganhe a seu vêr, uma physionomia artistica apresentavel. Chama elle a isto, *arreglar.* Ha verbos gajos! Emfim, lá sobe a peça á scena. Dos bocados bonitos diz o *arreglador:*

são meus. Agora os bocados massantes, nunca se esquece d'explicar que são — do outro.

*6 de Novembro.*

Os originaes.

O divorcio entre os homens de lettras e a vida nacional é cada vez mais profundo e irrevogavel, porque mercê da sua educação estrangeira, do baixo nivel mental que os caracterisa, os homens de lettras ou derivam na imitação servil das obras que amam, ou fazem obras que pela falta d'opportunismo e de seiva, não conseguem captar grandemente as curiosidades da multidão. Vejam-se as gerações litterarias actuaes.

Os escriptores que pensam e escrevem portuguez, não teem talento. O resto, apezar dos seus recursos, gallicisma e escabeceia. A educação geral é deploravel, e a profissão litteraria, passando a ser um logar de passagem para a burocracia, tornou-se n'uma especie de vadiagem encoberta, para onde o transeunte deita olhares obliquos, e onde só se demoram os incorrigiveis de qualquer outra vocação.

*

Resulta d'isto ser a litteratura feita por curiosos, mercê das exiguidades de salario, e da perfeita abjecção que é viver consagrado ao mester de plumitivos. A consequencia natural d'esta gafeira é os homens de lettras d'officio liquidarem, por falta de procura e d'estima publica, em baixas locubrações servis, para comer, como sejam fazer diccionarios, traducções de compendios, e livros pornographicos, e é a arte ser exercida, nos intervallos da repartição, por uns estheticos sonambulos, que aos prelos trazem as mazorrices fundamentaes da manga de lustrina.

De sorte que ás insufficiencias hereditarias que sempre fizeram de nós, como povo litterario, uma ramificação somenos do espirito europeu—insufficiencias d'imaginação, de graça espiritual, de *savoir faire*—juntam-se agora todas as deploraveis ignorancias e obsecações da epocha moderna, sendo no theatro onde a nossa lazeira artistica mais frisantemente se patenteia. De feito, não temos peças que valham, porque mesmo quando lá fóra o theatro estava em plena efflorescencia, nós nunca soubemos encontrar n'este ramo a formula artistica condizente a genio da nação. Sem du-

vida houve tentativas avulsas, com Gil Vicente, Antonio José, Garret, e poucos mais, mas são ovulos estereis d'arte, que o talento dos contemporaneos não choca, e que pelo tempo fóra jámais conseguiram propagar-se. A verdade é que das quatro fórmas d'imaginação capazes d'impulsionar a arte do theatro, a forma dramatica, a forma romanesca, a forma humoristica, e a forma poetica, nós possuiremos quando muito, a ultima, e n'um grau de sonho, antagonico da *acção* requerida pela litteratura de proscenio. Emquanto essa imaginação poetica bastou á illusão das plateas, e foi de molde aos principios d'escola a que a litteratura dramatica obedecia, inda ha trinta annos, lá podémos dar no theatro uma ou outra notula artistica aceitavel, e ahi estão peças de Mendes Leal, de Ricardo Cordeiro, de Chagas, etc. que dada a cultura litteraria do tempo, não deixam em mau pé a minha observação. Entra-se depois no periodo moderno, e como é a sciencia a ideia mãe que predomina nas differentes applicações da intelligencia, não póde a litteratura d'esse periodo deixar de ter uma caracteristica scientifica. O gosto da annotação exacta entra portanto na obra dos es-

criptores contemporaneos — fallo agora só dos estrangeiros — que assim approximam da sociologia o romance de costumes, e da psychologia o romance d'analyse. Como o theatro foi considerado sempre uma pintura viva de caracteres, pareceria que elle devesse acompanhar n'este novo periodo, as outras expansões da arte d'escrever. Mas não tem succedido assim. Entre os escriptores de livro e os escriptores de palco, uma divergencia medeia, intransponivel, e a evolução scientifica que fez do romance a mais triumpante expressão litteraria do nosso tempo, ao topar o proscenio estacou, e não foi além. *(b)* D'aqui tem vindo escrever-se que o theatro é uma escola morta, uma arte mumifeita, que está a viver de recordações e de curiosidades, e cujo ambito não cor-

---

*(b)* «Le théâtre, lui, est allé se rétrécissant de plus en plus, multipliant á l'infini les combinaisons d'un tout petit nombre de types une fois découverts. M. Dumas fils mis á part, comme un novateur que nul n'a suivi, tous les autres auteurs n'ont su, avec cette forme rebelle, qu'établir des œuvres de psychologie moyenne, comme le *Gendre de M. Poirier*, ou qu'aboutir á des soutenances de théses e á des escamotages de scéne . . .»

*P. Bourget.*

responde mais ás necessidades artisticas da epocha.

Se isto é prophetico, não sei. A persistencia do theatro na phase romantico-caduca de ha trinta annos, emquanto as artes similares fructificam e sasonam em pleno naturalismo, póde ser apenas uma paralysia *á frigore*, temporaria, sem causa atrophica incuravel, e resultante talvez d'uma baixa intellectual que póde ser remida pelo apparecimento d'uma camada nova d'escriptores, e tambem um pouco das difficuldades d'adaptação, passageiras, dos novos methodos d'escrever, á litteratura de theatro, que quando bôa é a mais melindrosa e artificial que se conhece.

Transporte-se agora o sentido das considerações que vem de lêr-se, da litteratura dramatica estrangeira, para a nacional. Eu já accentuei a divergencia mortal que existe entre os nossos homens de lettras, e o publico; já insinuei que nenhum de nós, escriptores contemporaneos, tem a faculdade d'apaixonar a gente que nos lê, porque sobre pouco perspicazes, somos ignorantissimos, e quazi todos

vivemos de reminiscencias francezas, e de leituras de *commis voyageur* e de *cocotte*. E mais escrevi, que das imaginações requeridas para o theatro, só possuiamos a poetica, e essa com um caracter de dormencia pouco adaptavel á energia d'acção que a litteratura dramatica reclama. Hoje mais do que nunca o theatro requer vivacidades que nós não temos, e uma intensa vida psychica de que a nossa preguiça cerebral nos prohibe de ser interpretes. Romantica ou experimental, toda a peça de theatro carece d'impeto, de concisão faiscante, e d'implacavel logica. Nem uma scena a mais, no conjuncto das que a carpinteria do *metier* impõz á rapida evolução de todo o entrecho. Nem uma palavra a mais do que as necessarias ao desenho incisivo dos personagens. É um problema d'algebra social que se resolve. *(c)*

---

*(c)* « . . . l'invention et l'imagination étant inutiles au théâtre, la qualité que Dumas fils estime par-dessus toutes, celle aussi qu'il a au plus haut degré, c'est la logique. Réaliste par le choix de ses sujets et par la franchise avec laquelle il les traite, il ne fait aucune concession au réalisme dans tout ce qui relève de la composition dramatique. Les théoreciens de je ne sais quel «théâtre natura-

Arreda pois com as divagações e as phrases vagas! E agora digam-me: é esta uma arte em que o escriptor portuguez possa brilhar? Queiram espalhar a vista em de redor. Onde um homem d'acção, entre os que escrevem para a scena? Somos todos apathicos. As difficuldades da vida, o sedentarismo anemico, a preguiça do clima e o scepticismo risonho dos costumes, transformaram, em quatro seculos de decadencia historica, os portuguezes indomitos d'outr'ora, n'uns molluscos

---

liste» lui reprochent de mutiler la réalité pour l'enfermer dans un cadre artificiel, de construire ses piéces comme des théorémes, de monter, ainsi qu'on fait un ressort d'horloge, des personnages qui marchent, agissent et parlent en automates... Mais, si la vérité ne peut être absolue, il faut que la logique soit rigoureuse, et nul auteur dramatique n'a été plus implacable logicien que Dumas. Pourquoi donne-t-il le conseil de ne commencer sa piéce que lorsqu'on a la scene, le mouvement et le mot de la fin? C'est parce qu'il considere cette fin comme un but que l'auteur doit poursuivre dés le commencement. Au départ même, il a les yeux fixés sur le point d'arrivée; il va droit son chemin avec une rectitude inflexible sans se permetre jamais ni halte ni detour. Ce qu'on appelle sa brutalité, c'est sa logique même.»

*Georges Pellissier.*

timidos e doces, n'uns seres de contemplação e reflexão, n'uns homens que perderam a sombra, e que a procuram, olhando constantemente para traz. Pesa-nos sobretudo a consciencia de que o nosso reino já não seja d'este mundo. E com isto, a energia foi-se, na vida do corpo como na vida do espirito, na circulação do sangue como na circulação das ideias.

Somos como uns animaes domesticados, uns seres de habitos certos, com horario p'ra tudo, e faculdades que duvidam, e hesitações e visões que hypnotisam.

É esta a razão porque d'entre todas as fórmas litterarias, decahidas em Portugal, presentemente, só o poema lyrico conserva uma certa fragrancia de flôr fina, pois que elle é a unica que póde servir d'expressão ao nosso hamletismo ondeante de hoje, e que se compraz co'as meias tintas de sentimento e sensação que nos agitam.

O que ha-de então succeder? Ha-de succeder que todas as nossas tentativas dramaticas falharão, e que nenhuma póde ficar archivada como um solido specimen de genio litterario portuguez. Aqui e além, nos intervallos da madorna, o espirito publico inda desperta, é

certo, em esfusiadas d'ironia, e se fossemos a recolher do filão humoristico da turba, a dose de *charge* em que ella irrompe ás vezes, contra quem lhe sonega a felicidade, haveria materia em barda com que escrever comedias deliciosas. Mas os nossos escriptores de comedia cada vez estão mais longe da alma publica, e por demasia occupados a *arreglar* do francez, p'ra que algum se lembre de vir encher o seu cantaro, ao manancial do riso indigena. *(d)*

Passando da comedia ao drama, a colheita é safara ainda, e as causaes da sua decadencia permanecem, como para aquella, intransmutaveis. É a mesma escacez d'aptidões nativas, sublinhada pela mesma ausencia de cul-

---

*(d)* Não perco esperança de ainda n'este mesmo logar estudar o humorismo critico do nosso povo, depois que tenha recolhido elementos completos para um quadro.

Os que se permittem sorrir quando lhes digo que n'um caffé de *lépes,* aos sabbados, ha mais senso comico e caricatural do que o que n'uma quinzena se recolhe, por todos os centros litterarios de Lisboa, reconhecerão depois como é justificada a minha preferencia por esses *rendez-vous* de plebe que rifoita, e cuja larga improvisação não fede ás anedoctas do jornal francez lido na vespera.

tura litteraria e philosophica. Aqui vem juntar-se ás qualidades negativas da raça, todos os prejuizos que uma errada educação junjiu ao mester d'artista e homem de lettras. Para a factura do drama, nós não possuimos sequer a habilidade mechanica da intriga, isto que os entendidos chamam a *imaginação dos espaços*, que é o poder d'evocar as taboas do proscenio no momento de se estar realisando a obra dramatica, e assim o de regular as idas e vindas, as entradas e sahidas das figuras, a architectura dos grupos, e a distribuição symetrica das scenas, pelos actos de sorte que, como diz Dumas filho n'um prefacio, a marcha da peça seja «uma progressão mathematica que multiplica a scena pela scena, o lance pelo lance, o acto pelo acto, e que se chegue ao desfecho, como a um producto inexoravel e fatal.»

Tam pouco nos podemos gabar da *imaginação dos sentimentos*, esse supremo dom de creação psycologica, que faz com que o romancista ou o dramaturgo encontrem sessenta ou setenta formulas differentes para expressão pictural d'um mesmo sentimento ou movel d'acção interior. Por exemplo, as amorosas de

Dumas, no fundo filhas do mesmo sentimento impulsivo, comtudo travestem entre si expressões dramaticas antipodas. Balzac tem na *Comedia Humana* seis ou oito avarentos, cuja revestidura exterior lhes tira o parentesco. Qual é ahi dos nossos dramaturgos que *veja* um caracter, ao tractar de pôr em scena um manequim? Basta analysar o dialogo d'uma peça portugueza, para se advir na completa nullidão d'essa litteratura de cordel. Ou esteja em scena uma adultera ou uma virgem, um industrial ou um embaixador, é sempre o plumitivo quem falla por traz dos seus fantoches, em termos dos actores poderem trocar os papeis, fazer a adultera d'embaixador, e o industrial de virgem, sem que a catastrophe final perigue, ou a verosimilhança da acção soffra enxovalhos. A par d'estas irremessiveis lacunas, todas as que já citei um pouco atraz. De não termos imaginação dramatica (teem reparado que eu chamo a tudo *imaginações*. A palavra não faz, e se lhes aprouver, substituam-na) resulta incorrermos não só na incapacidade de carpintejar o entrecho d'uma peça, como disse, mas ainda na de nos faltar lucidez para intrometter figuras concebidas

n'um proposito de satyra ou de thése (pois que eu não comprehendo dramas de simples passatempo) nas trez ou quatro scenas mães d'essa obra dramatica, isto sem as falsear da sua psychologia originaria.

O que ha-de pois resultar?

Resulta que se juntarmos ao que fica dito, o facto de muito pouca gente entre nós, escrever prosa limpamente, e de ninguem ter na phrase a maleabilidade, a magia gravada, a côr justa, a aresta, requeridas para a photographia d'uma alma, atravez o dialogo scenico, teremos de nos desilludir quanto á possibilidade de ainda vermos a litteratura nacional na conquista do drama contemporaneo, do drama d'analyse, da vivisecção social sangrenta e palpitante, d'esse drama para que o periodo scientifico moderno inda não soube achar em França a formula precisa, se bem que haja vestigios d'ella já na *Parisienne* de Henri Becque, na obra de Dumas filho, e n'uma ou n'outra comedia d'Augier. *(e)*

---

*(e)* Propositalmente me eximo á citação das ultimas peças portuguezas d'este genero. São pueris tentativas que só servem a dar justificação ao que escrevi.

# AVISO

Mas por desgraça nossa o espaço acaba, e porque a questão seja frisante, e não convenha deixar passar nem um só dos seus quesitos, reservamo-nos fechal-a no proximo fasciculo, pela conclusão das nossas notas a respeito do drama lyrico e do drama historico, e por um inquerito meudo ao jogo scenico dos actores, e aos processos da critica jornalistica.

---

Terão quando muito, n'um circulo d'intimos, quero crer, valor de curiosidade local, elogiavel; mas não interessam. O publico quer obras que lhe saccudam os nervos, que lhe sirvam p'rá vida, que lhe deem sobre alguma das questões contemporaneas, a opinião que ninguem se atreve a dizer, e que no entanto elle sente fluctuar no ar da epocha. Obras emfim que lhe sejam tão necessarias ao espirito, como o vinho e a carne o são p'ro corpo. O *qu'est-ce que cela prouve?* d'aquelle espectador da *Alhalie,* continua a ser o carrasco feroz d'estes escriptores especiaes de peças abstractas.

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 21 — 29 de Novembro de 1890

## SUMMARIO

A CRISE THEATRAL — CONDENSA-SE O QUE FICOU DITO NO NUMERO ANTERIOR, E APPLICA-SE A RESENHA AOS ESCRIPTORES DE DRAMA HISTORICO — PREFACIO DO *Cromwell*, SANTO PATRONO DOS NOSSOS POETAS DRAMATICOS — A DRAMATURGIA HISTORICA NA EDUCAÇÃO DA PLATEA PORTUGUEZA — QUE MINA D'ASSUMPTOS TRAGICOS E COMICOS É A HISTORIA DE PORTUGAL! — EM QUE SE OFFERECE AOS POETAS DE TALENTO, ALGUNS PLANOS D'OBRAS DRAMATICAS, E SE PROHIBE AOS POETAS CHILROS DE TOCAREM NO GRANDIOSO D'ESSES PLANOS — O QUE FALTA

AOS NOSSOS POETAS DRAMATICOS; PREDICADOS GERAES, E PREDICADOS PARTICULARES — I, ERUDIÇÃO HISTORICA, DE CARACTER PROPRIAMENTE ARTISTICO — II, VISÃO DO REAL EPICO — III, FALTA D'ESTYLO PROPRIO DOS ASSUMPOS, E INHABILIDADE DE COMMOVER E D'INTERESSAR.

*10 de Novembro.*

Póde ser que o leitor inda se lembre do que no numero anterior dissemos, a respeito de dramas e dramaturgos portuguezes. Tinhamos assentado em que falleciam nas nossas gerações contemporaneas absolutamente os requisitos que a litteratura dramatica demanda, começando pelos congenitos, e abrangendo depois todos aquelles que a educação litteraria e philosophica póde dar. Tinhamos dito por exemplo que o theatro era uma litteratura d'acção, e que havia no caracter portuguez demasiadas quebreiras e hesitações para o dispendio da energia nervosa que essa litteratura está pedindo. Tinhamos dito que era uma litteratura d'analyse, tanto mais fina quan-

to mais perto estavamos da phrase moderna, e que nenhum dos nossos dramaturgos possuia a imaginação dos sentimentos. Tinhamos dito que era uma litteratura d'*enredo,* e que nenhum soubera ainda desenhar com nitidez, o plano d'uma peça, sob os respeitos d'um entrecruzamento de scenas que economisasse factos e personagens, sequestrando a obra quanto possivel das unidades de tempo e de logar, e substituindo na acção, a escolha reflectida da arte, á aventurosa prodigalidade da natureza. E pondo em evidencia por ultimo, as qualidades de concisão e abreviação que toda a obra de theatro requer, para ser fulminante sobre o publico, explicámos—confusamente embora—que a qualidade discursiva e superabundantemente rethorica dos homens de lettras portuguezes, os inhibia de juntar este requisito aos demais, citados já: defeitos estes que ainda se agravavam pela falta de estylo, e por um deploravel afastamento de todas as coizas que podessem bolir com os interesses, affectos, e propensões naturaes da multidão.

Todas estas lacunas inhibiam por consequencia o theatro portuguez de se lançar no

drama experimental, que Dumas filho prosegue, ha longos annos. Vamos agora ver o que se passa dos lados do drama historico e do drama lyrico, de que toda a gente por lá se acostumou a saudar a *reviviscencia*. Este genero de drama, pela maneira porque usa entre nós ser encarado, é filho adulterino do *Ernani* e da *Torre de Nesle,* e primo c'o irmão do *Severo Torelli* de Copée, e do *Drama Novo* d'Echegaray. Deriva do prefacio que Victor Hugo pôz no *Cromwell* em 1827, e participa, é natural, das pretensões sob que o romantismo faz a sua entrada em bastidores, isto é, declarando-se «o liberalismo na arte» e dando a sua palavra de honra em como vinha «sobresaltar as multidões, e alanceal-as nas suas mais intimas profundezas.»

Poucas formas litterarias conheço tão capazes como esta, de levar empóz si o publico portuguez, se os dramaturgos e poetas que a cultivam, sabido houvessem, por via da arte, enraizar a paixão da historia (isto é, o passado) no coração d'um povo, que sem futuro, é para o passado que se volta a cada instante. Para mais, a historia portugueza é um inexhaurivel jazigo de minerios preciosos, um

mundo emocional riquissimo, onde todas as fibras da alma humana poderiam achar seu excitante, das poeticas ás perversas, das epicas ás grotescas—e todo este colossal montão de gemmas e carbunculos, isolado no campo, á espera de mineiros e lapidadores shakespearianos que talhal-o saibam, resuscitando na alma de cada joia a porção de *ai-dela* que todos os cyclos heroicos encerram!

Que tragedia não tiraria um artista de genio, por exemplo, da lenda de Ignez de Castro, visionando-a á luz de faculdades psychicas bem robustecidas d'erudição historica, e dos segredos essenciaes do *metier!* Que estupendo drama se arrancava da jornada d'um galeão portuguez, de volta da India! E da vida do rei D. Fernando I, da vida do infante D. Henrique em Sagres, locubrando navegações e sciencia geographica, indifferente ás lucfas da politica intestina — da mocidade de D. Affonso V, das vidas de Damião de Goes, de Gil Vicente, de Camões, de D. João II e de D. João III, do cardeal rei, do prior do Crato, de D. Sebastião e de D. Miguel, quantos magnificos quadros de côrte politica e aventureira, de vida tragica, de destino amoroso, d'intriga jezuitica, de he-

roicidade e de canalhice, soterrados na meia luz cryptogamica dos chronicons e dos banaes panegyricos, por carencia de escriptores que desdenhando a gloriola annual d'uma peça mascada a correr, em alexandrinos occos, pelos actores de D. Maria, se atirassem furiosamente á compulsa da sciencia historica, mergulhando annos de vida nos archivos, e forjando emfim os seus effeitos theatraes n'uma desesperada procura do epico real, sangrento de humanismo, latejante de febre patria, que desbridasse largo a inercia publica, indo até ao amago da emotividade sentimental que dia e noite está a arder em nós, homens de nostalgia, como uma votiva lampada aos deuses idos! Ora, perante taes assumptos de quadro, uma restrictiva se impõe antes de tudo, e vem a ser, que quem entre nós houver d'abordar o drama historico, necessita primeiro de ter os recursos que eu venho de negar aos escriptores que se consagram aos outros generos, dramaticos, e necessita depois ter outros que eu nego desde já aos que se teem consagrado a este genero. Por exemplo:

I — Não se concebe um pintor de historia sem erudição historica, já não digo scientifica, mas d'uma natureza artistica suprema, que habilite o pintor a integrar os personagens do drama no meio social que elle evocou, e a fazel-os fallar e pensar ao tom da epocha. Não se comprehende o infante D. Henrique em Sagres, modelado pelo Luciano Cordeiro, na Sociedade de Geographia: nem Vasco da Gama chegando da India, a bordo da nau *S. Raphael,* modelado pelo Marianno de Carvalho, chegando de Moçambique a bordo do *Malange*. Fazer um drama historico não é dialogar sem criterio, tampouco, uma lenda de chronicons, e pôr-lhe por figuras manequins d'*atelier,* encabellados de postiço, e a dizerem de si mesmos —*Nós cá, homens da Edade Media!*.. Fazer um drama historico é alguma coisa como ir aos craneiros dos templos e dos claustros, aos palacios soterrados pelas convulsões dos terremotos, aos galeões calcifeitos pela salsugem dos fundos do oceano, aos armoriaes e aos archivos, e descriminar da poeira dos seculos, a porção de sustancia que ficou d'um certo cyclo. É amassar depois essa poeira, moldal-a em corpos, nos corpos fazer almas, que vol-

tem a soffrer e a amar como na sua passagem primeira pola terra. E esses corpos creados, vestil-os por maneira que elles nem um instante duvidem da contemporaneidade perfeita dos trajos que lhes vestiram, brocado ou ferro, capacete ou gorra de plumas... E essas almas creadas, sondal-as, perguntando-lhes as coisas que as lancinam, os amores que as banham, e as gloriosas violencias que as impellem. Vae, não ficar por aqui, porque isto só seria noblificar figuras, que mesmo vivendo em epochas heroicas, certo que deveriam ter manqueiras como nós, posto d'outr'arte. Isto só, seria sacrificar a realidade historica a esse ideal de harmonia nobre, pomposo e augusto, que domina a tragedia classica, esquecida. Não ficar por aqui! mas fazer o claro escuro dos personagens, forral-os dos vicios e dos ridiculos com que a historia os explica e faz humanos, apeando-os de deuses a homens, nos intervallos em que elles não forem dominados pelas paixões que os fizeram celebres. Vão dizer-me talvez que isto é o prefacio do *Cromwell* de Victor Hugo, junjindo o grotesco ao tragico, e suppondo que uma tal alliança bastaria para assemelhar a arte á vida. É o

prefacio do *Cromwell*, cujas grandes linhas fundamentaes continuam a ser ainda as taboas da lei do drama historico: é o prefacio do *Cromwell*, é, mas accrescentado pelas explanações d'Alfredo de Vigny, que exigia que «a acção dramatica arrastasse em volta de si, turbilhões de factos» e accrescentado mais pela aspiração critica de Sainte Beuve, que queria sentir no drama, «a multidão» e uma acção multiforme, com um vocabulario multiforme, e interesses e paixões tão complexas como as que se nos deparam na vida, a cada passo.

Isto dito, entreguemos assumptos da monta dos que se empilham na historia portugueza, aos dramaturgos roceiros que por hi há. A vêr o que elles fazem! Digamos aos contadores d'alexandrinos que por hi tragediam á historia patria, tergiversem um pouco da arte ephemera de fazer mover barbaças e peideiras, sob titulos de reis e de rainhas, n'um proscenio em cujos bastidores, fantoches somenos se encarregam de lhes dar as deixas, e de preencher os vasios d'uma acção dramatica uniforme e monocordia. Exijamos-lhes que nos deem heroes de carne e sangue, deificados embora pelas nebulosidades homericas da

legenda, almas que sejam a synthese do cyclo social dentro de que foram evocadas, tramas heroicos d'onde lampeje o espirito d'essas nossas epochas guerreiras, deboxadas, ou amorosas d'outr'ora: e apar de tudo a *humanidade* propria de cada typo, e essa justaposição do pequeno ao grande, emfim, que fez os personagens verosimis, e dá a illusão do real local, unica arte susceptivel d'ainda fazer delirar de gozo a platea portugueza.

Que! pois não acham que valeria a pena consagrar a uma missão tão bella, alguns annos de vida litteraria? Não acham que é obrigação da critica justiceira, o evitar que homens sem talento, nem estudo, abocanhem assumptos sobre que não podem ler visões grandiosas, resurgencias geniaes, e vivisecções historicas magnificas?

Não comprehendem que estragar com uma tragedia má, em seis mil versos rethoricos, um assumpto da pujança por exemplo do reinado do Cardeal, da vida do infante D. Henrique, d'Affonso o gordo, e de Pedro o cru, é um crime tão hediondo, á face da arte, como á face da justiça a libidinosidade que um falcinora d'estrada cevou n'uma creança? Mas quei-

ram olhar a serio para alguma d'essas peças historicas que D. Maria tem levado, depois do *Alfageme* e do *Frei Luiz*. Em prosa ou verso, com mais fogo ou menos fogo, mais brilho ou menos brilho, aquellas obras são—certas passagens do *Affonso VI* exceptuadas—como uns melancolicos frescos funebres, com figuras de lado, que teem as mãos espalmadas como as primitivas pinturas dos egypcios, o olho molle, a bocca hiante, tragicas e terriveis não do terror fatidico que exprimem, pelo que dizem, senão porque se diagnostica n'ellas o symbolo d'uma arte fruste, balbuciante, que quer fallar e não póde, que quer espavorir e cahe pr'o lado, á punhalada, ao urro, ao coice. Onde na *Leonor Telles*, a fusão de cavalheirosidade e de miseria amorosa, que devera ser o timbre do rei Fernando? Mas é um bonifrate piegas, esse typo! Onde a alma de cortezã astuta, finamente coleante, disfarçando as ambições thronicias sob apparencias meigas de bondade, que caracterisa na historia, a amiga do *formoso?* O mestre d'Aviz, na peça de Mesquita, é um boneco. Andeiro um canna rachada. E o infante D. Luiz, uma especie de Magalhães Lima que diz coizas com fatos d'en-

trudo. De roda das figuras principaes, nada que saiba á epocha. A côrte de S. Martinho é uma parceria d'amanuenses que vem a uma *soirée* de carnaval, vestida pelo Kruz. O povo, que representou no reinado de Fernando I um papel tão alta e significativamente preponderante, não existe na peça senão pela tirada do alfaiate, e por uns grunhidos que a comparsaria solta, nos intervallos em que se não coça nos sovacos. De sorte que o espectador sahe do theatro, dizendo comsigo:

— Se esta *Leonor Telles* dissesse antes o papel de D. Fernando, e D. Fernando o d'ella; se os versos componentes do papel do infante, passassem a ser papel do mestre d'Aviz, indo os d'este p'ra aquelle; se os homens da peça se encarregassem de declamar o papel das mulheres, e vice-versa, pergunta-se: a coherencia do drama seria perturbada, a tragedia historica mudaria? Resposta: não.

Agora mais! Transplantada a catastrophe da *Leonor Telles,* com todas as suas determinantes e accessorios, para outro paiz e outras figuras, o effeito geral da obra seria prejudicado nos seus primores de concepção? Resposta: não era.

Logo, em que diabo póde esse drama calafriar *exclusivamente* a platea portugueza? Logo, em que póde a litteratura dramatica, para que os jornaes insistem em pedir o auxilio publico, interessar de longe ou de perto as differentes camadas d'esse publico? É uma peça portugueza, que se póde passar na China ou na Inglaterra, e que portanto não é bem portugueza. É uma peça de sentimentos cavalheirosos, em que esses sentimentos não fazem bater o coração. É uma peça d'Edade Media, sem o menor vislumbre d'Edade Media; de monarchia portugueza, sem monarchas portuguezes; de patriotismo, sem calor patriotico, e finalmente, de litteratura, sem idealidades litterarias de maior hausto. Quero que me respondam: em que póde uma litteratura como esta, arrancar povo do Colyseu, para o metter em D. Maria?

II — Para qualquer genero de peças, é indispensavel possuir a imaginação dos sentimentos, dissémos. Accrescentaremos agora: para a factura do drama historico é indispensavel possuir essa imaginação em ampli-

ficado, o *vêr epico*, sem incorrer por isso no perigo de vêr falso. Evidentemente o meu empenho, pondo n'uma peça de theatro, Camões ou D. Sebastião, não será reduzir aquellas figuras albanaes personalidades contemporaneas, que procedam e fallem ao gosto charro do meu tempo, assim como não ha-de ser tambem represental-as na impassibilidade morta d'abstracções, como na tragedia antiga, em que os personagens não teem vida completa, parecem ignorar as necessidades materiaes, e ser insensiveis á dôr physica.

Mithridates, ferido, expira a dizer cento e cincoenta versos d'uma assentada, academicos todos, e calmos. É absurdo!

Comprehender-se-hia que um poeta fizesse morrer o heroe, por esta forma massante, n'uma tragedia ou drama historico, escriptos hoje? Esse Mithridates, como todas as figuras do theatro classico, não é um individuo, é um symbolo em que a paixão se manifesta no estado de força anonyma e insusceptivel de ser modificada pelo temperamento. No theatro classico, o drama falta ainda, a côr local é reputada inutil, não ha perspectiva aerea, e os personagens, spectraes, pegados n'um panno

de fundo, exprimem antes o terror que se passa no espirito da platea ingenua que os observa, do que propriamente o que resulta da energia da catastrophe em que elles se movem. Que querem? O convencional da tragedia bastava no seculo XVII ás necessidades d'espirito da multidão. Os tragicos d'esse tempo eram moralistas, como os dramaturgos do nosso são historiadores. Com o romantismo, a historia toma posse do theatro, e o schema critico que desenhámos sobre os topicos do prefacio de Hugo, do postulado de Sainte Beuve, e da profissão de fé de Alfredo de Vigny, parece ser hoje mais do que nunca, para o drama historico, a forma fixa. Certo, eu quero o real no drama historico, mas o real local, o real historico, o *real epico*, que faz os personagens humanos sem apagar de roda d'elles a photosphera poetica da lenda, que os apea da nuvem, certo, mas sem lhes roubar na perspectiva do theatro, o gigantesco. Livre-se o meu bondoso Lopes de Mendonça d'alguma vez me talhar Affonso d'Albuquerque, nas porporções do general Vasco Guedes — que o enforco! Fazer real na historia tam pouco seria emprestar ao amor de Pedro I as declarações emphaticas

d'um bacharel namorista, á caça de herdeira nos banhos d'Espinho; ou fazer d'Affonso IV, cumplice no assassinio d'Ignez, um magarefe estupido; ou dar a D. João II a estortegadura monotona d'um sanguinario d'officio, constantemente aos berros na scena, como um bruto.

Fazer real na historia é descortinar em cada figura as extremes linhas do caracter, justificar essas linhas por palavras e por actos, e sabel-as manter atravez de todas as situações dramaticas da peça, em termos que esse Pedro I, amante furioso a quando viva Ignez, seja o inicio psychico do singular allucinado que comboia o feretro d'ella atravez a campina deserta d'Alcobaça, pela noite, á chuva, entre as rezas dos monges e as tochas dos fidalgos — e que este espantoso viuvo, rei Lear do amor, mesmo depois da posse, explique ás mil maravilhas depois, pelos ardores epilepticos da paixão bramidora que o devora, o seu primeiro acto de rei, que é desenterrar a amante já corrupta, e fazel-a sagrar rainha pelo beijamão incondicional de toda a côrte. De roda d'este typo, sem egual na historia do mundo, e em que seria regicidio bolir, não se possuindo

o genio barbaro e rugidor de Shakespeare — fazer real na historia — é visionar os mais, com a mesma sagacidade epopeica e a mesma logica. N'aquellas epochas, o reino tinha os olhos sempre na fronteira. Castella era o pezadello commum de reis e de vassallos, e o amor da independencia, que vinculava a corôa ao amor submisso do povo, o grande zelo indomito que fazia heroes dos fracos, e guerreiros titans, de todos os pygmeus. Ignez de Castro pois, hespanhola de sangue real, prendendo o coração do infante, constituira-se por isso n'uma ameaça futura à autonomia do reino: logo, cumpria afastal-a — era a razão d'Estado a exigil-o — e os portuguezes com quem Affonso IV decidiu em conselho o assassinio da nôra, longe de deverem ser explicados pelos dramaturgos, como faccionoras mal pagos, acho que os devamos (pelo menos na arte) noblificar como dedicados e cegos patriotas. Eis por consequencia ahi logo uma scena que magnificamente prepara o espectador para a tragedia dos amores de Pedro e Ignez: aquella em que os conselheiros d'Affonso IV coagem o velho heroe do Salado, a consentir na morte da hespanhola, que elle para mais secretamente ido-

latra, e que a razão d'Estado lhe manda sacrificar, embora sabendo que tornará com isso o filho louco.

D'esses conselheiros, que foram ao mesmo tempo executores d'alta justiça, que maravilhosas evocações de patriotismo antigo a tirar, que bellas almas vibrateis para pôr em scena, e despertar com ellas o delirio sentimental d'uma platea nevrasthenica como a nossa! Fazer real na historia é encontrar o *quantum* de poesia epica e de humanidade, convenientes ao fabrico d'uma liga que seja carne e bronze ao mesmo tempo, e que vasada nos moldes que propuz, deite as figuras d'esses *conselheiros matadores* como outras tantas *secousses* do heroico, attingindo o seu maximo em typo humano. O processo d'esquadrinhar o real, na commettida do drama contemporaneo, e na do drama historico, divergem pois fundamentalmente. Um psychologo perito na reconstituição theatral d'um typo moderno complicado — por exemplo, o do banqueiro Burnay — póde ser inteiramente falho de faculdades para um trabalho identico no campo historico, e vice-versa. O theatro de Victor Hugo conta grandiosas restaurações do typo antigo, e to-

davia o poeta seria absolutamente grotesco na confecção do drama de costumes, com observações meúdas, e uma lingua paradoxalmente ironica, á Dumas filho. O motivo d'isto está talvez na abundancia ou na falta d'imaginação poetica, que amplifica no primeiro caso o campo de visão té para além do limite medio, permittindo ao artista resurgir sem esforço, das edades mortas, e em todos os seus torvelinhos e caprichos, o *mundo especial* que n'ellas se agitou — e que no segundo o restringe por fórma a só dar ao escriptor liberdade d'acção dentro d'uma area de coizas vistas, e a revoltal-o contra tudo aquillo de que os seus sentidos não apercebam o contorno geometrico, e a notação positiva e inconfundivel. *(a)*

---

*(a)* Dir-me-ha o leitor agora: mas foi precisamente essa imaginação poetica a unica faculdade artistica que você resalvou para os escriptores de theatro em Portugal, e segundo o seu verbo, essa faculdade devia ser para elles um precioso telescopio aproximador das edades reconditas da historia, e um inapreciavel meio d'evocação para os assumptos dramaticos propostos. Porque acontece então que mau grado esta faculdade, os nossos dramas historicos originaes sejam tão superficialmente bebidos na historia, deem tão pouco a illusão do antigo, venham tão fragmentarios

III — O estylo.

«É verosimil, diz P. Bourget, de quem maiormente tenho seguido a linha critica, n'este estudo — é verosimil que o dom d'escrever se acompanhe sempre d'ess'outro d'ouvir uma pequena voz interior, que dicta a phrase. Fa-

---

como *ensemble* ou pintura d'epocha, e aparte o guarda-roupa, possam passar-se em todas as epochas, e ser desfechados em todos os cantos do universo, sem que isso lhes comprometta maiormente a perspectiva illusionista?

— Tudo isso é verdade, redarguiria eu, mas que faz a imaginação poetica sósinha n'um cerebro falho d'outros dons? Em que auxiliaria ella, por si só, um dramaturgo, que ao tratar de pôr em scena por exemplo, a mocidade ou a velhice de D. João v, ignorasse pela base o seu assumpto, e não tivesse feito, antes do drama, monographias especiaes sobre cada um dos figurantes? Pôr uma madre Paula qualquer, a receber a deshoras, na cela d'um convento dos arrabaldes, um fidalgo de casaca de lantejoulas e bófes: fazer sahir d'estes amores uma menina, que no segundo acto é entregue a um jezuita, para ser educada em casa d'um desembargador, e que no terceiro apparece condessa e titular mysteriosa, n'uma quinta de Bemfica, com os arcos das Aguas Livres ao fundo, vindo a saber-se no quinto que a fideputa o é tambem de rei, e que sua mãe era uma fidalga que se fizera madre por causa d'uma escorregadella nos degraus do throno . . . — fazer um *imbroglio* d'estes em verso ou prosa, dialogado todo em quin-dins

zer passar o accento d'essa voz, nas palavras, eis o que é ter estylo; estylo que assim comprehendido, se torna para a critica, n'um elemento d'extraordinario valor.» Nada autobiographa tanto o escriptor como a sua fórma litteraria. Certas phrases dos *Maias*, com a

lamèchas, e com um *outeiro* no meio prá côr local — fazer isto, digo, e cuidar que se visionou a historia a primor d'inspiração — é, meus senhores, o mesmo que agarrar n'um frade de pedra, e escrever-lhe por baixo: *Apollo de Belvedere!*

Evidentemente se não houver na peça um sem numero de promenores e illucidações sobre o moral e o physico da epocha, se não conflagrarem no quadro, como lançadas ao acaso, e sem proposito, as carecteristicas d'aquella vida frivola e galante, piolhosa e doirada, devassa e mystica, que foi o reinado do Luiz XIV portuguez — se a madre Paula não provar na peça, por uma multidão de pequenos actos inconscientes, que é uma mulher de côrte, grande dama apezar do burel, e femea lasciva apezar dos cilicios e das phrases da *Imitação* — se o desembargador e o jezuita não disserem effectivamente, pelas cambiantes do typo, pelo tom da vóz, escolha dos vocabulos, linha ondulada ou erudita do pórte, a estofa intima das suas pessôas e mestéres: se a ordenação das scenas em que a intriga decorre, não fôr aproveitada para cercar essa intriga d'uma, omo direi? atmosphera propria, d'um ar do tempo, que evenha de tudo, das roupas, do scenario, dos modos d'an-

sua syntaxe enervada e cynica, são Eça de Queiroz vivo e fallante. Ha synthaxes musculosas, exemplo, a de Ramalho. Ha-as violentas, ex, a de Camillo. De collarinhos postiços e badine, como a de Chagas. De geleia e com jinjas dentro, a fingir rubis, como a de Lopes Mendonça.

---

dar, fallar, bolir, viver — se todos os episodios, typos, effeitos e particularidades da peça *dita historica,* emfim, não convergirem a um intuito unico, qual o de recompôr em quatro horas, restaurado a integro, um capitulo da passada vida d'um povo, queiram dizer-me então para que diabo serve a nossa tão fallada dramaturgia historica moderna, e apontar-me os motivos porque eu haja de saudar nos seus cultores, *des magiciens des lettres* sobrepujantes á mediocridade geral dos outros plumitivos.

N'este ponto o leitor adevinhará facilmente o que eu aqui não escrevo, e irá applicando a douctrina aos dramas historicos que fôr vendo representar n'esses theatros. Diga-me aqui com franqueza: quando vae pr'a casa, depois de ter visto em D. Maria o *Duque de Vizeu,* leva no espirito alguma coisa que lhe morda ao canto a figura do rei, do duque, e da donzella Theodora sua amante? Cheira-lhe a edade media, aquillo? A sua alma vibrou d'alguma outra coisa que não fosse o prestigio emphatico que ao seu coração de meridional produz sempre um comediante vestido de velludo, espadalhado e iracundo, a debitar tiradas d'orador d'opposição? O seu olho mergulha acaso n'algum

Os escriptores de pulso, de que o talento esclarece a razão transfiguravel, quando succede terem de fazer fallar no theatro ou no romance, um personagem concebido sob taes e taes dados psychicos, não raras vezes haverão que sacrificar o estylo á logica d'essas figuras, na mira do seguinte: dar a cada uma, pelo dialogo, uma vida independente—*ficando elles mesmos.*

---

desconhecido mundo de creneis e couraças, de mysticismo e barbaria, que o poeta lhe desenrola deante? Acaso o seu espirito vae, entre terrifico e surpreso, por uma arcaria de seculos, té aos arcanos da epocha que o dramaturgo lhe tenta visionar? Pois não é verdade que tudo aquillo é uma pintura de muralha, com vermelhos e azues, esparsos com mão destra, acredito, mas mão de broxante, que desconhece por completo a grande arte, e falseia as perspectivas da vida vigorosa? O leitor gosta da peça. Palavra, e eu tambem! Mas veja como isto é typico: eu que nunca mais posso esquecer o final do primeiro acto do *Frei Luiz,* e a scena dos retratos no palacio d'apar S. Domingos, eu que me não lembro do *Rei Lear* sem desarranjos de vida cerebral, saio sempre dos alexandrines dos nossos dramaturgos modernos, com vontade de cear—sem mais me lembrar da *Leonor Telles* servindo marmellada aos cortezãos, nem mais querer saber d'aquelle pobre duque de Vizeu, que expiou a punhal, coitado, por fallar tanto, em verso.

Ha romances de Camillo, sem ir mais longe, os *Mysterios de Fafe,* onde creaturas do povo dialogam entre si como personalidades vivas e pensantes, e não obstante, marcadas ao canto com a garra do escriptor genial que lhes deu vida.

O dialogo d'ellas reproduz maravilhosamente a cathegoria social e moral a que pertencem — sabe á profissão, sabe á religião, sabe á paysagem, sabe ao vocabulario local e ás tradicções—mas permanecendo povo, é ainda assim litterario, e mais ainda, camillesco. Aqui, a personalidade do artista é tão forte, que mesmo quando ella quer apagar-se por traz das almas que modela, e das vózes a que dá hausto, lá se escuta sempre, em surdina, aquella mysteriosa pequena voz que Bourget diz se transfiltra ás palavras, no acto d'escrever. Bem! vamos agora ao theatro, e dos escriptores dramaticos vivos, venha d'ahi um que tenha estylo. Queiram lêr as peças em prosa de Salvador Marques, de Gervasio Lobato, de Marcellino Mesquita e d'Abel Acacio; e dizer-me depois, se da obra d'algum dos quatro, salta coisa que cheire á consciencia das responsabilidades do escriptor, n'este ramo

especial da arte d'escrever. Já não digo da verosimilhança psychologica das figuras, que isso ficou tocado, embora ao de leve. Bato só n'este ponto: se os escriptores em questão, e outros que me esqueci de citar, souberam, nos dramas e comedias dados á scena, encontrar o estylo proprio dos seus assumptos. A *Perola*, de Mesquita, uma bonita fracção litteraria da *Dama das Camelias*, é dialogada toda n'um estylo tão chronica de modas, tão *ruban roze*, que até em casa da snr.ª Eugenia Smith faria riso.

Na *Claudina* d'Abel Acacio, os mais insignificantes personagens dizem phrases tão guindadas, tão *escriptas*, que o proprio Valenças mal ousaria empregal-as nos seus relatorios dos Albergues Nocturnos. E se acontece aquecer o dialogo, o espectador presta-lhes ouvido, mas sem se illudir com a identidade dos personagens dramaticos, e só deliciando-se como quem assiste a um debate de folhetinistas, no Salão da Trindade. *(b)*

---

*(b)* Entre estas generalidades asperas, ha ainda assim logar para alguns apartes. Ex: nos *Dois Dramas*, de Lino d'Assumpção, ha uma peça, *Eva*, cuja acção não tenho

Por aqui se vê quão longe os escriptores de theatro vivem da sociedade de que elles pretendem ser os censores e os educadores, e se adevinha quão ephemero deva ser o influxo moral que as suas obras devam de produzir na multidão. O theatro assim concebido, como uma instrumental de phrases litterarias, tocada n'um teclado de figuras de phantasia, movendo-se n'um fundo d'effabulação sem logica nem critica, o theatro quazi que não passa d'uma entretenga pueril para creanças, facilmente substituivel pela *marionette*. Hoje o talento d'escrever (no theatro mais do que em qualquer outra fórma litteraria) reside todo na arte do detalhe justo, que só é completa quando a maior somma d'observação psychologica directa, se compendia na menor somma de phrase escripta, e quando a saliencia muito viva da palavra cede antes logar a uma meia tinta lucida, a esse sublinhamento entre doce e

---

presente, mas de cujo dialogo me ficaram impressões modelares, sob os respeitos de ser um justo meio termo entre o familiar e o litterario, entre o dialogo fallado e o dialogo escripto, precisamente o ideal da forma, nas peças d'observação.

ironico, que tanto se compraz co'as complexas organisações do nosso tempo. Quem percorrer o theatro francez contemporaneo, reconhece isto: no dialogo, os effeitos de força são quazi sempre effeitos de *nuance*, e com um adjectivo no seu logar, uma visão resurge na mente do espectador, tão desmesurada e tragica, como se o artista a tivesse feito saltar em bandadas de metaphoras violentas.

Abordando as peças d'assumpto epico, historico, ou simplesmente lyrico, o vicio é identico: uma superfectação d'estylo, que não consegue disfarçar a pobreza dos meios picturaes do dramaturgo. Tem-se perguntado qual a razão dos nossos dramaturgos historicos tomarem de preferencia o verso para expressão dos seus espantos tragicos. Não é por certo a tradicção que os força. E se procurarem bem, acharão isto—uma necessidade instante d'artificio, auxiliar da illusão scenica, que a prosa com certeza lhes não consentiria. Com as tintinabulancias da rima, a catadupa das metaphoras, e a largueza do alexandrino puxando ás parelhas, a tirada, o espectador mal tem tempo para se aperceber do mais que falta à obra, de verdadeiramente artistico e inspirado.

Queiram percorrer por exemplo aquelle segundo acto do *Duque de Vizeu,* em que se trata da conjuração contra o monarcha. Não ha um só d'aquelles conspiradores, o mais indomito, que pareça ter consciencia do perigo que corre, vindo alli, e que pareça estar ao facto dos gravissimos assumptos pendentes das resoluções da assemblea. Tamanha parolice baba dos labios de todos, e tão superfluas explanações litterarias elles teem, ao menor pretexto, sobre os dotes physicos e moraes uns dos outros, que o dramatico d'esse acto cessaria, apenas os homensinhos se decidissem a fallar em prosa. Já lhes disse *(c),* e escuso de frisar mais este ponto, que em assumptos epicos, a noção do real não corresponde exactamente á dos assumptos contemporaneos. Aquelle real, em parte, é o real visto nos documentos da epocha, restaurado á custa do processo historico, sem duvida, mas accrescentado por ess'outro, o *real epico,* que é a amplificação, por via das faculdades poeticas, de personagens ou de factos cuja perspectiva seja necessario exagerar, para obter no quadro effeitos gran-

---

*(c) Pag. 15.*

diosos, isto sem falseio á logica da acção, nem quebra tam pouco da verosimilhança historica das figuras. Obras d'este folego teem todas uma base humana, é claro, mas não podem deixar d'exhalar-se n'um vago poetico, e de respirar uma atmosphera d'epopeia, absolutamente convencional no campo artistico. O estylo que pois lhes corresponde, não póde ser o tecido de palavras incisivas, cortado, brusco, subentendido quasi, resabendo á seccura ironica das almas de hoje, carregado de desdens e de negocios, que tão bem traduz nas peças de Dumas filho, o espirito scientifico e commercial do fim do seculo. Mesmo que essas peças se escrevam em prosa, ha-de ser um *estylo poetico*. Mas poetico, como? Ao modo antigo, deixando a rima puxar a rima, e a apostrophe rethorica desencadear vagalhões em que a intensidade tragica faz naufragio? Por certo não: o successo pallido dos ultimos dramas historicos, que demonstraram a exiguidade de recursos, quer psychologicos, quer litterarios, dos nossos poetas dramaticos, é prova cabal de que os antigos artificios da forma perderam a força, e nem mesmo já são supportaveis como reminiscencia archeologica.

A educação modificou a vibratilidade interior dos individuos; todos os antigos meios d'impressionar perderam a efficacia. O riso e a lagrima inda são provocaveis na turba, mas por meios diversos da *tirada* antiga, que é absotamente necessario exhautorar. Ora, os nossos dramaturgos historicos n'este ponto estão ainda no ramerrão discursivo do seculo XVII (em que a tragedia, toda narrada, fazia passar os lances de força em bastidores, para não incommodar excessivamente quem assistia á representação) e cumpre dizer que se a sua falta de habilidade é flagrante, no apparelhar d'uma peça de theatro, a sua incultura litteraria, ao vestil-a, chega a ser quasi uma vergonha. Façam-se os senhores lêr a distancia, versos de tres ou quatro tragedias portuguezas modernas, d'auctor differente, e vejam se são capazes de me dizer depois, pelo relevo esthetico das passagens lidas, o nome do poeta dramatico a quem ellas pertençam. Por mim confesso-me incapaz d'uma tal prova.

Tanto a maneira de lançar o verso, de conceber a metaphora, incrustar a imagem, achar a rima, são identicas, incolores, impessoaes, incaracteristicas, que impossivel se me faz

reconhecer a distancia, o auctor presumivel de qualquer d'aquellas obras. Dir-se-hia que é um poeta unico que as escreve, e que esse poeta é—toda a gente.

---

# AVISO

Ficará no proximo fasciculo concluido este estudo sobre o theatro. A amplitude d'elle, não nol-o deixou encerrar no pequeno espaço de 32 paginas.

FIALHO D'ALMEIDA

# OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 22 — 31 de Dezembro de 1890

## SUMMARIO

AINDA O ESTYLO EM LITTERATURA DRAMATICA — REQUISITOS DO ESTYLO HISTORICO: ERUDIÇÃO, SENTIMENTO DO ANTIGO, IDEAL POETICO, E SELECÇÕES DE CASTA E D'EXISTENCIA — DE COMO OS AMANUENSES NUNCA PODERÃO SER VISIONARIOS D'ALMAS E DE COISAS — A BELLEZA TECHNICA NO THEATRO, E INAUDITISMOS D'ELLA NA POESIA CONTEMPORANEA — OS RENOVADORES DA PHRASE EM PORTUGAL: SUAS ESCAPADAS NO GALLICISMO, E ANTAGONISMO FEROZ CO'A ESCOLA VERNACULA — MISSÃO DO ESTYLISTA NO ACTUAL MOMENTO — EVOLUÇÃO DA LINGUA LIT-

TERARIA, EM FACE DAS ACQUISIÇÕES SCIENTIFICAS MODERNAS, E SUA NECESSIDADE DE FORÇAR A SYNTHAXE PARA ATTINGIR O MAXIMO D'EXPRESSÃO — DE COMO A LINGUA PORTUGUEZA É DURA E POBRE, E NECESSIDADE DE A *desarticular,* SEM PREOCCUPAÇÕES—TRANSITORIO PAPEL DOS ESTYLISTAS: BALSAC E OS GONCOURTS, PRENUNCIANDO A MODERNA PROSA DE ROMANCE — PALAVRAS QUE SE GASTAM E PALAVRAS QUE SE DEFORMAM — VELHICE PREMATURA DE GARRET, E CREAÇÃO D'UMA POETICA NOVA — JUNQUEIRO, CEZARIO VERDE, GOMES LEAL, ANTONIO FEIJÓ—A POESIA EM OBRAS DE PEQUENO FOLEGO; SUA INCOMPATIBILIDADE NAS COMPOSIÇÕES D'ENFORMATURA MAXIMA, COMO O DRAMA HISTORICO — O QUE É O ACTOR? COMO SE ESTUDA UM PAPEL? — CONCEPÇÃO MENTAL DO PERSONAGEM, E SUA RESTITUIÇÃO SCENICA, POR VIA DE MANOBRAS EXTERIORES—DO PICTORESCO OU ESTUDO EXTERNO DO PERSONAGEM: VOZ, ARTICULAÇÃO, DICÇÃO, MOBILIDADE E PHISIOLOGIA ARTISTICA DO OLHAR, ARTES DE CARACTERISAÇÃO E GUARDA-ROUPA, JOGO DE SCENA, MIMICA, ETC.

---

*31 de Dezembro.*

Porque a linguagem do theatro historico moderno, *(a)* nem por os themas que elle escolhe serem recuados e lendarios, deve deixar de ser, como para o drama de costumes, uma lingua d'acção, vivaz e cutilante, embora requintadamente technica e litteraria, embora poetica, embora epica. Os que não padecerem da visão interior das figuras do seu drama, bem grandiosa, bem mordente, claro está que se não aperceberão d'ellas o sufficiente para

*(a)* Pede-se ao leitor, queira passar pela vista as paginas do fasciculo anterior, que fallam do estylo em theatro. As que vão ler-se, completam a minha ideia, sobre o assumpto.

as fazer fallar e actuar como seres vivos. Portanto, sendo a concepção historica má, como affirmámos, como poderia ser excellente o estylo, que é a representação fallada d'essa concepção? De mais, logo se vê que não podem ser medimus da historia, evocadores d'epochas desapparecidas, Christos ressurgistas dos grandes Lazaros tragicos d'algum dia, creaturas de trabalho e domesticidade, como os nossos actuaes poetas dramaticos, quazi todos amanuenses e alfacinhas, eivados de pequenas estreitezas de bolsa e de morada, e rescendendo portanto aos pontos de vista glabaros do ganha-pão. É vêr os seus prazeres e os seus estudos. Da historia, pouco mais conhecem do que o Moreira de Sá e o Bispo de Silves. Da natureza, das paysagens, do mar, do ceu, dos homens, aspiram só o influxo esthetico que lhes offerece a Rua do Ouro, á hora da bella sociedade ir p'ra Avenida. Inda que a educação litteraria d'elles fosse prospera, os defeitos d'origem negar-lhes-hiam sempre uma visão de coizas, fulgida; seriam almas poeticas, mas sem problema, sonhadores de mundos sem mysantropia fecunda, nem mysterio, burguezes incapazes de traduzir as violentas damnações

dos heroes e dos tyrannos, o enthusiasmo dos martyres, os mysticismos medievos do amor sensual, e todo o sagrado fervor dos grandes fanatismos!

Digam a um caixeiro de tenda, mesmo erudito, que lhes exprima em verso, D. João I. Por muito talento que o caixeiro possua, o seu D. João I ha-de ser por força o elogio historico do patrão.

Isto pelo que respeita á influencia que o assumpto da peça tem sobre o poder convincente da linguagem. Mas todos sabem que a expressão tem duas eloquencias, uma que o assumpto lhe presta, outra que propriamente lhe vem da aposição technica dos termos, e da sua construcção grammatical. Ora, queiram encarar ainda por este lado profissional, os poetas dramaticos que ahi temos. Vimos já como elles não eram visionarios d'almas e de coizas: veremos agora como tambem não são visionarios de palavras. Todas as formas d'arte teem a sua belleza technica. Na carpinteria do theatro, a belleza technica por exemplo consiste n'uma habilidade especial de cortar as situações, e de regular pelas entradas e sahidas dos personagens, não sómente a nitidez

dos grupos plasticos em scena, como tambem a conducção perfeita da intriga atravez o dialogo fallado.

Ha nas peças de Sardou combinações d'esta natureza, que aos profanos escapam, e que os iniciados reputam por verdadeiras obras primas d'officio, e maravilhas unicas de *savoir faire*. O que é na poesia a belleza technica? É a sciencia de valores euphonicos, a arte de fazer as cadencias syllabicas, de contrapôr as rimas, e d'avivar por artificios de synthaxe a significação colorista das palavras. Toda a gente conhece os schismas a que a belleza technica modernamente tem levado certos poetas francezes, de que é correspondente em Coimbra o meu estravagante amigo Eugenio de Castro. Alguns, de preoccupados co'a musica syllabica, d'entretidos a caçar sons que hypnolisem o ouvido, chegam a esquecer-se de que a toda a phrase corresponde um sentido, e de que as palavras fossem feitas para exprimir ideias, que não effeitos orchestraes. No theatro, uma tal monomania tem levado os artistas a incrustar de joalherias raras, figuras de que elles mutilam a anatomia, de proposito, por uma ephemera homenagem ao *tour de force*. Claro

está que isto é o extremo exagero d'esse furor de perfeição plastica em que modernamente se esgotam os homens d'arte, que prohibidos de visionar a vida, nas entranhas d'um typo ou d'um grupo, suprem pelas magnificencias da revestidura exterior, o que lhes falta d'evocação psychologica.

Entre este inauditismo exotico porem, e a forma decrepita e chôcha dos nossos actuaes poetas dramaticos, sem duvida ha logar para uma continua e fecunda renovação da linguagem, pelo numero—pelo numero, que não é só o segredo do encanto no verso, senão está fazendo da prosa contemporanea, exemplo a de Flaubert, uma orchestra magnifica e incomparavel. Exaltemos todos esse furor de renovação, santelmo d'arte, sem o qual de ha muito se teriam obcecado as gerações, e estaria morta a arte d'escrever.

Exaltemol-o sobretudo nas lettras, sem dar ouvidos aos que prégam que o primeiro dever d'um escriptor nascente, é lêr os classicos, e cingir a forma, quanto possivel, á dos antigos escriptores.

Nada nefasto a um prosador ou a um poeta em debute, como a adopção incondicional d'este

conselho. Os que o teem dado á mocidade, ou são cretinos que trazem dos paes, de cór, este fetichismo banal pelos velhos livros, ou então escriptores bichosos, incapazes de progresso, e que pretendem amarrar os mais á manjedoura onde elles se estiolam a rilhar a palhada classica. Acresce que necessitando a litteratura d'observar e reflectir as impressões da vida, e sendo a actual uma amalgama d'interesses e luctas d'antes ignoradas, uma feira franca d'industrias e sciencias novas, de sensações antipodas, d'ideaes formilhantes d'exotismo — conhecimentos, aspirações, modernidades emfim, que nós não inventámos, e cuja terminologia foi necessario expropriar dos paizes onde ellas nasceram — a lingua que necessariamente ha-de ser o instrumento d'expressão de todo aquelle tumulto, claro que não póde ser bebida no vernaculo, senão incrustar-se, pelo menos por agora, d'estrangeirismos. A forma eterna não existe. Á sensibilidade de cada epocha corresponde uma lingua e uma technica originaes, tanto mais complicadas e perfeitas, quanto mais nos approximemos do presente. A este respeito, quando os conselheiros da litteratura fallam em reformar o

theatro portuguez, pela adaptação de Gil Vicente á scena contemporanea, a minha vontade é correl-os da critica, ao cachação, porque essas cavalgaduras, ou não conhecem o espirito do seu tempo, ou não leram de certo Gil Vicente.

Uma coisa que muitos teem pensado, e poucos dito, é a seguinte: a antiga lingua portugueza é mais pobre do que se cuida. Tem quando muito, synonymos, mas pouquissimas qualidades que a tornem efficaz para exprimir um certo numero d'estados, paysagens e emoções, sem recorrencia ás linguas paralellas. Por exemplo, carece absolutamente de maleabilidade, e como côr, se vigorosissima para os effeitos violentos, e para os contrastes, é impossivel, sem a desarticular, obter com ella effeitos de *nuance,* os mais preciosos agora em bellas-lettras. Comprehende alguem uma paysagem de hoje, feita á maneira das lambidas descripções da *Historia de S. Domingos de Bemfica?* A prosa de Lopo de Sousa Coutinho, alguem a toleraria hoje, applicada á consagração das façanhas que os batalhões academicos hão-de praticar, salvo contraordem, em Moçambique? Que se respeite quanto possivel o fundo etnico da lingua, nas suas

possiveis relações com as necessidades da expressão contemporanea, aceito e applaudo; mas sem sacrificar um só instante as minudencias da analyse, e o pictoresco da visão evocada pelas palavras, ás mesquinhas peias da ortoepia antiga, e aos na sua maior parte banaes modelos classicos. Percamos por algum tempo as preoccupações da posteridade. Estamos n'um periodo em que toda a obra d'espirito é transitoria, porque ella é ao mesmo tempo o fim d'um seculo, e o começo d'outro, bem differente. Os esforços de nós outros, sabios e artistas, nada podem mirar de cristallographico e d'eterno. São labores de trapeiro, lufa-lufas d'accumulação sem recompensa, informes, obscuras, desesperadas, archi-doidas, de que só as gerações vindouras gozarão fama e proveito. Deixem portanto entrar na lingua portugueza, pela birra d'alguns trabalhadores reputados de não quererem escrever portuguez correctamente, todo esse pandemonio de termos arrevesados, d'expressões technicas mas sem cartas de naturalisação definidas por emquanto, de phrases sem estructura grammatical colhida nos chronistas, porque esse trabalho é sagrado, mesmo não agradando aos puros gulosos do portuguez

sem macula nem mistura. Sim, esse trabalho é sagrado, pelas inexhauriveis riquezas que introduz nos thezouros da expressão, pela variedade insolita de rythmos novos que transfiltra, e finalmente pela maravilhosa agilidade e elegancia que em parte já conseguiu meter no periodo portuguez, originariamente rigido e monotono, tornando-o collante como uma pellica, a todas as cinzeluras da ideia, e apto, como elle d'antes não era, a todas as mimicas da alma, e a todas as microscopias da impressão.

Certo, eu não me illudo! O portuguez litterario de hoje, como eu o entendo, não é lingua em que se escrevam livros para escolas, nem trabalhos que juntar aos annaes litterarios dos grandes seculos. Mas nem por isso os afrancezados que actualmente lhe prestam a plasticidade gracil que elle não tinha, nem por isso os phantasistas que o incrustam de vocabularios d'artes novas, sciencias e industrias novas, devem de ser postos de banda, como charlatães dignos d'apupo. Quando um dia se fizer na lingua portugueza a transfusão juvenil que é necessaria, e d'esse cahos que é a linguagem de hoje, brotar uma lingua nova, vigorosissima, alada, cheia de buzinas e flau-

tas, de tempestades e cicios, então se verá como o papel d'aquelles obscuros obreiros foi consciente, e que porção d'imaginativa e ficção poetica elles lograram transfiltar na antiga lingua, mais propria para discursos, do que para livros d'analyse e de visão.

Todas as epochas litterarias de resto teem tido d'estes incrustadores e mosaistas, sedentos d'inedito. Quem percorrer as *Viagens* de Garret, reconhece á legua, na ductilidade maravilhosa dos seus periodos, na diversidão dos rythmos, na procura fugaz de certos modos de dizer, profundas suggestões da litteratura franceza e ingleza, trazidas do exilio. Quando em França vieram a lume, ha trinta annos, os primeiros romances dos Goncourts, a sua forma atormentada, a sua dolorosa procura do epitheto raro, e o seu tresvio proposital dos rythmos consagrados á factura excessivamente grammatica do periodo, sublevaram os criticos, por forma que a injuria pessoal supriu apopleticamente a discussão scientifica, e critico nenhum, que ao mesmo tempo fosse um quazi nada philologo, soube explicar aquelle esforço dos dois artistas, por essa lei vital da linguagem que ensina que as palavras estão subjeitas

a deteriorações organicas, como coizas vivas, teem periodos de plenitude e de regresso, e que o uso as púe, e a velhice lhes faz perder o valor circulante, d'onde a necessidade de as renovar e dispôr constantemente em grupos ineditos, e de fazer com ellas orpheons que mordam bem no ouvido. Todos se recordam talvez da critica de Sainte Beuve, ao livro de Balsac: *Memoires de deux jeunes marees,* biblia d'amor que as mulheres devem lêr antes da *Imitação de Christo,* e ácerca de cuja essencia poetica e de cujo estylo, não ha mais controversias, hoje em dia. É um livro de coração e de linguagem revelada. Pode-se escrever mais pintado, mas a perfeição alli chega, e aquillo é eterno como o marmore. Pois meus amigos, a opinião da critica coeva foi que o assumpto das *Memoires de deux jeunes mariécos,* era immoral, e quanto ao estylo, pura aravia de cocotte... mulata! Decorridos trinta annos, acha-se o seguinte: toda a moderna prosa de romance, deriva de Balsac e dos Goncourts, em linha recta, como de renovadores uberrimos e magnificos. Os seus exageros tomaram curso na lingua, as suas phrases arrevesadas, a sua paixão do termo technico, a sua monomania do de-

talhe mendo, *à outrance*, tudo isto que d'antes era vicio e excrecencia, campeia agora entre os mais bellos requisitos da educação d'um prosador, e mercê dos esforços d'aquelles tres grandes visionistas da palavra, teem os francezes uma lingua rara, desarticulada até á *jongleric*, mordente e viva, e prestando-se, como nenhuma outra, admiravelmente, á interpretação dos mais subtis cambiantes do pensamento.

Entre nós, alarga-se o horisonte no processo litterario, a observação e a experiencia são proclamadas meios fundamentaes da concepção artistica? Pois bem: tanto maior necessidade d'irmos aos mercados da Europa fazer provisões de materiaes reparadores, vocabulario mais technico, e typos de periodo mais ligeiros — lurbinas e cursores emfim, de que a nossa prosa ha mister, para fazer curvetear sem tropeço, o pensamento.

É por exemplo este o caso d'Eça de Queiroz, como prozador do nosso tempo. Certo, não é propriamente portuguez o que elle escreve. Mas em que lingua queriam os senhores que elle escrevesse a edição definitiva do *Padre Amaro?* Na prosa de Chagas, na prosa de Latino Coelho? Os que admittem a possibilidade

d'este absurdo, não fazem a menor ideia das incompatibilidades reconditas do problema.

Já fiz notar que as palavras se gastam, como as medalhas, pelo uso, e que a côr das phrases, a acção do tempo a dilue e murcha, como a tinta dos estofos e dos quadros. Umas tornaram-se bassas e soam rachado, outras turgeceram de succo, variaram outras de sentido, e enfim algumas, carregadas de *nuances,* furta-côres como certos *failles,* teem de ser usadas só de longe em longe, com uma estremada prudencia e discrição. De vinte em vinte annos, na vertigem de vida cerebral que tudo queima, o idioma varía, como as ideias, ao sabor de milhares de correntes indomaveis, vindas, como expliquei já, de toda a banda, da sciencia, da arte, da industria, do cosmopolitismo das viagens, dos caprichos da môda, das monomanias gloticas do momento: e d'esta fórma não ha meio de sustar que entre na lingua, com as perolas, o lodo dos enxurros, lodo que por ser lodo, fertilisa como um humus, bem apezar dos exorcismos dos grammaticos. *(b)*

---

*(b)* A vida contemporanea, com os seus mixtos de paixões e d'interesses, com as suas fortes preoccupações

Quem se não apercebeu já, lendo por exemplo as *Folhas Cahidas* de Garret, ha quinze annos ainda entre nós consideradas como a maravilha lyrica por excellencia, que muitos d'aquelles versos deixaram de ser versos, e que foi a certeza d'isso que deu azo á formação d'uma poetica nova, refulgente nos sonetos d'Anthero, nos alexandrinos de Junqueiro, nas descriptivas de Gomes Leal e de Cezario, nas lyricas de Antonio Feijó e de Queiroz Ribeiro, e infinitamente mais longe da prosa do que a poetica de 1830, mais escripta, e mais inacessivel portanto ao gosto inculto dos que vivem fóra d'uma certa iniciação? *(c)*

Cada vez mais, á medida que esta especialisação da lingua poetica caminha, o vocabulo

---

de dinheiro, tem a sua melhor forma d'expressão *n'uma prosa complexa e multiplice, que registre as cifras e se permitta termos de calão, que vá até á technicidade scientifica, e no entretanto, em certos momentos, module um canto, ou nos mostre uma paysagem.»*

*P. Bourget.*

*(c)* Os elementos d'esta linguagem especial consistem principalmente na importancia da rima, e na vida independente que os poetas pretendem dar a cada um dos seus versos.

se faz raro, e o rythmo libra a essencia do verso, divorciando-o da prosa, aos transcendentes olympos da musica, e aos processos de relevo da pintura. Ora, qual ha-de ser a consequencia logica d'esta marcha? Ha-de ser a seguinte:

— Pelas saliencias da rima, e pelos timbres exoticos da expressão, a poesia torna-se, *ipso facto,* n'um preciosissimo transmissor d'objectos visiveis: e eis porque os parnazianos *descrevem* d'uma maneira tão inimilavel.

— Pelas preciosidades da *nuance,* e pelas suggestões patheticas em que o espirito do poeta se banha, buscando o filão recondito da vida, a poesia, cessando de vêr largo, para vêr minucioso, desvirilisa-se *ipso facto,* e como instrumento d'indagação psychologica, só póde

---

«Quem estudar Victor Hugo, vê que as palavras essenciaes da phrase, collocadas na rima, fazem como que uma articulação visivel ao periodo poetico, e verá tambem que muitos versos formam um todo isolado, graças ás relações inesperadas das palavras, á harmonia sabia das syllabas, e á escolha d'um vocabulario mui pictoresco. São isto processos de relevo, que refundem o velho metal da lingua velha, e o juvenescem para a esculptura da poesia.»

*P. Bourget.*

applicar-se á dissecção dos pequeninos problemas interiores — razão porque os nossos poetas modernos, os maiores, os mais divinos, só estão á vontade em composições de poucas estrophes, sempre que o thema d'ellas seja psychico.

Comprehendem agora como estas duas proposições levam a est'outra: a linguagem poetica, pela evolução que toma, tornou-se absolutamente incompativel com as composições theatraes de grando folego, e orgão de phantasia e de capricho, só poderá servir, quando muito, para entreactos de fragil arcabouço. Applicar o verso moderno á litteratura mascula que é por exemplo o drama historico, de duas, uma: ou é dar mostras d'inconsciencia artistica, pela má escolha do estylo, e pela sua falta d'adaptação ao assumpto; ou é tomar a poesia como artificio distrahidor de faculdades dramaticas que faltam, e ficaram ditas no fasciculo anterior, e incorrer por consequencia n'uma suspeita de mesquinharia e má fé, indignas da arte.

E assim, ao cabo d'explanações já longas para as dimensões actuaes d'este pamphleto, e que ao pueril leitor haverão parecido som-

niferas, chego a concluir que a actual litteratura dramatica original, é, no fim de contas, quasi tão inferior como a traduzida.

O afastamento é o mesmo, quer na comprehensão do assumpto, quer no cultivo da linguagem, e todo o meu amor das lettras patrias, posto em jogo, pensando bem no alcance d'essas obras, por mais que faça, não tenho coragem para pedir ao publico faça por ellas um sacrificio. A primeira coisa que lhes falta é o talento, e depois do talento falta-lhe quazi tudo o mais. Recapitulo portanto a summula dos fasciculos que já escrevi sobre o theatro, e concluo:

—Os logares são mãos, e as peças são peores. Logo, o que haveria no theatro portuguez digno d'interresse?

—Haveria os actores...

—Bem! vamos lá aos actores.

O que é um actor? O esculptor de si proprio, «um pintor de retratos, diz Coquelin, que depois de os ter pintado com a sua carne e o seu sangue, se decide alfim a animal-os de

vida psychica, transfiltrando-lhes nos corpos a sua propria alma.» É por consequencia o actor um ser duplo, dentro de cuja carcaça *alguem* concebe o personagem, tal como elle se fez no espirito do escriptor, para logo outro alguem traduzir em vulto, a concepção, servindo-se para isso d'aquella mesma carcaça, convenientemente plasticisada sob os seus dedos destros e mandados. É um ser feito de dois, e vou dizer. *Um* que cria e ordena como mestre, *outro* que obedece e executa como servo. Na creação pois d'um typo scenico, ha dois labores inconfundiveis: a composição mental da figura, e a modelação e restituição d'ella ao publico, por via de manobras exteriores. Se estudamos o primeiro, hemos que desdobral-o ainda, d'esta fórma:

*a* — concepção mental do personagem, subordinando-a ás relações e afinidades do meio social que a peça synthetisa.

*b* — concepção do personagem, considerado em si e isoladamente.

Se estudamos o segundo, isto é a restituição da figura ao publico, o papel representado, haveremos que considerar tambem os seguintes pontos:

*c*—pictoresco, ou o estudo externo do personagem.

*d*—vóz, articulação, dicção, e olhar.

*e*—caracterisação e vistuario.

*f*—jogo de scena, mimica, etc.

*g*—justeza e unidade no personagem, etc.

O especificar detalhadamente cada um d'estes grupos de factores artisticos, a que o actor tem d'obedecer, e de cuja observancia total sae a creação scenica, inteira e ovante, seria trabalho digno d'apaixonar um analysta menos sacrificado do que eu, a restringir, por falta d'espaço, as desinvoluções e subtilezas que o assumpto comporta. Infelizmente porém as minhas notas haverão que ser quazi em estylo de telegrapho, ficando aqui, em vez de critica, apenas um esqueleto ou summario, que outros desenvolverão depois, com mais vagar. E isto dito, comecemos.

I—concepção mental do personagem, em si, e nas suas relações com o meio *(a* e *b)*.

Por si só, o estudo do meio social, ensina ao actor a natureza historica e moral do personagem, cercando-o logo d'atmosphera sce-

nica, e destacando-o n'um fundo de quadro, que quando entrevisto nitido pelo actor, não mais lhe faz perder pé na interpretação do papel. Como entrever então esse fundo de quadro? Estudando o actor a peça inteira, por successivas leituras, em vez de restringir o seu trabalho só á retentiva da parte que lhe foi distribuida, como entre nós succede. O conhecimento da peça por completo, fixará no espirito do artista as linhas mães do quadro social que se pretende, com as suas caracteristicas d'epocha e de classe, se as houver, topicos estes que lhe guiarão o senso artistico depois, á descoberta das outras nervuras principaes do personagem. Estas primeiras noções obtidas, nada impede que o comediante as desenvolva e aperfeiçoe por outras vias, livros de historia e de biographia, de memorias e d'analyse social complicantes c'o assumpto, ou emfim, observações do natural, colhidas nos meios que de mais perto digam c'o meio social da peça. É este tambem o trabalho difficil, e as inducções que elle exige, os unicos actos mentaes em que se toma pulso a um artista superior. Uma vez conseguida a integração da figura no quadro, a composição mental d'ella, isolada, é pou-

ca coiza, e mil recursos e pequenos artificios scenicos ahi estão p'ra a auxiliar. Trata-se de fazer um avarento, Harpagon por exemplo. O actor escolherá de muitos avarentos, para formar a alma d'este, não os caracteres seccundarios e facilmente anomalos, de todos, senão os caracteres distinctivos, fixos, ou como se diz na classificação zoologica, dominadores. O seu conjuncto dar-lhe-ha então a concepção do avarento isolado, do avarento em geral, que já se vê, não é um certo. Mas como o meio social modifica os typos á sua feição, o avarento que se pretende sae da figura obtida pelo processo supra, modificada por todas as condiccionaes que o estudo cuidadoso da peça fornecer, e mais por aquellas que o artista colha em flagrante, observando na vida, typos similares do que vae crear. D'esta forma já o publico não dirá, vendo Brazão ou Joaquim de Almeida: — Bem sei, isto é Brazão! Bem sei, isto é Joaquim d'Almeida—nem tam pouco:— Isto é Shylloc, ou é isto o pae Grandel...

Mas ha-de dizer por força:

—Isto é Harpagon!

Tal a doutrina. Agora, que respeito inspira ella em palcos portuguezes? Eu lhes di-

go. Salvo um ou outro caso raro, não inspira respeito nenhum. O estudo dos meios sociaes é lettra morta, a quazi totalidade dos nossos actores nem sabe o que isso seja, e é a razão porque em peças de guarda-roupa, como ainda ultimamente na *Morta,* cada actor se vestiu como lhe aprouve, e caracterisou e exprimiu como lhe fez conta.

Em parte, a culpa é das peças; nas originaes, porque sendo ellas um apontoado de scenas inventadas, sem observação, nem theze, nem razão philosophica flagrante, esse meio não existe, ou é tão vago e incongruente que não vale a pena o actor afinal-o, sob pena de parecer mais papista do que o proprio dramaturgo; nas traduzidas, porque esse meio escapa ainda, ou mesmo não interessa, estando portanto o actor naturalmente dispensado de o curar.

Dir-me-hiam agora: — todas essas deficiencias d'estudo do actor, pódem ser supridas pela explicação dos ensaiadores e dos proprios auctores dramaticos, os quaes por via d'ensaios repetidos, e conselhos, restabeleçam na peça a afinação e a logica que todo o desempenho quer, p'ra não redundar em charivari. Ora isto

seria bom, se os nossos ensaiadores não fossem actores falhados, que as emprezas mantem por caridade, e se os actores estivessem dispostos a ouvir, sem desdenhosa solercia, as observações dos dramaturgos. Todos sabem como se faz, por exemplo em D. Maria, o preparo d'uma peça. Os actores apoderam-se dos papeis, de que mais gostam, e não d'aquelles que por suas desinvoluções e cambiantes mais lhes vão ao temperamento. A cada momento essas tumultuosas escolhas dão conflictos entre empolgadores do publico, rivaes, actores e actrizes: e ensaios da peça, marcação de scenas, *toilettes,* tudo é subordinado aos acasos do *brilhante* que o galã tal e o centro tal, contam tirar de taes e taes situações. Por vezes, quando os actores se lembram d'achar os papeis pallidos ou mesquinhos, e não podem a uma certa altura da peça, esmagar o rival, eil-os exercendo pressão sobre o escriptor, a que este amplie, aqueça, côrte, modifique, as passagens que se lhes afiguraram insufficientes para as escamoteações do applauso cubiçado. Ha assim peças que ao chegar á primeira noite, já não conservam da factura primeira, senão bocados descosidos, porque o actor pre-

ponderante as declarou nos ensaios, sem condições, e porque o dramaturgo transigente o que quer é ganhar a sua vida. Sei que isto é muitas vezes motivado pela debilidade technica das peças, pela falta d'espirito e viveza nos dialogos, e pela ausencia d'interesse nos enredos, mas não posso deixar de dizer que esta collaboração forçada do actor, na substancia litteraria d'aquellas obras, destroe completamente o prestigio do escriptor perante o actor, mal dispondo portanto este, para aceitar d'aquelle, objecções.

D'esta maneira *afinado,* sem indagações de caracter psychico por banda dos artistas, sem uma adaptação cuidadosa da indole dos personagens da peça, á indole dos comediantes, sem explicadores eruditos, nem cicerones experimentados, é claro que o desempenho d'uma peça jamais logra de ser uma maravilha de justeza. Se ella ainda tiver predicados de folego, lá conseguirá resistir ás arbitrariedades que os actores lhe fazem soffrer; em caso contrario o desastre é eminente. Se já viram a *Morta,* hão-de reconhecer a tristissima razão do que estou expondo. Onde, entre os numerosos papeis d'aquella tragedia, um desempe-

nho d'actor, um só, que revele a concepção mental do personagem? e onde no *ensemble* da peça, d'um acto unico, d'uma scena, coiza que cheire a estudo d'epocha, e a uma restauração do meio social?

Sabe-se que a peça é medieva por os actores vestirem de guarda-roupa, fallarem em verso, e atirarem as pernas como quem faz girar, sobre uma planta de casa de banhos, os bicos d'um compasso. Sabe-se que João Roza é Pedro primeiro, por todos lh'o chamarem, não que os seus fungos de choro e berros de vitello visionem o lado sentimental e justiceiro d'aquelle rei. Cada qual alli vestiu-se como quiz: ha fidalgos contemporaneos de Ignez, com botas d'elastico; as damas somenos trazem capirós e chailes do Grandella, emquanto as principaes se embuçam, como Virginia na scena da cripta, em *sorties de bal* do ultimo modelo parisiense. Por qualquer lado que se aprecie o desempenho d'esta obra, a curta vista dos actores surge a momentos, com verdeiros *parti-pris* d'irresponsabilidade e incomprehensão, só comparaveis á ligeireza d'alma com que o auctor d'ella, abordou, em versos d'album, um assumpto que só poderia ter

vóz em versos de Shakespeare. O que ha-de ser, senhores, pois se elles estudaram todos a côrte de Pedro I, nas *Doidas em Paris,* do Montepin!...

II—*(c)* suppõe-se então concebido o personagem; trata-se agora de lhe dar materialisação sobre o tablado. Porque maneira? Ha uma unica: adaptando a figura do actor, quanto possivel, á representação plastica do *caracter* estudado.

Já fiz sentir como o actor se desdobrava, ou devia desdobrar, n'um que via, e era a alma, e n'outro, o corpo, cuja missão estava em cumprir as metamorphoses exigidas por aquella. Acrescentarei: quanto maior o ascenso psychico d'um, sobre a transformavel argilla do outro, tanto mais bem disposto o artista para as creações da scena. O ideal seria que o seu corpo, como uma cera molle, tomasse sem reacção todas as formas que o estudo interior dos papeis lhe suggerisse. Entanto esta harmonia funccional é absolutamente theorica, assim perfeita, e quando n'algum homem de theatro chega a dar-se, em approximado, o

artista que reznlta é uma creatura de prodigio. O frequente no actor é algum dos *dois* sobrelevar ao outro, em certos pontos. Por exemplo, Antonio Pedro, que era o specimen do genio inconsciente, reagindo sobre uma figura passiva de macaco, só em papeis de caracter macabro e plebeamente tragico, como o *de profundis* do *Sargento mór de Vilar,* o *Paralytico,* e o coveiro do *Hamlet,* conseguia ser prodigioso, e todos os papeis de homem de sociedade lhe falhavam.

Esta parcialidade explica-se por uma falha nos meios materiaes de dar vulto ás visões do genio creador. Por identicas razões Coquelin tem levado a vida a evitar os galãs dramaticos, e Lucinda deixa completamente em branco os papeis sentimentaes e apaixonados. É o temperamento, a educação, os latejos intimos da indole, os recursos externos da figura, do olhar, da vóz, etc., a lhes prohibirem de visionar certos relances da existencia, e a lhes apontarem outros, dentro de cujo schemma caibam a expansibilidade e a porção de sonho que os anima. Aqui o espirito cria, mas o corpo recusa-se a exprimir. Póde acontecer tambem o caso inverso, isto é, ser obe-

dientissima a argilla plastica, e não haver todavia sobranceira a ella, uma intelligencia indagante, que a transfigure e domine, a seu mister. Eis a caracteristica dos actores de meia tijella, a caracteristica da mór pleiade dos nossos comediantes actuaes, que faltos d'estudo ou faltos de talento, o certo é que não curam da psychologia dos papeis, e recorrem a artificios sem probidade, como certos tics de caracterisação, de mimica, vóz, etc., para deitarem poeira nos olhos da platea. São os exclusivistas do recorte exterior do personagem, os escamoteadores do pictoresco, que reprezentam decalcando, e que teem restringido a arte de reprezentar a meia duzia de receitas d'almanak.

Entendamo'-nos todavia: é necessario não desleixar o estudo externo da figura, mas sem fazer d'ella móla real de qualquer especie de sucesso dramatico. *(d)*

---

*(d)* «... eu não vou contra a ideia do actor colher na natureza, traços particulares que digam o homem interior, porque é um dos recursos do comediante, surprehender e notar de passagem os signaes e particularidades externas, dignos da scena. Entanto cuido que se devem co-

Coquelin já tinha escripto «é do caracter que tudo parte. No theatro, como na vida, a alma é que dá relevo ao corpo, a conformatura do espirito quem amarfanha de tal e tal maneira, a physionomia e a estatura». Vejam as companhias de quazi todos os theatros de Lisboa, mencionadamente as do Gymnasio e da Trindade... ellas permittindo-se alterar o texto dos papeis, gaguejar as fallas, pôr estribilhos e trucs de seu invento, explorando até á nausea o sentido duvidoso das reticencias, deformando as intenções, insistindo em tics de mimica e caracterisação que nem palhaços... e para cumulo de miseria, a critica dos traductores lisongeando-lhes quotidianamente estes baixissimos processos de factura, e não querendo vêr que este monstruoso abuso do detalhe exterior, sem escóras artisticas d'outra pujança,

---

lher sómente os traços significativos, e adaptal-os com discrição, evitando os que sejam puramente individuaes.

Seria por exemplo erro palmar, reproduzir um certo avarento, conhecido nosso, ao querer mostrar Harpagon ao publico, Harpagon que é todos os *avarentos,* e de que o actor, procedendo como acima, só conseguiria dar um dos recantos episodicos do caracter.»

*Coquelin ainé.*

leva forçosamente á caricatura e á *marionette,* e corrompe o gosto, por forma que o publico, perdida a noção real do actor e da arte scenica, vae procurar nos palhaços do Colyseu, o supremo da *pochade* de que os actores portuguezes lhe forneceram d'antemão os urdimentos. Quanto á porção de prazer que infunde no auditorio esse pictoresco com que por ahi se intruja, nada eu conheço de mais fugaz como artificio. O espectador, apenas entrado o actor com o seu tic, não pensa mais n'elle, ou fatiga-se e enfurece-se, no caso da empolgação teimar como se lhe meter á cara.

Toda a creação d'arte scenica externamente se traduz, dissémos, por processos de communicação fallada, mimada, e visuada—permitta-se.

*(d)* Depois do estudo interior do personagem, o preparo da vóz que lhe corresponde, será o primeiro cuidado do actor meticuloso. Pensar que o artista deva applicar á scena, a vóz de trazer por casa, é exhautorar a arte d'um dos seus mais empolgantes meios de catchése. A diversidade é uma das caracteristicas da vida. Duas cabeças não pensam egual, duas sensibilidades raro teem reacções identicas: assim as vózes que exprimem as ideias de duas

cabeças, e as reacções de duas sensibilidades, não pódem ter valores acusticos e qualidades d'estylo similares. Mil determinantes auxiliarão pois o artista na descoberta da vóz conveniente ao personagem. Todos sabemos que ha vózes profissionaes: a do homem do mar divergindo da do fadista, a do negociante destrinçando-se completamente da do medico e da do orador. A vóz variará tambem na proporção das determinantes psychicas da figura: os hypocritas não fallam como os francos, os simples não articulam como os cynicos, os audaciosos teem um timbre diverso dos acanhados. Hamlet não póde ter a mesma vóz do que Romeo, o timbre d'Yago deve evitar o clanglor vingativamente heroico d'Othello. Cultura, edade, feitio intimo, suggestões de meio, factores moraes, eis os pollegares sob cuja pressão o filete de vóz molda o caracter, como um macio barro, d'onde o artista fez sahir, alada, uma esculptura.

E ao sabor d'estes agentes, não é só a qualidade dos termos que muda, mas o timbre, o folego articular, a maneira d'emittir e precipitar os periodos na dicção, e toda a habilidade do actor estará em fallar o personagem,

desenhando-o, profilando-o, *de sorte que até os cegos possam vêl-o.* Ora n'este ponto, eu tenho visto fazer em D. Maria papeis de sexagenario, com timbres de capão, e velhas princezas de Dumas, n'uma preciosidade tal de fallas, e regateirismo d'accento, que as matarieis logo por costureiras e patròas de casas de hospedes, viajando incognito.

LPor
F438g

153065

Author Fialho D'Almeida, José

Title Os gatos, 3, 1890.

DATE.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Ref. Index File"
Made by LIBRARY BUREAU